

MESTRADO
COMUNICAÇÃO E GESTÃO DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS

José Rodrigues: roteiros da arte para uma
aplicação móvel
Ana Sofia Martins de Oliveira

M

2019



Ana Sofia Martins de Oliveira

**José Rodrigues: roteiros de arte para uma aplicação móvel
(Volume 1)**

Relatório de Projeto realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, orientado pela Professora Doutora Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto e coorientado pela Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2019

José Rodrigues: roteiros de arte para uma aplicação móvel
(Volume 1)

Ana Sofia Martins de Oliveira

Relatório de Projeto realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, orientado pela Professora Doutora Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto e coorientado pela Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

Membros do Júri

Professor Doutor António José Machuco Pacheco Rosa
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Lúcia Rosas
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Declaração de honra	8
Agradecimentos	9
Resumo	11
Abstract	13
Índice de ilustrações	14
Índice de tabelas (ou de quadros)	17
Lista de abreviaturas e siglas	18
Introdução	20
1. Enquadramento	22
2. Motivação, objetivos e necessidades	23
3. Método, metodologias e ferramentas	26
Capítulo I - As Tecnologias de Informação e Comunicação e as Indústrias Criativas	36
1.1. Síntese da revisão da literatura e estado da arte	36
<i>1.1.1. Cultura Digital</i>	36
<i>1.1.2. As Tecnologias de Informação e Comunicação e Indústrias Criativas</i>	38
<i>1.1.3. A Sociedade em rede</i>	40
<i>1.1.4. Comunicação e Plataformas Digitais (PD)</i>	42
<i>1.1.5. As Aplicações para os Dispositivos Móveis. O Turismo e as apps</i>	44
1.2. A Construção de Narrativas e Storytelling	45
<i>1.2.1. O conceito de Storytelling</i>	45
<i>1.2.2. O Processo de Criação em Digital Storytelling</i>	47
1.3. O Turismo na divulgação da app	49
Capítulo II – José Rodrigues, a vontade de transformar	51
2.1. A obra de José Rodrigues	51
<i>2.1.1. A ESBAP e os Anos 60</i>	51
<i>2.1.2. Os Quatro Vintes (1968-1972)</i>	57
<i>2.1.2.1. Realizações paralelas aos Os Quatro Vintes</i>	62
<i>2.1.2.2. Participação na XII Bienal de São Paulo</i>	63
<i>2.1.2.3. A participação na Bienal de Veneza</i>	64
<i>2.1.3. Cinetismos. Esculturas em Chapa Recortada</i>	64

2.1.4. <i>Os Jardins</i>	66
2.1.5. <i>Salomé e S. João Batista</i>	68
2.1.6. <i>Cristos</i>	71
2.1.7. <i>Espaços Cénicos</i>	73
2.1.8. <i>Medalhística</i>	74
2.1.9. <i>Outras expressões artísticas</i>	77
2.2. Espaços Culturais	77
2.2.1. <i>A Cooperativa Árvore</i>	77
2.2.2. <i>O Convento de S. Paio</i>	79
2.2.3. <i>A Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira</i>	80
2.2.4. <i>A Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR)</i>	81
2.3. As encomendas. As obras em Espaços Públicos	82
2.4. A obra internacional	85
2.4.1. <i>Monumento ao Infante D. Henrique, Estados Unidos da América</i>	85
2.4.2. <i>Fraternidade, Brasil</i>	86
2.4.3. <i>A Pérola, Macau</i>	87
2.4.4. <i>Flor de Laranjeira, Angola</i>	89
Capítulo III - Projeto: o macro roteiro do escultor José Rodrigues	90
3.1. Cronograma de tarefas	90
3.2. O projeto do Museu Digital da Universidade do Porto (MDUP)	92
3.2.1. <i>O MIL e o eHeritageLab</i>	94
3.2.2. <i>A parceria Weblevel</i>	96
3.3. O projeto macro roteiro do escultor José Rodrigues para o Museu Digital da Universidade do Porto	96
3.3.1. <i>Os roteiros</i>	97
3.3.2. <i>Preenchimento das fichas técnicas</i>	103
3.3.3. <i>Roteiro Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues na cidade do Porto</i>	106
3.3.4. <i>Roteiro Uma viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues</i>	114
3.3.5. <i>Roteiro José Rodrigues: A Vontade de Transformar</i>	119
Considerações finais	126
Referências bibliográficas	129

Declaração de honra

Declaro que o presente Relatório de Projeto de Mestrado “José Rodrigues: um macro roteiro para *app*. Museu Digital da Universidade do Porto é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 26 de setembro de 2019

Ana Sofia Martins de Oliveira

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à professora Manuela Pinto por ter aceitado orientar este projeto, mesmo numa altura mais tardia. Ainda, por me ter integrado neste projeto, numa altura de alguma desorientação, e por me ter aconselhado o desenvolvimento destes roteiros. Agradecer ainda, a ajuda prévia e incansável na procura de uma linha de concretização para a conclusão deste mestrado. Por ter demonstrado segurança nas minhas capacidades desde o início.

Quero agradecer, também, à professora Leonor Barbosa Soares por aceitar a coorientação deste projeto, pelas imagens e informações gentilmente cedidas e pelo tempo que dedicou a este projeto, pelas dicas, pelas conversas. Obrigada por me ter fornecido todos os meios necessários para o progresso desta investigação, assim como o apoio e os ensinamentos que me transmitiu.

E, principalmente, agradecer à Ágata Rodrigues pelo acolhimento na Fundação Escultor José Rodrigues, pelo tempo que passamos juntas, pelas conversas e reflexões, pelos conselhos, pela ajuda incansável, pela paciência, pelas visitas proporcionadas, pelo orgulho com que colaborou comigo neste projeto que divulga a obra do pai. Obrigada, Ágata. Quero agradecer também ao seu marido Mateus, pela paciência, ajuda e colaboração.

Tenho de agradecer, ainda, às colegas de mestrado Fátima Ferreira e Inês Filipa que me deram o apoio necessário e que me esclareceram algumas dúvidas.

À equipa *Weblevel* nas dúvidas de conceção e desenvolvimento do roteiro, nas dificuldades apresentadas.

Quero agradecer aos meus pais e família pelo apoio incondicional e sobretudo pela paciência, pelos sacrifícios que fizeram, pelas horas em que não estive presente.

A todos os meus amigos e colegas tenho de agradecer a companhia e incentivo ao longo destes dois anos.

Quero agradecer, sobretudo, a Manuel Castro e Adriana Cerqueira, meus superiores na empresa onde trabalho, pela enorme compreensão e paciência, por permitirem a minha ausência ou dispensa do trabalho, de forma a que este projeto se concretizasse. O meu enorme obrigada.

Para terminar, os meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a execução e desenvolvimento deste projeto.

O meu sincero, Obrigada

Resumo

A tecnologia tem vindo a apresentar uma acelerada evolução nas últimas décadas, e a sua disseminação levou a que o meio digital se tornasse na forma mais eficaz de transmitir informação e conhecimento. Assim, é importante percebermos que estamos perante ferramentas que nos auxiliam nesta difusão de conhecimento em grande escala, e perceber como a obra de José Rodrigues pode beneficiar deste fenómeno. Para que tal fosse possível, foi importante fazer um enquadramento da Cultura Digital, da Ciências da Comunicação e da Informação e das Indústrias Criativas aplicado ao nosso objeto de estudo para que, na produção de conteúdos digitais nos permitisse compreender e desenvolver oportunidades para a comunicação e difusão do conteúdo que proponho no meu projeto, o macro roteiro do escultor José Rodrigues, artista que apresenta uma vasta e singular obra em espaços públicos. Assim, é importante perceber qual a questão de partida fundamentada para o desenvolvimento deste trabalho e de que forma podemos chegar a uma solução através destas ferramentas digitais. De que forma pode o meio digital divulgar e perpetuar a obra do escultor José Rodrigues? Tendo em conta estas ideias-chave, foi nosso intuito contribuir com a produção de conteúdos digitais para o projeto do Museu Digital da Universidade do Porto (MDUP), ferramenta de disseminação de conhecimento. O projeto do macro roteiro realizado em conjunto com a Fundação Escultor José Rodrigues, enquadra-se na continuidade do trabalho que está a ser realizado no contexto do projeto do Museu Digital da Universidade do Porto, inserido num conceito e metodologia *U.OpenLab*, aplicado ao contexto universitário, numa abordagem direcionada à (co)criação e (re)uso de conteúdos digitais. Como resultado surge o conceito de macro roteiro que apresenta o mapeamento das esculturas em espaços públicos na cidade do Porto e em Portugal, e apresenta as diferentes facetas da obra do mesmo artista, que trabalhava para além da escultura, bem como a estruturação da informação e respetiva inserção em ferramentas que tornarão os conteúdos acessíveis aos diversos utilizadores, internos e externos à Universidade do Porto, na plataforma do Museu Digital da Universidade do Porto.

Palavras-chave: José Rodrigues; Museu Digital; Escultura em Espaços Públicos; Roteiro; Universidade do Porto

Abstract

Technology has shown an accelerated evolution in recent decades, and its spread has made the digital medium become a more effective way to transmit information and knowledge. Thus, it is key to realize that we are facing tools that can help us spread knowledge on a large scale, and to understand how the work of José Rodrigues can benefit from this phenomenon. A theoretical framework on Digital Culture, Information Sciences and Creative Industries was applied to our object of study, with the purpose of achieving an effective production and dissemination of digital content developed in the context of this project, which consists on a José Rodrigues' macro itinerary, a sculptor who presents a vast and unique work in public spaces. Therefore, as a starting point for the development of this work, we tried to understand how could the digital medium publicize and perpetuate the work of José Rodrigues sculptor? Given these key ideas, it was our intention to contribute to the production of digital content for the Digital Museum of the University of Porto, a knowledge dissemination tool. The macro itinerary project carried out in conjunction with the Escultor José Rodrigues Foundation, fits in with the continuity of the work being carried out in the context of the University of Porto Digital Museum project, inserted in an OpenLab concept and methodology, applied to the university context, in an approach directed to (co) creation and (re) use of digital content. As a result comes the concept of macro itinerary that presents the mapping of sculptures in public spaces in the city of Porto and Portugal, and presents the different facets of the work of the same artist, who worked beyond sculpture, as well as the structuring of information and respective insertion in tools that will make the contents accessible to the various users, internal and external to the University of Porto, in the platform of the Digital Museum of the University of Porto.

Keywords: José Rodrigues; Digital Museum; Sculpture in Public Spaces; Root; U.Porto

Índice de ilustrações

Figura 1 - Rostos, ca. 1961, nanquim aguada	52
Figura 2 - Máscara Africana, ca. 1962 (pintura, pregos, pano, arame). Convento de S. Paio	54
Figura 3 - Guardador de Sol, 1963, bronze, jardim da FABUP	55
Figura 4 - Guardador de Estrelas I e Guardador de Estrelas II, 1963/64, bronze, Fundação Bial de Cerveira e Fábrica Social – Fundação José Rodrigues.....	56
Figura 5 - Ícaro, 1999, peça constituída por três módulos e construída com varões de ferro e elementos cerâmicos. Sociedade Portuguesa de Autores.....	57
Figura 6 - Ícaro, 2006, escultura em varão de ferro e com elementos de chapa e penas. Escola das Virtudes – Cooperativa de Ensino Polivalente Artístico.....	57
Figura 7 - “Os Quatro Vintes” - Arquivo Galeria Alvarez; E Jaime Isidoro e Os Quatro Vintes: Armando Alves, José Rodrigues, Jorge Pinheiro e Ângelo de Sousa.	58
Figura 8 - A Cidade e as Serras ou onde se fala por falar a propósito da nossa exposição coletiva no Porto. [Manifesto] 1968. Exposição Galeria Alvarez e na Cooperativa Árvore em 1968	60
Figura 9 - Modelo Feminino, 1972, bronze. Escadaria principal da FBAUP	63
Figura 10 - “Sem título”, ca. 1967, escultura em chapa recortada e pintada; “Sem título”, ca. 1967, escultura em chapa recortada e pintada. Convento de S. Paio	65
Figura 11 - “Sem título”, 1966, ferro, pêndulo de metal; “Sem título”, ca. 1967, escultura em chapa recortada e pintada. Convento de S. Paio.....	66
Figura 12 - “Sem título”, 1971 (?), bronze patinado, fio de algodão e pedra sobre base de mármore; “Sem título”, 1971, Jardim de Metal, bronze. Convento de S. Paio	67
Figura 13 - “Sem título”, anos 70, Jardim de acrílico, acrílico, areia, espelho, pedra e bússola; Sem título, 1970, Jardim de Acrílico, acrílico, areia. Convento de S. Paio	68
Figura 14 - “Salomé”, 2005, múltiplo de grande formato, escultura figurativa de vulto em bronze patinado e polido. Edição de seis múltiplos e uma P.A. Fábrica Social – Fundação José Rodrigues	70

Figura 15 - “Um Cristo para Viana”, 1999, escultura em bronze. Capela do Seminário Diocesano de Viana do Castelo - Centro Frei Bartolomeu dos Mártires, Viana do Castelo.....	71
Figura 16 - Maquete do cenário da peça “O Soldado e o General”, 1975, autoria e encenação de Roberto Merino, Teatro experimental do Porto – TEP, no Teatro António Pedro. Arquivo FEJR	73
Figura 17 - Medalha “Congresso “Du Madère au Porto””, 2002, em bronze e prata; Medalha “Inauguração da Casa da Música”, 2006, em bronze, bronze enegrecido e aço.	75
Figura 18 - Medalha ao Boavista Futebol Clube de 1976; Medalha do Centenário do Boavista Futebol Clube, de 2003	76
Figura 19 - Medalha do “Cinquentenário da Morte de Amadeo de Souza-Cardoso, 1968, bronze	76
Figura 20 - O Cubo da Ribeira, 1984, bronze, sobre pilar metálico, pedra, betão e incorporação de água. Fonte de valorização e dinamização espacial.....	83
Figura 21 - Monumento ao Infante D. Henrique, 1993, escultura em bronze sobre plinto de granito	85
Figura 22 - Fraternidade, 1995, grupo escultórico em bronze com incorporação de água, fonte de valorização espacial	86
Figura 23 - A Pérola, 1997, conjunto escultórico em aço e aço cortén pintado de vermelho com incorporação de água.....	87
Figura 24 - Flor de Laranjeira, 2002/2003, escultura em chapa de latão nas flores e folhas, varão de cobre para os estames e bronze nos troncos	89
Figura 25 - O Cubo da Ribeira, imagem de introdução do roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues na cidade do Porto”	107
Figura 26 - Mapa da cidade do Porto com os pontos de interesse do Roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. A Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto”	110
Figura 27 - imagem que ilustra o texto de introdução do roteiro e o número de categorias associadas	112

Figura 28 - imagem que ilustra o primeiro POI do roteiro, onde podemos ver no mapa a sua localização e as categorias associadas (infelizmente, verificamos um erro da imagem, que não aparece na íntegra)	112
Figura 29 - por exemplo, quando clicamos numa das categorias, neste caso Eventos, surge-nos a informação disponibilizada	113
Figura 30 - Cervo, 1984 (?), ferro, Vila Nova de Cerveira; Monumento a D. João II, 2001, Vila do Conde, imagens de introdução do roteiro “Uma Viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues”	114
Figura 31 - Mapa de Portugal com os pontos de interesse do Roteiro “Uma Viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues”	118
Figura 32 - Mestre José Rodrigues, 2007, fotografia de Júlio de Matos, imagem de introdução do roteiro “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”	119
Figura 33 - Mapa com os pontos de interesse do Roteiro “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”	122

Índice de tabelas (ou de quadros)

Tabela 1- tabela baseada em António Núñez, 2009	48
Tabela 2- Cronograma de tarefas do projeto	91

Lista de abreviaturas e siglas

ADDICT - Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas

APP – Aplicação

BFA - Banco de Fomento Angola

CCI - Ciências da Comunicação e da Informação

CD – Cultura Digital

CPO - Círculo Portuense de Ópera

eHeritageLab- Laboratório de Novos Média para o Património

ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto

EU – União Europeia

FBAUP- Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

FEJR - Fundação Escultor José Rodrigues

FEP – Faculdade de Economia do Porto

FLUP- Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GPS - *Global Positioning System*

IC - Indústrias Criativas

ICC – Indústria Criativa e Cultural

ICOMOS - Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de
Monumentos e Sítios

IOS - *iPhone Operating System*

MDUP- Museu Digital da Universidade do Porto

MIL - *Media Innovation Labs*

ONU - Organização das Nações Unidas

PD – Plataforma Digital

PIB – Produto Interno Bruto

POI- *Point of Interest*

SNBA - Sociedade Nacional de Belas-Artes

TEP - Teatro Experimental do Porto

TIC - Tecnologias da Informação e da Comunicação

TUP - Teatro Universitário do Porto

UNESCO- *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

U.Porto - Universidade do Porto

Introdução

O presente Projeto foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, ciclo de estudos pertencente à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo como entidade acolhedora a Fundação Escultor José Rodrigues e a supervisão de Ágata Rodrigues, filha do escultor, que acompanhou os trabalhos desde o primeiro momento.

O principal objetivo consistiu no desenvolvimento de um macro roteiro sobre o escultor José Rodrigues para o Museu Digital da Universidade do Porto (MDUP). Este conceito de macro roteiro inclui três roteiros sobre a obra do escultor, um primeiro roteiro que apresenta as obras instaladas em espaços públicos na cidade do Porto, um segundo roteiro sobre as obras no espaço público nacional e, um terceiro roteiro que inclui uma breve exposição sobre a obra de José Rodrigues e as importantes instituições que fundou e ajudou a fundar.

Para o desenvolvimento do projeto foi importante a colaboração do *eHeritageLab*, da Fundação Escultor José Rodrigues e da empresa *Weblevel*, que desenvolveu no contexto do projeto do MDUP a aplicação móvel que suporta os roteiros. Uma colaboração interdisciplinar importante e essencial para uma visão mais ampla e que prova que a troca de conhecimento entre diferentes áreas científicas produz resultados melhorados e mais satisfatórios. Para convertermos a nossa investigação numa ferramenta de disseminação e valorização do Património, neste caso, de um criativo ligado à Universidade do Porto, foi necessário visitar a obra do artista e enquadrar este roteiro na lógica da cultura digital e das plataformas digitais, e ainda no contexto das Indústrias Criativas. Tornou-se, assim, fundamental, uma abordagem ao conceito de Cultura Digital, explorando algumas questões, uma visita ao MDUP e perceber os seus objetivos, e compreender como seria desenvolvido o macro roteiro José Rodrigues, compreendendo os seus parâmetros, os do MDUP, para nos focarmos na divulgação deste tipo de património através de meios tecnológicos, utilizando uma plataforma e uma aplicação digital.

Foi através da colaboração com o *eHeritageLab* (Laboratório de Novos Média para o Património), inserido no *Media Innovation Labs* (MIL), Centro de Competência da U.Porto para a área do média, que nos foi permitida a oportunidade de criar um instrumento digital de divulgação patrimonial. Nesta lógica, a nossa pretensão consistiu em conceber e materializar um mapa/roteiro que divulgasse a uma maior escala a obra do artista José Rodrigues instalada em espaços públicos, através de uma aplicação gratuita e acessível a e por todos.

Surge, assim, o macro roteiro do escultor José Rodrigues na plataforma do Museu Digital, a par de outros relativos a personalidades, instituições, património ou serviços relacionados com a U.Porto que, desde 2018, vêm sendo desenvolvidos por estudantes e investigadores da U.Porto. O Museu Digital é, pois, uma plataforma pronta a receber novos e diferentes conteúdos e desafios existindo também o intuito de comunicar o conhecimento produzido na universidade de uma forma simples mas enriquecedora. Assim, este macro roteiro permite que os cidadãos e visitantes possam identificar as obras públicas da cidade do Porto e do país e associar a obra ao escultor, como a icónica escultura do Cubo, na Praça da Ribeira que, infelizmente, poucos conhecem o seu autor.

No que se refere às fontes de informação, para além da participação ativa da filha do escultor, foi crucial a tese de doutoramento da Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares (2010), que estudou exaustivamente a obra do escultor, e a recolha bibliográfica complementar sobre Cultura Digital nas mais diversas vertentes. Para a obtenção do produto final, foi imperativa a análise e sistematização de conteúdo, a sua estruturação e o preenchimento de fichas técnicas.

As atividades sintetizadas no presente Relatório de Projeto foram divididas, assim, em duas fases fundamentais: a primeira, relativa ao estudo e enquadramento do roteiro numa perspetiva das Ciências da Informação e Comunicação e das Indústrias Criativas, da valorização e divulgação da obra do escultor numa plataforma digital ligada à U.Porto, cujo património universitário está agora acessível a todos, aos contornos que levaram à criação do projeto do MDUP; e a segunda face à construção de uma ferramenta digital de disseminação patrimonial e de difusão de conhecimento da obra de José Rodrigues, que pudesse colocar em prática o nosso objetivo teórico. Tendo em conta que os três roteiros

desenvolvidos acerca do escultor se revelaram bastante extensos, optamos por dividir o Relatório em dois volumes: o primeiro relativo ao estudo, investigação e ao relatório do projeto, e o segundo referente aos roteiros que estão inseridos no MDUP, apesar de que estes contêm a informação relevante para o projeto em questão.

1. Enquadramento

O presente projeto pretende expor a obra do escultor José Rodrigues através de um macro roteiro inserido no MDUP, plataforma digital que poderá ser acedida por todos por meio de um dispositivo móvel. A investigação baseou-se na revisão da literatura existente sobre o escultor e sobre a problemática da Cultura Digital.

O MDUP, foi criado com o intuito de criar um repositório documental e digital sobre o património da U. Porto. Não se trata de reproduzir um museu físico, mas sim um ‘lugar’ digital sustentado na qualidade da meta-informação produzida e na produção continuada de inovadores conteúdos digitais relativos a coleções, pessoas e percursos da construção de conhecimento na U.Porto.

O projeto que se apresenta insere-se numa lógica de macro roteiro e integra três roteiros do escultor José Rodrigues. Foi construído e desenvolvido com a vontade conjunta entre mim, a Fundação Escultor José Rodrigues, instituição que me acolheu neste contexto, e o *eHeritageLab*, e, ainda, com a colaboração da empresa *Weblevel*, parceira deste projeto, que deu o apoio necessário no desenvolvimento da plataforma para o Museu Digital, que alberga os roteiros desenvolvidos, sobretudo, por alunos desta universidade.

O macro roteiro José Rodrigues tem o objetivo principal de difundir e divulgar a obra de José Rodrigues, e de preservar a memória do artista e o seu significativo trabalho para o país, deixando um registo digital de informação em texto, imagens e multimédia acerca da obra pública do escultor, e que está agora acessível para todos, sobretudo, junto de um dispositivo móvel. Os roteiros têm maior foco nas obras que se encontram nos espaços públicos, mas foi também desenvolvido um roteiro biográfico e sobre a sua vasta e diversificada obra, com uma lógica mais perspetivada do ponto de vista cronológico e

que faz uma breve viagem sobre todo o trabalho do Mestre José Rodrigues, que foi um artista que trabalhou muito mais para além da escultura.

Relativamente aos roteiros de arte pública, foi desenvolvido um roteiro com as obras na cidade do Porto, e um outro roteiro, que integra as obras implantadas no resto do país, mas com grande incidência no Norte de Portugal, que foi onde o escultor deixou mais obra.

Como se trata de um projeto digital, e com a revolução tecnológica que nos faz viver novas formas de comunicar, faz-se também um breve enquadramento do roteiro José Rodrigues neste fenómeno atual que são as plataformas digitais e o uso de dispositivos móveis como instrumentos de acesso à informação e ao conhecimento, e os motivos que, cada vez mais, levam o utilizador a recorrer ao uso destas plataformas, e de que forma a construção destas ferramentas suscitam o interesse do utilizador, como ele é seduzido, através de uma história que é contada e que prende o seu interesse e a sua atenção. E na construção de uma narrativa, a utilização do *storytelling* tem aqui um papel fundamental. Faço, ainda, referência à relação que um projeto como a plataforma MDUP pode ter para o Turismo, mas, mais importante, o impacto que o Turismo pode ter para uma plataforma como o Museu Digital e a forma como pode alavancar o património museológico da U.Porto.

2. Motivação, objetivos e necessidades

Este projeto nasceu da curiosidade e motivação pessoal em conhecer de forma mais aprofundada a vasta obra do escultor José Rodrigues, que merece ser projetada e eternizada numa plataforma digital que dê visibilidade ao artista que nos deixou peças tão icónicas como o Cubo da Ribeira, que fez parte do grupo “Os Quatro Vintes” ou fundou importantes instituições como a Cooperativa Árvore ou a Bienal de Cerveira. Contou, ainda, com o alinhamento do interesse demonstrado pela Fundação Escultor José Rodrigues, na pessoa da Ágata Rodrigues (filha do escultor), por verificar aqui uma oportunidade de perpetuar o trabalho do pai nesta plataforma digital que ficará acessível a todos, para tentar combater a sua inquietação, que a obra do pai seja esquecida, com a

disponibilidade demonstrada pelo projeto do MDUP em apoiar o desenvolvimento do roteiro dado, como veremos mais à frente e de forma mais aprofundada, pretender construir um repositório sobre personalidades, instituições ou serviços que estejam ligados à U. Porto, e assim, transmitir a informação e conhecimento acerca da mesma, desde as suas origens até aos dias de hoje. De salientar que Ágata Rodrigues realiza já um roteiro físico, “Das Belas Artes ao Cubo” todas as últimas sextas-feiras do mês, onde as pessoas podem inscrever-se e ouvir as histórias que a filha do escultor tem para contar acerca das obras abrangidas pelo roteiro e do pai, o que serviu também de inspiração para a concretização deste projeto.

A motivação para a concretização deste projeto deve-se muito ao facto de ser um trabalho aplicado, que resulta de um estudo interpretativo e culmina numa ferramenta experiencial e com grande potencial no futuro. O facto de ser um trabalho onde existe, efetivamente, a construção de um projeto concreto foi também um incentivo para mim e para o meu envolvimento no desenvolvimento desta *app* e, deixo assim, um legado no MDUP, que vai permanecer (assim espero) ao longo das gerações futuras.

Considero, então, que este projeto vem, também, complementar o meu percurso académico. A nível pessoal, esta proposta está, sem dúvida, completamente enquadrada com a minha formação e competências adquiridas, o que promove uma confiança e motivação extra, o que muito contribuiu para a aceitação e concretização deste macro roteiro do Escultor José Rodrigues. Sendo eu licenciada em História, variante Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e pós-graduada em Museologia e Curadoria pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP), fazia todo o sentido para mim dar vida a este projeto.

Quando surgiu esta oportunidade, decidi abraçar, não só pelo interesse que me suscitou por se tratar, não só da figura de José Rodrigues, um dos grandes escultores portugueses, mas também por ser um projeto que em tudo está relacionado com o meu percurso, e que agora, através deste trabalho, o artista ficará perpetuado numa plataforma digital, com acesso para todos, e talvez contribuir, também, para o grande propósito da Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR) e da filha, Ágata Rodrigues, que me acompanhou em todo o processo, para que o pai permaneça vivo na memória das pessoas

e que estas possam conhecer mais acerca do escultor, do homem e das obras que nos deixou.

Este projeto não pretende fazer um estudo aprofundado acerca da vida e obra do escultor José Rodrigues. Aliás, existe a já referida tese de doutoramento (Soares, 2010), que nos disponibiliza um estudo exaustivo sobre o escultor, e nos permite conhecer a sua obra e o seu percurso. Encontrei neste estudo toda a base para a concretização destes roteiros. Nela obtive toda a informação acerca das suas obras de arte pública ou em espaços públicos e, foi, portanto, um estudo essencial para o meu projeto, complementado com outra literatura acerca do escultor. Mas a presença da obra do escultor na literatura de arte portuguesa é ainda algo escassa, havendo apenas pequenas referências em alguns livros ou dicionários de História de Arte. Existindo esta lacuna ou necessidade encontramos também a oportunidade de construir este macro roteiro sobre o escultor José Rodrigues, mas agora presente numa plataforma digital, dando enfoque à obra que é visitável por todos e que se encontra nos espaços públicos ou espaços abertos ao público. Este macro roteiro é, ainda, o primeiro no MDUP sobre um artista português, havendo já roteiros de outras personalidades ligadas à U.Porto, sendo este o primeiro artista a figurar nesta plataforma digital. Divulgar a obra do artista é, portanto, a nossa intenção, transmitir este conhecimento, não permitindo que este seja esquecido, e consideramos crucial fazê-lo através da via digital. Tendo em conta que, atualmente, a forma mais eficaz de promover Património é através dos meios tecnológicos, torna-se essencial a disponibilização de conteúdos digitais que estejam acessíveis à população.

Para além desta literatura base, foi necessária a consulta de literatura complementar para fazer um enquadramento e contextualização do roteiro na era da Cultura Digital (CD) em que vivemos, inserida no novo paradigma infocomunicacional, nas novas formas de comunicar e criar narrativas que foi necessário efetuar para enquadrar a construção destes roteiros e do MDUP.

“Em breve esquecerás tudo. Em breve todos te esquecerão.”

(Marco Aurélio, imperador romano)

E é através desta frase do Imperador Marco Aurélio que surge o ponto de partida para a construção deste roteiro. É este o nosso grande desafio, combater que o escultor e a sua obra caiam do injusto esquecimento. Que José Rodrigues não se perca na memória das pessoas e que, através deste roteiro possa ser um elemento de transmissão de conhecimento e de constante lembrança. O Museu Digital vai permitir que este conhecimento permaneça visível, não sendo possível controlar, na totalidade, a preservação e integridade física das obras, ficam aqui “expostas” e possibilitam o seu “transporte” para gerações futuras, tornando este projeto mais universal e mais global.

3. Método, metodologias e ferramentas

No sentido de abordar de forma mais estruturada e rigorosa este projeto, o meu trabalho e investigação baseiam-se segundo as questões teóricas e metodológicas suportadas no método quadripolar, método enunciado pelos belgas P. de *Bruyne*, J. *Herman* e M. de *Schoutheete*,, que permite estruturar a investigação em quatro polos diferentes: epistemológico, teórico, técnico e morfológico, que estabelecem interações entre si (*De Bruyne, Herman & De Schoutheete*, 1974). Assim, a Teoria Sistémica e o Método Quadripolar enquadram-se como instrumentos preferenciais de orientação teórico-metodológica da abordagem do objeto de estudo e trabalho - o fluxo infocomunicacional -, sob uma visão holística e dinâmica que acompanha a conceção e execução de um projeto.

O facto de o método quadripolar combinar a abordagem quantitativa e qualitativa, permite ao investigador perspetivar o objeto de investigação na sua componente sociotécnica, e permite flexibilidade na estratégia da investigação, não sendo esta rígida ou linear, como enunciava *Quivy*, beneficiando da interação que se estabelece entre os diferentes polos.

Para uma melhor compreensão da aplicação realizada caracterizo o enfoque colocado em cada um dos polos de investigação na realização do presente projeto.

Polo epistemológico - o novo paradigma infocomunicacional, a cultura digital e as plataformas digitais

O polo epistemológico direciona ou delimita a construção do objeto científico e da problemática de investigação, onde me posiciono numa função de vigilância crítica perante o objeto e defino, ainda, as regras de produção e de explicação dos factos bem como de compreensão e de validação das teorias. Portanto, é aqui que surgem as questões que irão contribuir para resolver problemas práticos ou para formular respostas teóricas válidas.

O polo epistemológico constitui o enquadramento deste projeto, situando-se a minha abordagem no paradigma infocomunicacional, em como as novas formas de comunicar atualmente, através de aplicações (*apps*) e plataformas digitais em que acedemos através de dispositivos móveis, podem contribuir para que a obra do escultor José Rodrigues permaneça viva na memória das pessoas e seja transportada e vivenciada pelas gerações futuras. A abordagem deste projeto continua no enquadramento e na perspetiva das Ciências da Comunicação e da Informação (CCI) e das Indústrias Criativas (IC) e em como a utilização ou o recurso às plataformas digitais podem desempenhar um papel fundamental nesta nova forma de comunicação e de exposição da obra do escultor, de forma a atingir o objetivo pretendido.

Sabendo que o ciberespaço representa um local onde podem ser desenvolvidas diversas funções face ao progresso do conhecimento e à ampliação do âmbito cultural, o Museu Digital contribui para a disseminação da investigação e das coleções existentes, assim como das personalidades, instituições ou serviços ligados à U. Porto.

A criação de um MDUP, cuja construção está em curso, pode ser um projeto importante para impulsionar a cultura e património ligados à U. Porto. Aqui, o estabelecimento de parcerias com laboratórios culturais ou com instituições que tenham interesse em fazer parte deste projeto do Museu Digital, pode alavancar um modelo de negócio, onde o Turismo pode ter um contributo fundamental. Considerando que o património cultural é uma das principais atrações a nível turístico, existe a necessidade de proporcionar experiências únicas e atrativas aos turistas e utilizadores que se enquadrem com as características culturais da cidade do Porto. Tendo isto em

consideração é importante, então, perceber de que forma posso proporcionar uma experiência diferente, aprazível e interessante ao utilizador na visualização e concretização efetiva deste roteiro, e como posso “interferir” positivamente no modo como o utilizador vivencia estes roteiros e no modo como a obra de José Rodrigues pode permanecer na memória e causar impacto a quem acede a este percurso e esta experiência através da *app*, tornando-a mais profunda e enriquecedora, levando-o a uma visão e perceção do mundo mais ampla, mais alargada e mais profunda.

Importa referir que, o meu interesse neste projeto prende-se muito com a minha formação, primeiro em História da Arte, que me fornece os conhecimentos necessários relativamente a esta temática, e, ainda, a formação em Museologia e Curadoria, que me permite olhar para esta aplicação móvel ou para o roteiro como uma forma de expor, num mundo virtual e digital, a vida e as obras do escultor, e como forma de transferir conhecimento e informação a um nível mais universal e mais global. Através das informações que são apresentadas no roteiro nas diferentes categorias, espero conseguir mostrar muito mais para além mais do trabalho do José Rodrigues, apresentando os POI (pontos de interesse) noutra enquadramento e contextualização do trabalho do artista, para além da informação automática dos POI que assinalam no mapa as obras do escultor em espaços públicos.

Importa, ainda, salientar que este projeto não pretende estudar o escultor José Rodrigues de forma exaustiva e aprofundada, porque este estudo já existe mas, realizar um macro roteiro acerca do escultor e utilizar as informações já existentes para a construção deste projeto, que visa projetar a obra do mestre e expor numa plataforma que pode ser acedida por todos em qualquer lugar do mundo.

O polo teórico - perpetuar a obra de José Rodrigues

“Em breve esquecerás tudo. Em breve todos te esquecerão”
(Imperador Marco Aurélio)

A questão da problemática deste projeto é colocada agora no polo teórico, devidamente sustentada pelas teorias e conceitos associados à CD, ao Digital *Storytelling* e pela literatura sobre a vida e obra do escultor, onde a grande questão de partida surge da frase de Marco Aurélio acima referida, e que José Rodrigues gostava particularmente, aliás, a frase faz parte da obra que pode ser vista nos jardins do Convento de S. Paio e, da qual surge o desafio de perpetuar a obra do escultor através desta *app* para dispositivos móveis.

Exploro esta problemática em função da revisão da literatura, da recolha de informação, como fotografias das obras e respetivos textos, e análise de dados e conteúdos, técnicas atribuídas ao polo técnico, referido mais abaixo, estabelecendo-se entre estes dois polos um diálogo enriquecedor e revelador para a realização deste trabalho. Esta estratégia de investigação permite manter uma perspetiva científica no seguimento do trabalho, confrontando as operações do polo técnico com o enquadramento epistemológico e com as teorias e conceitos assumidos no polo teórico.

O polo teórico ajuda na orientação deste percurso de investigação e permite interpretar os factos, formular teorias e a definir soluções. Este polo conduz, portanto, à elaboração de hipóteses e à construção de conceitos. Aqui, implica o confronto com o real, e o conhecimento que eu tenho do objeto.

Numa breve reflexão do que a pesquisa bibliográfica me esclareceu, e estando de acordo com o polo teórico, faço alguma revisão da literatura com breves apontamentos.

Antes de mais, a obra mais consultada para a construção e orientação deste macro roteiro, e como já referido, foi a Tese de Doutoramento da professora doutora Maria Leonor Barbosa Soares que, em 2010, fez uma investigação exaustiva acerca da obra do escultor José Rodrigues, com o título “José Rodrigues. Traduções do ser apaziguando o tempo. Vertentes e modos de um percurso”, obra em cinco volumes onde o estudo abrange todas as facetas da obra do escultor.

Também importante, foi a obra “José Rodrigues. Esculturas na cidade do Porto”, com coordenação de Graça Martins e com prefácio de Laura Castro e textos de Maria Leonor Barbosa Soares e Maria Bochicchio e, a propósito das esculturas em espaços públicos implantadas na cidade do Porto, e que muito contribuiu, também, para a

construção do roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues na cidade do Porto”.

José Rodrigues, ficará na história como um dos renovadores incontestados da escultura em Portugal que, pelos anos 60 e 70, evolui da elasticidade que lhe era peculiar para o movimento, da opacidade para a transparência, da ideia de estátua para a de objeto, da noção de escultura para a de intervenção, do bronze e da pedra para todo o material que se quiser converter em matéria artística.

A Escultura, o Desenho, a Gravura, a Medalhística, a Cenografia foram campos de expressão entre os quais se movimentou desde os anos 60 marcando um lugar pelo entendimento não convencional das tecnologias e processos ou instaurando novas metodologias. A Cerâmica, o Vidro e as técnicas de Litografia e Serigrafia seriam objeto de produção de maior dimensão a partir dos anos 80. O registo da sua obra, para além das suas Salomé ou *Anjas*, e até mesmo os Cristos, avoluma-se nas peças instaladas no espaço público, desde as mais austeras, como o Obelisco da FEP, às mais experimentais, como a pedra suspensa em Vila Nova de Cerveira, passando pelas mais polémicas, como o Cubo, na Praça da Ribeira, ou o Monumento ao Empresário, ambas no Porto. E o escultor foi ainda uma figura fundamental na fundação de instituições como a Cooperativa Árvore, no Porto, ou a Fundação Bienal de Cerveira.

Como literatura complementar, destaco “E-Infocomunicação. Estratégias e aplicações”, de Brasilina Passarelli, Armando Malheiro da Silva e Fernando Ramos, necessário para um enquadramento sobre os novos paradigmas infocomunicacionais, as novas formas de comunicar e de transmissão de conhecimento, com recurso a plataformas digitais e a aplicações desenvolvidas para dispositivos móveis, ferramentas cada vez mais utilizadas pelos diferentes públicos para aceder a informação em lugares de destino.

Da revisão da literatura, pode-se concluir que a era tecnológica em que vivemos trouxe mudanças na forma como acedemos à informação e ao conhecimento, e que as manifestações da infocomunicação digital trazem um grande impacto na sociedade atual. Neste contexto contemporâneo, Manuel Castells propõe que vivemos numa sociedade em rede, assente num sistema informativo que transforma a informação em comunicação e

onde o papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) têm um papel fundamental na mediatização da informação e do conhecimento.

As TICs revolucionaram não apenas o mercado, mas a maneira de praticar a atividade turística e cultural. Considerando que o património cultural se trata de uma das principais atrações a nível turístico, existe a necessidade de providenciar experiências não só únicas como também atrativas que se enquadrem com as características culturais da cidade na qual os viajantes se encontram, neste caso, a cidade do Porto. (PINTO et al., 2016: 4813). Pode ser o caso destas *apps* desenvolvidas para o Museu Digital da U. Porto, acessíveis através de um *smartphone*, e que, através da criação de uma narrativa interessante, recorrendo ao recurso do *storytelling*, proporcionam novas formas de aceder à cultura e ao património da cidade do Porto. De acordo com Salmon (2007), o *storytelling* não é uma simples narrativa, mas sim um discurso com o intuito de persuadir o consumidor, desenvolvendo nas pessoas sentimentos e memórias. Assim, os roteiros desenvolvidos para o Museu Digital encontram aqui uma ferramenta de atração de novos utilizadores através da forma como contam as suas histórias e na forma como o Museu Digital inova nos seus conteúdos.

O polo técnico - formas de contato com o objeto e recolha de dados e informação

No polo técnico é onde contato com o mundo real, onde exploro esta problemática em função da revisão da literatura, da recolha de informação, análise de dados e de conteúdo, transformando-os em informação relevante para o meu projeto. Esta estratégia de investigação permite manter uma perspetiva científica no seguimento do trabalho, confrontando as operações do polo técnico com o enquadramento epistemológico e com as teorias e conceitos assumidos no polo teórico.

As técnicas por mim utilizadas para este projeto suportam-se, sobretudo, na pesquisa bibliográfica, recolha de informação (fotografia e textos), análise de conteúdo e observação direta e contato com a filha do escultor, Ágata Rodrigues, na Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues onde, dois dias por semana, fazíamos este trabalho em conjunto e que me ajudou nesta recolha e pesquisa e na obtenção de informações junto de

peças próximas de José Rodrigues. Foi também feito levantamento de notícias em jornais da época, a propósito dos escândalos que algumas das obras do escultor provocaram aquando da sua instalação nas cidades. Foram ainda realizadas visitas à Fundação Escultor José Rodrigues em Vila Nova de Cerveira e no Porto onde tive contato com as diversas formas de expressões artísticas em que José Rodrigues atuava, e foram também importantes na recolha de informação para este projeto.

A par disto, após a pesquisa bibliográfica e recolha de dados, chegamos ao conteúdo dos roteiros e ao mapeamento das obras a serem apresentadas e expostas para o Museu Digital, como os pontos de interesse (POI) a serem visitados pelos utilizadores, as pessoas, eventos e objetos com eles relacionados, e que fazem sentido associar a cada POI, que também pretendem dar um certo enquadramento cronológico ou pertinente perante o objeto escolhido, e o porquê de dar destaque a determinadas obras em detrimento de outras. Após este contato com a realidade em estudo, tendo por finalidade a resolução do problema/necessidade, chegamos à elaboração final do roteiro, que se reflete no modelo adotado, e que será desenvolvido no polo seguinte, o morfológico, que dá vida ao roteiro.

Foi necessário proceder ao registo fotográfico de algumas das esculturas instaladas no espaço público, as da cidade do Porto, Vila do Conde, Barcelos, e Viana do Castelo, registadas por mim. As restantes fotografias utilizadas nos roteiros foram gentilmente cedidas pela professora doutora Leonor Barbosa Soares e por Egídio Santos, as quais fazia todo o sentido utilizar no roteiro, e também por outros autores, sobretudo, nos registos das obras no espaço internacional.

Também a análise de roteiros similares, como aos roteiros já existentes no MDUP, desenvolvidos por alunos a universidade, foi essencial para este projeto, onde foi possível aplicar algumas melhorias, uma visão diferente de narrar ou contar a minha história e a forma como desenvolvi os conteúdos para os meus roteiros. Pude verificar a existência de algumas lacunas, as quais penso que consegui colmatar no macro roteiro.

A revisão da literatura permitiu uma exploração do objeto em questão, abrangendo aspetos que não tinham inicialmente sido considerados, de onde retirei estes contributos para a definição da problemática, bem como na compreensão do objeto de estudo e

respetivas técnicas a aplicar na investigação. Este exercício traduz a interação estabelecida ao longo da investigação entre aspetos considerados nos polos epistemológico e teórico, bem como como polo técnico.

Foi este dispositivo de investigação que proporcionou o conhecimento multidimensional do objeto. Na realidade, a adoção de um método, enquanto trajeto de pesquisa, constitui um elemento fundamental para a realização de qualquer trabalho que tenha por objetivo a compreensão e a interpretação.

O polo morfológico - apresentação do macro roteiro do escultor José Rodrigues

Este polo consiste, concretamente, em organizar e apresentar os dados que foram obtidos durante todo o processo. No final deste trabalho, é onde devo expor e oficializar os resultados obtidos na investigação realizada, e que permitem a construção do objeto científico. O último polo do método quadripolar, o polo morfológico, apresenta os diferentes roteiros/*apps* sobre o escultor José Rodrigues, inseridos numa lógica de macro roteiro, onde apresento os resultados obtidos na investigação para este projeto, não só relativamente à problemática colocada, mas também a todo o processo de construção da investigação, e permite uma melhor compreensão do objeto.

De forma breve, depois de efetuada a recolha dos dados necessários para a construção dos roteiros, começamos por considerar de que forma iríamos expor as obras na plataforma, e passamos a conceção da *storyline*.

Inicialmente, estava apenas previsto desenvolver um roteiro sobre a arte nos espaços públicos no Porto e em Portugal, dando mais destaque às obras com maior projeção, ficando algumas, infelizmente, por referir, mas uma seleção teve de ser feita até para seguir a narrativa. Mas, após o mapeamento dos POI, etapa essencial para a construção dos roteiros, chegamos à conclusão que fazer apenas um roteiro acerca das obras instaladas em espaços públicos, o roteiro ficaria demasiado extenso e com uma probabilidade de o utilizador perder o interesse bastante elevada. Assim, optamos por criar três roteiros. Um roteiro sobre a arte em espaços públicos na cidade do Porto, onde foi pensado um trajeto acessível para o utilizador percorrer através das obras de José

Rodrigues, e que, obviamente, não é fechado, podendo o utilizador fazer o roteiro conforme o seu gosto e interesse. Então, o roteiro “**Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. A arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na cidade do Porto**”, inicia na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde a vida artística do escultor teve início, e onde estão instaladas duas das suas obras académicas, uma das quais teve a classificação de 20 valores, e termina na icónica escultura do Cubo, na Praça da Ribeira, obra que na altura causou bastante polémica, mas que, hoje em dia dá “nome” à praça. O roteiro “**Uma viagem por Portugal com as obras de José Rodrigues no espaço público**”, mais uma vez, inicia em Alfândega da Fé, onde José Rodrigues viveu parte da sua infância, apesar de ter nascido em Angola e, o percurso estabelecido segue a viagem com as obras do escultor pelo interior de Portugal, seguindo depois em direção ao Norte, e a viagem termina em direção a Sul, sendo o último POI em Lisboa.

O roteiro biográfico do escultor José Rodrigues “**José Rodrigues: A vontade de transformar**”, apresenta a sua vida e obra enquanto aluno e professor da ESBAP, salienta a obra mais significativa do escultor nas diversas expressões, que não se encerra apenas na escultura, e faz ainda referência às importantes instituições que fundou, como a Cooperativa Árvore no Porto, a Fundação Bienal de Cerveira, e as fundações que nos deixou com o seu nome, em Vila Nova de Cerveira e no Porto, esta infelizmente, sem atividade, de momento.

Para a construção dos roteiros, vistos na lógica do macro roteiro, após o mapeamento dos POI, foram produzidos e preenchidos os mapas informacionais, com toda a informação relacionada com cada POI. De seguida, a informação que consta no mapa é inserida na plataforma do Museu Digital, desenvolvida pela *Weblevel*, empresa de multimédia, que disponibiliza os roteiros para o digital/online, e é onde o roteiro ganha vida.

Apresento, assim, o resultado do meu estudo ao longo destes meses, com os três roteiros desenvolvidos para a *app* do MDUP e que podem ser acedidos num telemóvel, tablet ou computador, através da *app* MDUP. Vejo, assim, o meu projeto concretizado e disponibilizado para o público, e espero, desta forma, encontrar uma solução para a questão de partida que me levou a realizar este projeto, e deixar a obra do escultor, nas

suas diversas vertentes, exposta e acessível a todos, de modo a que ajude a perpetuar o seu trabalho e para que permaneça na memória das pessoas e, também, que quando o utilizador estiver perante a obra do escultor, possa, de imediato, associá-la ao artista.

Como conclusão da metodologia utilizada para a construção deste projeto, o método quadripolar revelou-se um recurso de índole qualitativa, guiou um percurso de investigação dinâmico e ultrapassando as limitações de uma abordagem linear, apresentando-se como uma opção válida para pesquisas científicas no âmbito das Ciências Sociais.

Capítulo I - As Tecnologias de Informação e Comunicação e as Indústrias Criativas

1.1. Síntese da revisão da literatura e estado da arte

A revisão de literatura consiste na fundamentação teórica e estrutura conceptual a adotar para tratar o tema e o problema de investigação. Esta etapa envolve, essencialmente, a técnica de pesquisa bibliográfica e o processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema.

No presente projeto, a revisão de literatura versou, essencialmente, os tópicos:

1. cultura digital e plataformas digitais,
2. museu digital,
3. *storytelling*,
4. aplicações para dispositivos móveis,
5. vida e obra de José Rodrigues,
6. a arte de José Rodrigues nos espaços públicos.

A obra essencial foi a tese de doutoramento da Professora Doutora Leonor Barbosa Soares sobre o escultor. Começa-se por abordar o contexto / conceito de cultura digital e sociedade em rede.

1.1.1. *Cultura Digital*

“O século XXI é caracterizado pela cultura digital. A penetração das TICs na sociedade ou a relação entre cultura e novos media é designada de cultura digital ou e-cultura”¹ (Ardielli, 2017, p. 35).

A cultura não é apenas uma parte inerente da vida humana, mas também cria o potencial de crescimento económico, emprego e inovação. Por esse motivo, a União Europeia considera

¹ Tradução livre da autora.

muito importante o desenvolvimento do setor cultural e das indústrias culturais e criativas. Atualmente, o setor cultural é confrontado com a penetração das tecnologias da informação e comunicação. O amplo uso da Internet e das tecnologias da informação e comunicação implica comportamentos mais participativos por parte dos usuários, cada vez mais envolvidos eletronicamente em atividades culturais (cf Ardielli, 2017).

Nas últimas décadas, houve enormes transformações em diferentes domínios, mas sobretudo, no que diz respeito às inovações concretizadas na área das tecnologias (TIC), que evidenciam hoje uma interligação global sem precedentes. Mais especificamente, são as mudanças ocorridas na “comunicação, na arte, no consumo e na produção cultural” (Anderson, 1999 apud Camargo et al, s.d., p. 106), que assinalaram fortemente a segunda metade do século XX.

O fenómeno da cultura digital, surgido nos anos 90, caracteriza-se pelas profundas transformações provocadas pela Internet, sobretudo, nas áreas do comércio, indústrias criativas e comunicação (Tribe, 2006 apud Ardielli, 2017, p. 35), não ficando limitada ao sistema centralizado existente.

Para Manovich, autor que introduziu o conceito de Cultura Digital (2001 apud Ardielli, 2017, p. 35), a cultura digital assenta, essencialmente, numa cultura da informação que se expressa através da convergência dos meios de comunicação e dos conteúdos mediáticos e na combinação entre cultura e computadores, estando estes últimos dispositivos, a par de outros, cada vez mais integrados nos nossos diferentes hábitos. Assim, podemos afirmar que hoje vivemos numa sociedade referida como a era da informação, ou sociedade em rede, muito marcada pelos fenómenos da interação e participação na internet. Na verdade, Castells (1996) centra-se nesta última, descrevendo-a como uma sociedade “onde as principais estruturas e atividades sociais são organizadas em torno de redes de informação processadas eletronicamente” (Uzelac, 2008, p. 7).

No fundo, a cultura digital é, segundo Ardielli (2017, p. 35), “o produto da fase contemporânea das tecnologias de comunicação profundamente amplificadas e aceleradas pela popularidade dos computadores em rede, tecnologias personalizadas e

imagens digitais”². É evidente e inegável que, as tecnologias digitais estão presentes em quase, senão, todos os aspetos do dia a dia. E como constata Gere (2002, p. 9 apud Uzelac, 2008, p. 11) quase todos os meios de comunicação em massa, como a televisão, rádio, cinema, música, além de serem produzidos, são cada vez mais distribuídos no meio digital.

O aparecimento e difusão demasiado rápida das novas tecnologias – internet, redes sociais, entre outras, contribuiu para que se proporcionasse esta mudança para as plataformas digitais, que trouxeram e possibilitaram novas formas de interação e participação eletrónica, trazendo um enriquecimento aos modelos de participação na esfera cultural e na própria produção (UNESCO, 2012: 25; Pasikowska-Schnass, 2017: 9), desafiando e alterando, por isso, as noções tradicionais de como se entende a cultura.

1.1.2. As Tecnologias de Informação e Comunicação e Indústrias Criativas

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) vieram trazer revoluções importantes não apenas no mercado, mas também na forma como, hoje em dia, se pratica a atividade turística e cultural. Inquestionavelmente, vivemos novas formas de participação e acesso cultural, mudanças, ou adaptações, provocadas pela cada vez maior penetração das TICs na sociedade. O setor cultural está, agora, confrontado com a introdução destas novas tecnologias e, o espaço *online* vai ganhando cada vez mais protagonismo na sociedade contemporânea devido a estas manifestações da infocomunicação digital. Assumido como um setor cada vez mais marcante, este tem-se tornado numa “componente importante da economia moderna e da sociedade da informação” (UNESCO, 2009, p. 7).

Até agora, a cultura era tida como parte integrante da vida humana, mas, atualmente, e considerando este contexto da informação digital em que nos encontramos, ela é capaz de fomentar crescimento económico, razão pela qual a UE “considera o

² Tradução livre da autora.

desenvolvimento do setor cultural e indústrias culturais e criativas como muito importante”³ (Ardielli, 2017, p. 33).

De acordo com a Comissão Europeia (2018), “estima-se que as Indústrias Criativas e Culturais sejam responsáveis por mais de 3% do produto interno bruto e do emprego da EU”⁴. Um recente estudo sobre a economia criativa portuguesa⁵, divulgado pela ADDICT, revela, por outro lado, que este setor é responsável por 4% do PIB do país. Atualmente, “as indústrias criativas ocupam lugar entre os setores mais dinâmicos do comércio mundial” (Faustino, 2013, p. 36).

“Além da sua contribuição económica significativa, as ICCs contruíram uma ponte entre artes, cultura, negócio e tecnologia” (Ardielli, 2017, p. 34). O constante desenvolvimento tecnológico e o aumento da utilização da internet, veio revolucionar “radicalmente a forma como os produtos culturais são criados, produzidos, distribuídos e consumidos” (UNESCO, 2000 como citado em Mateus, 2010, p. 11), além de fomentar a criação de novas profissões ligadas a esta indústria. Isto resulta numa mudança de acesso à cultura, ou seja, e como exemplo, os livros em papel ou os quadros em museu podem agora ser visualizados em dispositivos móveis, como por exemplo, num telemóvel. Será que podemos falar numa “desconstrução” da sociedade da forma como, até há uns anos atrás a conhecemos?

As tecnologias digitais, sobretudo as aplicações (*apps*) digitais, vieram permitir novos caminhos de expressão artística e cultural, assim como novas oportunidades de negócio ou a reinvenção de negócios tradicionais. E trouxeram, também, uma transformação na forma como os turistas vivem as suas experiências durante uma viagem, que usam estas aplicações como forma de auxílio. A informação é mais rápida, as coisas ficaram mais rápidas, e o volume de informações é infinitamente maior, e não pára de aumentar.

³ Tradução livre da autora.

⁴ Tradução livre da autora.

⁵ A Economia Criativa em Portugal – Relevância para a Competitividade e Internacionalização da Economia Portuguesa.

Cada vez verificamos que, as entidades relacionadas com o setor da Cultura e Património, como museus, fundações, universidades e outras instituições, adotaram estas *apps* para aproximarem os consumidores e utilizadores às informações e conteúdos culturais que disponibilizam, e também, como acima referido, transformar a experiência dos seus utilizadores.

Estas aplicações vieram facilitar, em muito, a forma como os utilizadores e consumidores têm acesso à informação, sendo esta mais imediata e em tempo real, facilitando a procura por informações sobre um destino, pessoa, instituição, etc. O uso destas *apps* cresce de forma significativa no Turismo e na Cultura, sendo incorporado no setor pelos diversos nichos do mercado.

1.1.3. A Sociedade em rede

A globalização e as tecnologias da informação e da comunicação (TICs), muito em voga na sociedade em rede preconizada por Castells, têm um papel fundamental na mediatização da informação e do conhecimento. Podemos dizer que o Homem, hoje em dia, tem uma ligação fundamental com a máquina no confronto com a tecnologia da informação para aprofundar o seu conhecimento. Isto revela uma nova forma de comunicar onde os meios digitais têm um papel fundamental na procura deste conhecimento. Estes novos meios vêm ajustar o homem à tecnologia informativa e à máquina com o objetivo de evitar as perdas de tempo. O paradigma informativo é assim um projeto da modernidade, um projeto racionalizador do espaço e do tempo.

“Manuel Castells tenta compreender a profunda mudança que decorre, nas últimas décadas do século XX, da combinação entre fatores socioculturais, económicos e políticos, em que a lógica possibilitada pelas tecnologias da informação e da comunicação de tornou predominante na estruturação social contemporânea – e sistematicamente com um programa de testes e aplicações empíricos.” (Santos et al, 2014).

Como preconizado por Castells, “princípio da sociedade em rede é indissociável das transformações associadas às relações entre as novas TIC’s e a globalização [...]”.

(SANTOS, Helena et al, 2014:33). Castells afirma que “existe uma profundíssima mudança paradigmática das sociedades, que ele designou como informacionalismo, princípio organizador da sociedade em rede, possibilitada pelas TIC’s.” (Santos, Helena et al, 2014:34)

Castells defende que o papel das tecnologias da informação e da comunicação nas sociedades atuais como sociedades em rede global, equivale ao da eletricidade das sociedades industriais. “Os efeitos da disseminação das TICs correspondem, de facto, a uma revolução de paradigma – como Castells refere, há um novo sistema de relação prática e simbólica com o mundo, que nos transforma em todas as dimensões, da global à emocional, o que significa a nossa fronteira com o biológico e o físico.” (Santos, Helena et al, 2014:35)

O conceito de informacionalismo corresponde, assim, a “um novo modelo de desenvolvimento nascido de um paradigma tecnológico novo, fundado na tecnologia da informação” (Castells, como citado em SANTOS, Helena et al, 2014:35) – caracterizado por novos e abrangentes processos e contextos de comunicação:

“O que é específico do modo informacional de desenvolvimento é a ação do conhecimento sobre o conhecimento como fonte principal da produtividade [...] O tratamento da informação visa aperfeiçoar a tecnologia do tratamento da informação como fonte de produtividade, num círculo virtuoso de interação entre os conhecimentos que estão na base da tecnologia e a aplicação da tecnologia, a fim de melhorar a geração do conhecimento e o tratamento da informação [...]. (Castells, 2001a, pp. 41-42, apud SANTOS, Helena et al, 2014:36)⁶

Acima de tudo, a sociedade em rede global é uma nova estrutura de comunicação e de cultura, altamente maleável e reconfigurável, com um poder de disseminação e domínio que opera segundo uma poderosa lógica de inclusão/exclusão – não meramente

⁶ O autor é claro na distinção entre conhecimento e informação, por um lado; e entre informação e informacionalismo, por outro (ver Castells, 2001a, p. 41-42, e pp. 45-46, nº 34)

em termos da utilização ou não utilização das TICs (da internet em particular, como expoente), mas em termos do que as redes integram e excluem.

“A cultura comunicacional-informacional, ou o princípio informacional de organização, liga-se a outro conceito proposto por Castells – o conceito de “autocomunicação de massas”:

“O crescente interesse das empresas de *media* pelas formas de comunicação baseadas na Internet é, de facto, o reflexo da emergência de uma nova forma de comunicação socializada: a autocomunicação de massas.”” (Santos, Helena et al, 2014:39)

Em suma, encontramos-nos, de facto, num novo domínio de comunicação, e num novo *media*, constituída por redes de computadores onde a linguagem é digital, e cujos emissores estão distribuídos globalmente e são globalmente interativos. A construção de um Museu Digital, onde divulgamos conteúdos culturais enquadrados numa experiência diferente para o consumidor/utilizador, que acede através de uma *app* a partir do seu *smartphone*, vem legitimar esta sociedade em rede de Castells, onde a forma de comunicar se processa através dos novos meios de informação.

1.1.2. Comunicação e Plataformas Digitais (PD)

Como já analisado acima com os diferentes autores, que discorrem acerca da era digital ou da sociedade em rede global em que vivemos, verificamos que hoje comunicamos de forma diferente. Hoje em dia, a forma de comunicar sofreu uma significativa mudança e uma enorme evolução, por conta da internet e do uso de dispositivos móveis ou plataformas digitais, que nos permitem comunicar e ter acesso à informação de uma forma nunca antes pensada. O impacto da Internet na vida dos consumidores e utilizadores tem sido considerável e não tem parado de aumentar e, em Portugal, à semelhança dos outros países, o número de utilizadores tem vindo a crescer

de forma regular, e utilizam estes meios como fonte de informação e como forma de transação.

Hoje em dia, é quase impensável considerarmos as nossas rotinas e o nosso dia-a-dia sem o acesso à internet por ser, sobretudo, uma fonte imediata de informação e visualização, seja ela de caráter cultural, social ou pessoal. Neste sentido, não só o acesso ao *Google* facilita esta busca pela informação, mas também as plataformas digitais (PD) desempenham aqui um papel fundamental.

Cada vez mais, as Plataformas Digitais são utilizadas como facilitadores de relacionamento, aproximando clientes e empresas, e cada vez mais utilizadas pelo utilizador comum e por turistas, apoiadas em elementos que precisam de gerar confiança e segurança para os seus utilizadores.

“Tal como o adjetivo “digital” indica, a plataforma é uma base tecnológica concebida e usada humana e socialmente para que se produza, armazene, recupere, dissemine, comunique e transforme o fluxo informacional. A plataforma digital (PD) não se esgota, pois, num mero registo tecnológico, embora seja sinónimo ou equivalente ao sentido que se dá a um sistema informático, mas vai além, porque ganha a sua plena inteligibilidade dentro de um sistema de informação.” (Passarelli et al, 2014:116)

“Para uso corrente e exigente no campo das CCI, propomos que se entenda a PD como o “espaço de inscrição e de transmissão” da informação humana e social visível no écran do computador e gravada/inscrita no respetivo disco e memória, de forma que possa ser comunicada. Trata-se de um “espaço” tecnológico que, na essência, continua a ser constituído por *hardware* e *software*, mas no qual convergem diversas tecnologias e serviços com o fim de torná-lo um instrumento de mediação infocomunicacional.” (Passarelli et al, 2014:116)

A PD é um meio da tecnologia da informação e da comunicação, e absorve o conceito de sistema tecnológico ou de infraestrutura tecnológica. O seu conceito evoluiu para um conceito de Plataforma de Experiência Digital, principalmente focada na experiência do utilizador, e pretende ser mais interativa e eficiente, com o sentido de lhe proporcionar melhores experiências.

1.1.5. As Aplicações para os Dispositivos Móveis. O Turismo e as apps

Verificando que agora vivemos numa era onde os meios tecnológicos têm uma grande importância e, até, uma certa dependência, sabemos que o meio mais utilizado para aceder a este macro roteiro será através de um *smartphone*, aparelho que nos acompanha no dia a dia. Podemos considerar ainda os *tablets*. Ainda que o mapa e os roteiros criados estejam perfeitamente adaptáveis para visualização num computador, sabemos que o *smartphone* é o dispositivo mais acessível a qualquer pessoa, e de mais fácil acesso ao conteúdo digital pretendido em qualquer lugar do mundo.

O uso de dispositivos móveis para acesso a informação e a conteúdos *online* é cada vez maior. Por isso, estes dispositivos estão cada vez mais bem preparados para este uso específico e é essencial que as plataformas de experiências digitais sejam *userfriendly*, e que se adaptem às necessidades do utilizador. A criação de uma experiência nativa, ajustada para cada sistema operacional *mobile*, ou mesmo uma experiência *web* responsiva, e a facilidade na construção destas aplicações é outro ponto importante.⁷

Como foi já referido, vivemos numa sociedade em rede, surgida a partir desta revolução da tecnologia da informação, e o turista, viajante ou utilizador, tem uma maior aproximação e ligação com o seu local de destino, com a comunidade autóctone e, principalmente, com a forma como organiza a sua viagem. Da mesma maneira, o turista ou consumidor cultural, através destas ferramentas, consegue programar a sua visita e o acesso à informação pretendida de forma imediata e em tempo real, apenas através de um dispositivo móvel. Nesse contexto, podemos afirmar que as tecnologias móveis vieram facilitar aos consumidores, sejam eles culturais, turísticos ou outros, o acesso à informação e facilitar o seu processo de viagem, exploração, etc., e vieram também mudar as estratégias das organizações turísticas.

O uso dos *smartphones* pelos turistas permite, assim, o acesso à informação rápida e imediata através do uso das aplicações por eles disponibilizadas sendo, portanto, uma forma de auxílio nas várias etapas da viagem, o que se verifica que ambas as partes

⁷ <https://vertigo.com.br/plataforma-digital-portal-intranet-mobile/>

favorecem com utilização do *smartphone*, tanto para o turista que, no imediato tem acesso à informação, como para gestores e empreendedores, que conseguem acompanhar a opinião dos seus consumidores e a receção dos seus serviços/produtos. Alguns autores acreditam que usar as tecnologias móveis no turismo torna a experiência mais profunda porque permite ao turista um melhor conhecimento da localidade, tornando mais sábia e eficaz a sua procura.

A reputação de um determinado destino turístico é também um fator importante. Usualmente, o turista contemporâneo prepara uma viagem e, em casa, acede aos *websites* mas, ao chegar ao destino, são as aplicações que são utilizadas na procura de informação. Ou seja, estas ferramentas mudaram a forma de como o turista realiza uma viagem que, cada vez menos, recorre às agências tradicionais, o que leva, ainda, a um maior número de utilizadores de *smartphones*, onde verificam toda a informação que lhe é útil no destino. As TIC'S estão a gerar valor na experiência do turista e a fomentar uma automação de processos. O acesso à informação está, portanto, na palma da mão do utilizador.

Como breve conclusão, todos estes fatores inseridos na cultura digital justificam o desenvolvimento deste macro roteiro do escultor José Rodrigues numa plataforma digital que pode ser acedida através de uma aplicação criada para um *smartphone*, dispositivo móvel que se encontra junto do utilizador em qualquer momento, e que o pode auxiliar na absorção de conhecimento e de informação, assim como pode, através deste roteiro cultural, efetuar uma viagem pelo Porto ou por Portugal, através das obras e esculturas de José Rodrigues. A nova forma de comunicar em que atualmente vivemos, é também benéfica no sentido da busca imediata pela informação, pelo conhecimento, e pela cultura de determinado destino.

1.2. A Construção de Narrativas e Storytelling

1.2.1. O conceito de Storytelling

“A narrativa é o pilar da comunicação entre os seres humanos, dotando-a de uma profundidade que seria difícil de alcançar na sua ausência. Definida por Authur Asa Berger como “uma estória que contém uma sucessão de eventos” (Berger, 1997: 4), a narrativa torna-se capaz de articular os vários acontecimentos que compõem a vida, dando origem a uma sequência estruturada que espelha a forma como o mundo é experienciado.” (Maganhal, 2017:33). Ou seja, o ato de contar estórias, designado por *storytelling*, é a forma que o ser humano desenvolveu, de forma natural e quase inconsciente, para atribuir significado à vida e ao mundo que o rodeia. E por estes motivos, o *storytelling* é cada vez mais utilizado como estratégia por parte dos meios de comunicação social por permitir uma maior profundidade no contacto estabelecido com o público. Perante a mensagem e, depois de assimilar as suas ideias, o consumidor consegue criar identificação com o contexto e transpô-lo para a sua própria realidade.

O *Storytelling* é a forma como se narra uma história, utilizando uma linguagem persuasiva que mantém o utilizador interessado na narrativa, com o poder de formatar os seus pensamentos, no intuito de proporcionar uma experiência interessante ao utilizador. De acordo com Salmon (2007) o *storytelling* não é uma simples narrativa, mas sim um discurso com o intuito de persuadir, desenvolvendo nas pessoas sentimentos e desejos que as levam a compreender e a ordenar o mundo. “O que interessa, na maioria dos casos, para entrar no universo do *storytelling*, não é tanto “o que” se narra, mas sim, “onde” se narra, “por que” se narra, “a quem” se narra e “como” se narra. São narrativas que trazem uma ideologia, pois deixam vivo em nosso íntimo sentimentos e desejos que não existiam antes da chegada delas. Por isso, os *storytelling* são tão poderosos.” Aquele que constrói e conta uma boa história possui uma arma nas mãos para vencer o concorrente.” (Arab et al. 2011:8)

A origem do *Storytelling* deve-se ao interesse e à sensibilidade das sociedades pós-modernas pelo passado, de resgatar revivalismos e remixes. Hoje em dia, o *storytelling* tornou-se numa ferramenta capaz de estimular o crescimento e a expansão da sociedade de consumo. Esta temática advém do *branding* onde se descobriu o poder de gerir e criar conteúdo para as marcas, pois é utilizado para as implementar e valorizar, através de narrativas que evidenciem os valores e missões das empresas, o que fortalece a sua

identidade corporativa. As histórias podem ser contadas de formas diversas, oralmente, através de imagens, textos, etc., com o intuito de envolverem o recetor da história ou consumidor.

Resumidamente, o *storytelling* tornou-se numa ferramenta de gestão capaz de criar expectativas no consumidor, de forma a assegurar a continuidade de um produto, e que envolve o cérebro do consumidor, que é capaz de guardar e reter informações, principalmente, quando estas estão inseridas num contexto com carga emocional para ele. Como consumidores sabemos que a nossa mente está programada para se recordar de algo que nos surpreenda, nos emocione e nos envolva.

1.2.2. O Processo de Criação em Digital Storytelling

Como referido acima, o uso do *storytelling* está cada vez mais em expansão. De acordo com Tolisano (2009:7), o “*storytelling* baseia-se em 3 C’s: conectar, comunicar e colaborar, concebendo pontes entre experiências, perceções e perspetivas, onde o passado se mistura com o presente e com o futuro.” O conto de histórias serve para expressar memórias, isto é, revelar e contar histórias que envolvam o passado e o presente do utilizador, e garantir que estas encontrarão um lugar no futuro.

Esta ferramenta é uma estratégia de difusão de conteúdos, mas também, uma forma de originar novos comportamentos na sociedade. O objetivo principal do *storytelling* é gerir toda a informação de forma a captar a atenção dos indivíduos apelando ao seu lado emocional. Estas narrativas devem ser curtas e concisas e impregnadas de um tom pessoal, a que Denning (2006 apud Cogo, 2012:146) designa de “voz da conversação” que deve ser espontânea em vez de ensaiada. Os contadores de histórias usam frequentemente a primeira pessoa do singular “eu” e do plural “nós” para se aproximarem do público, transmitirem segurança e conforto.

Assim, o processo de *storytelling* divide-se em três etapas: construir histórias, organizar histórias e socializar histórias. A primeira etapa passa por colecionar documentos, fotografias, vídeos e outros exemplos relevantes que contem a história

pretendida. Depois é necessário organizar a história de forma a que esta estabeleça uma relação com os públicos e, por último, ser capaz de a transmitir com eficácia através do meio escolhido para a sua divulgação. A sua estratégia de aproximação utiliza acontecimentos reais do dia a dia, com histórias de fácil compreensão, e usa mais do que palavras, e deve apelar às emoções dos públicos, considerando o seu estilo de vida, interesses e necessidades, e oferecer conteúdos novos e com valor para permitir que os consumidores fiquem interessados no produto. Para Núñez (2009 apud Cogo 2012:111), a carga emocional das histórias prende a nossa atenção com mais eficiência do que a simples informação, fazendo com que capturemos o sentido dos acontecimentos de maneira mais rápida e mais profunda.

Isto acontece porque as narrativas abrangem um teor pedagógico que favorece a síntese e posteriormente a lembrança com características lúdicas, sensoriais e emocionais. Em suma, as boas histórias “obrigam” as pessoas a mudar a sua:

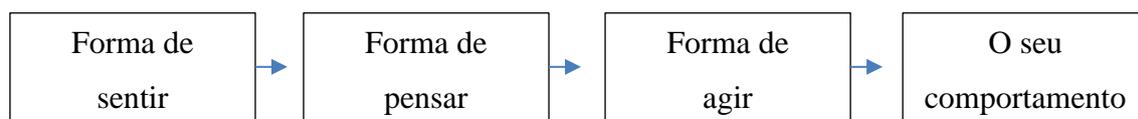


Tabela 1- tabela baseada em António Núñez, 2009

Perante este gráfico, e segundo Gabrielle Dolan, “o *storytelling* pode ser definido como uma estratégia cuja principal finalidade é despertar uma conexão emocional com o público, uma vez que o ato de contar ou ouvir histórias desenvolve vínculos entre as partes emissora e recetora” (Dolan, 2017: 10).

Considerando as múltiplas plataformas disponibilizadas pelos meios de comunicação, é importante que a prática do *storytelling* se atualize, adaptando-se às novas funcionalidades, designadamente as tecnológicas e, assim, beneficiar destas mesmas funcionalidades e intensificar a ligação com o público contemporâneo em diversas vertentes.

1.3. O Turismo na divulgação da *app*

Atualmente, para além de ser a indústria criativa que mais contribui para o PIB (produto interno bruto) português, o turismo é um dos mecanismos mais fundamentais quanto à divulgação de atividades e experiências socioculturais. Atualmente, sendo um fenómeno em ascensão, o turismo está a adaptar os seus programas turísticos para a sua continuada mutação, e evidencia um notório desenvolvimento relativo ao património cultural, que pretende superar as barreiras das ofertas ditas tradicionais.

Considerando que o património cultural se trata de uma das principais atrações a nível turístico, existe a necessidade de providenciar experiências únicas e atrativas que se enquadrem com as características culturais da cidade onde os viajantes se encontram. (PINTO et al., 2016: 4813). Considerando, ainda, que os roteiros desenvolvidos para a *app* do Museu Digital da U.Porto, apresentam conteúdos ligados ao património cultural, devemos assumir que seria fundamental o papel do turismo na divulgação do nosso projeto além-fronteiras, alavancada pelos nossos estudantes de Erasmus. Esta ligação entre cultura e turismo é fundamental porque lida com a criação de relações entre a cultura patrimonial, a comunidade residente e os visitantes, conforme evidenciado na Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade, assinada em Faro em 27 de outubro de 2005, nomeadamente através do Art. 4.º a) *que cada pessoa, individual ou coletivamente, tem o direito de beneficiar do património cultural e de contribuir para o seu enriquecimento e do Art. 5.º a) reconhecer o interesse público inerente aos elementos do património cultural em função da sua importância para a sociedade.*⁸ Ou seja, estes interesses comuns de preservação e valorização patrimonial em torno da indústria do turismo é essencial porque tem efeitos muito positivos aos níveis cultural e económico, de onde resulta um crescimento do país de uma forma geral.

⁸ DGCP. Direção-Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/tQ1SDX>

O resultado do MDUP, inserido num espaço comum a qualquer pessoa de qualquer país, gera património digital com a vantagem de estar numa plataforma ao alcance de todos. Os estudantes Erasmus podem vir a desempenhar um papel fundamental na divulgação da nossa *app*, e podem, inclusivamente, participar na construção e desenvolvimento de conteúdos para o “museu”.

É neste sentido que a U.Porto e respetivos museus podem representar uma mais valia na expansão turística da cidade invicta. Como os museus albergam objetos com interesse e qualidade histórica, eles devem ser potenciados para efeitos de divulgação turística da cidade, aliado aos crescentes esforços dos dirigentes políticos e das entidades culturais responsáveis em disseminar a cultura histórica portuguesa, como valorização não só da cidade como também do acervo pertencente à Universidade do Porto.

Capítulo II – José Rodrigues, a vontade de transformar

2.1. A obra de José Rodrigues

2.1.1. A ESBAP e os Anos 60

A obra de José Rodrigues concretizou-se em várias disciplinas artísticas, desde o desenho, escultura, cenografia, medalhística, cerâmica, gravura ou ilustração. Em todas estas expressões artísticas a que se dedicou tirou o máximo partido das potencialidades comunicativas dos materiais, e aqui, “reconhecemos o envolvimento do escultor num processo de trabalho que continuamente recupera, recria e projeta questões sugeridas por essas vivências da materialidade, reelaborando, conseqüentemente, as estruturas materiais que a elas anteriormente tinha feito corresponder” (Soares 2008-2009:420).

Filho de um casal transmuntano natural de Alfândega da Fé, José Rodrigues nasceu em Luanda em 1936, onde viveu a sua primeira infância. Desde cedo sentiu a vocação para as artes e, ainda muito jovem, gostava já bastante de moldar barro. Depois de convencer o pai a deixá-lo estudar em Portugal, foi então viver para a casa de familiares, no distrito de Bragança, fixando-se no Porto aos 14 anos para ir estudar para as Belas Artes. Concluiu o curso de Escultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), onde foi professor.

No ano escolar de 1958/1959, José Rodrigues concluiu o Curso Especial de Escultura e, em 1959, inscreveu-se no Curso Superior de Escultura, na ESBAP e, nos trabalhos que realizou enquanto aluno do Curso Superior, percebem-se registos expressionistas e informalistas, como se pode verificar no *Touro* e em uma *Cabeça*, trabalhos realizados na 2ª classe do Curso Superior de Escultura. A estética expressionista vai acompanhar o escultor nos primeiros anos da década. A *Cabeça* (ver série de cabeças na fig.1), que transmite sentimentos e expressões ambíguos, “expressões de dor, ansiedade, revolta ou sofrimento” (Soares, 2010:12), parte de um conjunto de trabalhos realizados com técnica similar, onde sobre o papel materializava rostos sofridos. Nos desenhos a pincel, a linha desfazia-se por vezes em aguadas, e o negro da tinta-da-china esvanecia-se em subtilezas de densidade e espessura.

No bronze, materializava Ícaros ou Guardadores de Sol ou de Estrelas, no fundo Guerreiros cujos corpos abertos “amplia[vam] dores e emoções”, no fundo, sentimentos que trouxe de experiências de guerra, colocados na matéria. Em alguns desenhos deste período podemos encontrar evocações e admirações pela técnica do desenho de Modigliani ou pelo rápido e gestual traço de Picasso. Considerando as obras de outros alunos como Jorge Pinheiro, Ângelo de Sousa, Armando Alves ou Ilídio Fontes, José Rodrigues isola-se nestes traços expressionistas (cf., Soares 2010:9).

Enquanto estudante, participou na IX Exposição Magna⁹, de 26 de outubro de 1960, que homenageava Dórdio Gomes pelos 26 anos de docência na ESBAP, onde apresentou alguns trabalhos (*Composição Esboceto*, uma *Academia* e um *Grande Fragmento*, respetivamente os números 267, 276 e 281 do Catálogo) e, em 1961, na Exposição Extra Escolar, José Rodrigues apresentaria cinco desenhos de *Rostos* (Fig. 1), reproduzidos no catálogo da exposição. (cf. Soares, 2010:19)

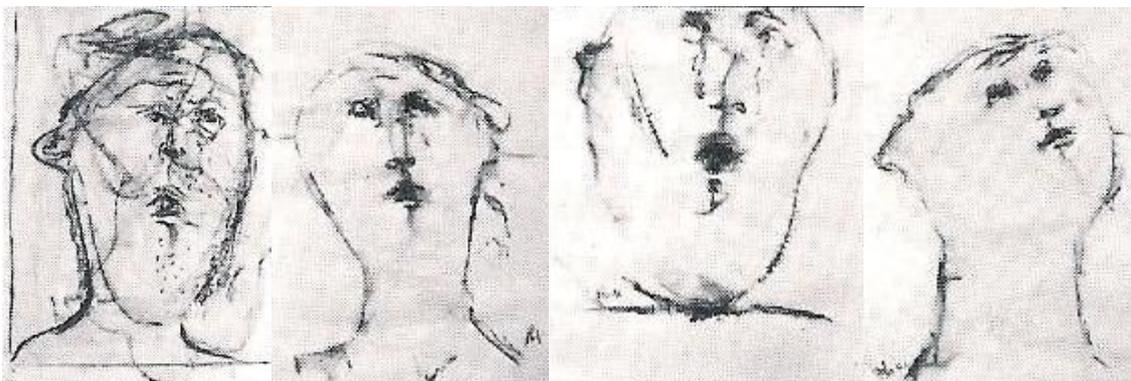


Figura 1 - Rostos, ca. 1961, nanquim aguada

Os trabalhos dessa série estão marcados pelas experiências que viveu na guerra de Angola, em 1961, para a qual foi convocado, e de onde trouxe dores e conflitos interiores

⁹ No dia 27 de outubro de 1960, alguns pintores assinaram o Manifesto *Nouveaux Réalisme*. No dia anterior, inaugurava na ESBAP a IX Exposição Magna homenageando Dórdio Gomes pelos 26 anos de docência de pintura nesta instituição. Carlos Ramos era então diretor da Escola. As Exposições Magnas da ESBAP faziam parte das concretizações fundamentadas na vontade de aproximação da Escola à cidade, onde Carlos Ramos teve um papel fundamental. Não é possível conhecer com rigor os trabalhos apresentados por José Rodrigues pelos poucos os registos deixados deste evento.

psicologicamente difíceis de superar. As suas composições e trabalhos de rostos e corpos refletem imagens de devastação através da utilização de materiais agressivos e numa organização de diferentes texturas e cores (areias, tecidos, arames, fios, papéis amarrotados, colas...). Também os desenhos, grafismos e aguadas evidenciam a dor e a destruição, configurada nos rostos ou em linhas que se desvanecem. Nestes desenhos é visível a inspiração nos traços de Picasso.

As experiências da guerra tiveram repercussões plásticas na obra do escultor que, através da integração de objetos e diferentes materiais, deu forma a experiências com textura, onde as noções de construção e destruição eram visíveis através da organização das imagens. Aqui, encontramos influências do formato compositivo do universo *Cuixartiano* (Modest Cuixart¹⁰, que José Rodrigues conheceu em Barcelona), em composições onde a máscara é protagonista, concentrando a sua atenção em experiências diversas, algumas com expansões notáveis para as três dimensões, como é o caso de *Máscara Africana* (Fig. 2), através dos pregos colocados perpendicularmente ao suporte, ou *Máscara para um Exorcismo*. Este contato com o informalismo¹¹ catalão aconteceu, também, na exposição “Vinte Anos de Pintura Espanhola” realizada em Lisboa e no Porto, em 1959, e que teve repercussões na imprensa, onde José Rodrigues ter-se-á interessado pelas possibilidades sincréticas dos efeitos matéricos. (cf. Soares, Leonor, 2010:21)

¹⁰ Ver SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 20.

¹¹ Em 1960 Antoni Tàpies pintava *Forma negra sobre quadrat gris* (obra com incisões, raspagens, marcas de múltiplas vivências).



Figura 2 - *Máscara Africana*, ca. 1962 (pintura, pregos, pano, arame). Convento de S. Paio

Para um enquadramento dos trabalhos de José Rodrigues encontramos referências no grupo *El Paso*, que integrava artistas como António Saura, Manolo Millares, Manuel Rivera, Martín Chirino, Manuel Viola, Rafael Canogar, Luís Feito e, da área da literatura, Manuel Conde e José Ayllon. Este grupo madrileno veio a dissolver-se em maio de 1960. Para os artistas portugueses a atividade deste grupo, que se propunha “renovar” a arte espanhola do pós-guerra, serviu de incentivo e inspiração para tentarem provocar uma mudança no ambiente artístico português. “Conscientes que tinham de ter um papel ativo na criação ao desenvolvimento livre da arte e dos artistas, propunham-se “criar um novo estado de espírito dentro do mundo artístico espanhol”: “a falta de museus e colecionadores, a ausência de uma crítica responsável, a radical separação entre as diferentes atividades artísticas, a artificial solução da emigração artística [...]”¹² (Soares 2010:24). Em Portugal, o ambiente artístico não era muito diferente.

Também a produção britânica teve alguma influência na produção dos artistas portugueses. A obra “*Early one Morning*” de Anthony Caro, de 1962, cuja composição permite ao observador diversas perspetivas e configurações quando se desloca em seu

¹² *El Paso 3. Manifesto. Verano, 1957*. Catálogo *Grupo El Paso*, Porto: Galeria de Arte Diário Ramos, 1999.

redor, é uma referência para o trabalho de José Rodrigues, com as suas linhas de cor vermelha. Em pouco tempo, José Rodrigues, começou a “limitar” vazios ao construir ou desenhar no espaço com linhas de aço e superfícies de cor, libertando-se da densidade do volume e da massa.

Estes exercícios, durante estes anos, “[...] conduziram a uma progressiva interrogação sobre os elementos escultóricos e a organização de formas plásticas no espaço. Os volumes de O Guardador do Sol (Fig. 3) sugeriam, através da massa, outras possibilidades que se vislumbram em Guardador de Estrelas I (Fig. 4) e mais se explanam em Guardador de Estrelas II (Fig. 5).” (Soares, 2008-2009 pp. 421) Sendo fragilizada enquanto massa, a presença da figura é dinamizada enquanto elemento de uma composição de linhas, planos e vazios. O



Figura 3 - Guardador de Sol, 1963, bronze, jardim da FABUP



Figura 4 - Guardador de Estrelas I e Guardador de Estrelas II, 1963/64, bronze, Fundação Bienal de Cerveira e Fábrica Social – Fundação José Rodrigues

Guardador de Sol foi a obra realizada na prova final do curso em 1963, nome atribuído na altura de “Guerreiro”, e que deu origem à classificação de 20 valores que será mais tarde, em 1968, lembrada na designação do grupo “Os Quatro Vintes”. Este trabalho de escultura afirmou-se singular do ponto de vista concetual e plástico e culminou no convite para exercer o cargo de 2º assistente na ESBAP. As notícias da guerra colonial, onde teve de lutar, fizeram-no viver um enorme conflito interior e angústia, por afetar as pessoas com quem tinha convivido. E o Guardador de Sol expressa, precisamente, essa dor, mas, reflete ainda, esperança e liberdade, evocando as recordações anteriores à guerra. A escultura transporta um escudo de superfície polida.

Esta síntese de valores expressionistas e informalistas justifica-se no seu interesse suscitados por obras galegas, francesas, inglesas que José Rodrigues escolheu na altura e que revelaram plasticidades inovadoras que correspondiam à linguagem e sensibilidade do escultor.

Ainda dentro de registos informais, José Rodrigues apresenta duas versões de Ícaro de 1964 onde, numa das obras, conjuga diversos materiais (como cerâmica, cimento,

penas e madeira), experienciados, mais tarde, no Ícaro da Sociedade Portuguesa de Autores (Fig. 6), em 1999, e no Ícaro oferecido à Escola das Virtudes – Cooperativa de Ensino Polivalente Artístico (Fig. 7), em 2006.

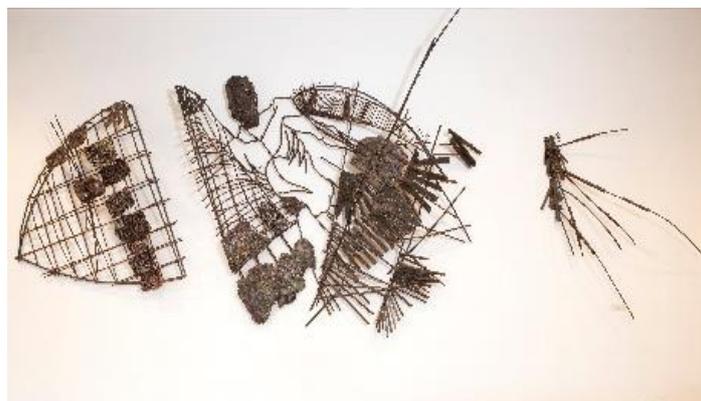


Figura 5 - Ícaro, 1999, peça constituída por três módulos e construída com varões de ferro e elementos cerâmicos. Sociedade Portuguesa de Autores



Figura 6 - Ícaro, 2006, escultura em varão de ferro e com elementos de chapa e penas. Escola das Virtudes – Cooperativa de Ensino Polivalente Artístico

2.1.2. Os Quatro Vintes (1968-1972)

José Rodrigues formou, juntamente com Armando Alves, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro (Figs. 8 e 9), o grupo conhecido pelos Quatro Vintes, nome assim atribuído pela classificação máxima que os quatro artistas obtiveram na prova de conclusão de final de

curso, ou seja, 20 valores. Como tinham vivido a experiência como alunos da ESBAP a entrada dos quatro no corpo docente contribuiu para o clima de renovação da Escola, sendo que existia na própria criação do grupo uma reação contra o academismo e um sentido de renovação.



Figura 7 - “Os Quatro Vintes” - Arquivo Galeria Alvarez; E Jaime Isidoro e Os Quatro Vintes: Armando Alves, José Rodrigues, Jorge Pinheiro e Ângelo de Sousa.

O Grupo assumia, então, uma atitude crítica perante o ensino naquela escola e empenharam-se na atualização do ensino artístico, que se verifica também na preocupação da formação e investigação enquanto professores. Armando Alves refere essa consciência como agente de mudança: “[...] sendo crítico de uma parte do ensino naquela escola – um pouco ultrapassado e desajustado – tinha agora a possibilidade de contribuir para a mudança e de prolongar o nosso trabalho com os alunos.¹³

Mesmo sendo a Escola das Belas Artes do Porto considerada mais liberal em relação à de Lisboa, e mesmo após as reformas introduzidas por Carlos Ramos, diretor desde 1952, permanecia longe do ensino que se praticava nas escolas internacionais e das próprias práticas artísticas da época. Enquanto não havia alterações curriculares estruturais, as mudanças iam-se fazendo dentro das disciplinas existentes. Havia,

¹³ ALMEIDA, Bernardo Pinto de – Os Quatro Vintes. JL. Lisboa, (28/11/1989), p. 13.

portanto, um grande empenho na atualização do ensino artístico, que se verifica também na preocupação da formação e investigação enquanto professores.

O nome do grupo foi inspirado numa marca de cigarros pouco dispendiosa e que era muito consumida na altura, os *Três Vintes*. “À sua imagem, associava-se uma maneira de estar reflexiva e independente, por vezes até irreverente, sobretudo quando usada no meio estudantil. Por extrapolação, chamava-se a atenção para outros preconceitos, agora referidos à própria atividade artística e determinantes das decisões sobre a sua função e o seu estatuto.” (Soares 2010:21)

Os quatro elementos do grupo convergiam na forma de pensar e no mesmo olhar crítico sobre o ambiente cultural e a dinâmica artística portuense que se viviam na época. A vida cultural portuense na década de 60 era marcada pelo isolamento da comunidade artística e pela falta de iniciativa institucional. Consideravam que havia menos oportunidades para os artistas devido à inexistência de intercâmbio cultural entre as cidades portuguesas. Preocupava-os os aspetos condicionantes da produção, onde a falta de informação e os escassos meios de divulgação acabavam por ter implicações na sua receção e comercialização.

O grupo procurava reagir contra o aumento de preços das obras ou à disputa dos artistas pelas galerias, que adveio de uma nova situação de mercado nacional de arte moderna em início de expansão, materializada pelo surgimento de novas galerias com objetivos comerciais, ainda que centralizado em Lisboa.

“Enquanto grupo, foi possível chamarem a atenção de forma mais eficaz para a falta de críticos profissionais e de imprensa especializada em Arte na cidade do Porto, para a indiferença quase geral em relação ao trabalho de artistas, para a falta de galerias e de exposições na cidade, para a falta de concursos públicos, enfim, para a falta de um Museu de Arte Contemporânea.” (cf. Soares 2010:21) Fizeram referência a esta situação, “com humor, numa declaração/manifesto datada de 20 de Novembro de 1968 “A Cidade e as Serras ou onde se fala por falar a propósito da nossa exposição coletiva no Porto” (Fig. 10) escrita e divulgada por ocasião da primeira exposição do grupo, realizada simultaneamente na Galeria Alvarez e na Cooperativa Árvore em 1968.” (Soares 2010:84)

Também na Cooperativa Árvore expôs uma série de trabalhos em chapa recortada e pintada iniciados em 1967, peças onde se identifica o valor de espacialidade, cinetismo, e relações cheio/vazio. (cf. Soares 2010:88)

A galeria Domingos Alvarez, com subsídio do Banco Pinto de Magalhães, organizou em Paris uma exposição do grupo, em 1970, na Galeria Jacques Desbrière. José Rodrigues apresentou *Jardins de Acrílico* e desenhos com a temática da revitalização perceptiva das duas e três dimensões, incluindo desenho modelado a grafite, recorte e colagem. (Soares 2010:91)

As imagens da exposição de 1971, na Galeria Zen, testemunham a continuidade temática quer nos trabalhos em três dimensões, com os jardins de acrílico, quer, ao nível do desenho, no confronto da bidimensionalidade e da representação em perspetiva de pequenos elementos. (Soares 2010:92 e 93)

Durante a sua existência como grupo, a sua atividade tornou-se mais visível e eficaz na chamada de atenção perante este contexto cultural da época e, ainda, valorizaram a singularidade e o trabalho de cada um perante o público. O grupo foi assumido pelos quatro como uma estratégia de mercado e não uma união com um programa estético comum. Reconheceram uma oportunidade de projeção das suas carreiras e do artista na sua individualidade.

Em entrevista a Armando Alves, Germano Silva recolheu a afirmação: “Os Quatro Vintes tiveram uma missão a cumprir que era uma missão para ser cumprida na época em que se constituíram em grupo, cumpriram-na, deixaram de ter razão de ser, o Grupo esvaziou-se e cada um dos que o constituíram seguiu o seu rumo... [...] conseguiu aquilo que era o seu objetivo: alterar o rumo das coisas no campo da Arte nesta terra que é o nosso País.”¹⁵

¹⁵ Ver tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 107.

2.1.2.1. Realizações paralelas aos Os Quatro Vintes

Fora do contexto do grupo, José Rodrigues realizou alguns trabalhos significativos o seu percurso. Alguns destes trabalhos realizaram-se no âmbito da cenografia, como, por exemplo, em 1970, contribuiu, pontualmente, na cenografia do espetáculo teatral e de ballet, “*Namban Matsuri*, coprodução luso-nipónica apresentada no âmbito da representação portuguesa na Exposição Internacional de Osaka” (Soares 2010: 107 e 108). Após o sucesso desta experiência, José Rodrigues foi convidado por Carlos Avilez para realizar o espaço cénico para a peça *Breve Sumário da História de Deus* que estreou no dia 1 de dezembro de 1970, no Teatro Gil Vicente em Cascais. Em 1968 colaborou com o Círculo Portuense de Ópera (CPO), na ópera cómica de Donizette, *Rita*, em 1969 com o Teatro Experimental do Porto (TEP), com o qual colaborou em várias situações, assim como com o Teatro Universitário do Porto (TUP). Foram inúmeros os trabalhos que José Rodrigues realizou no âmbito da cenografia. Acima, apenas fiz referência a alguns desses trabalhos.¹⁶

Em 1972, ano que marcou o fim do grupo Os Quatro Vintes, José Rodrigues prestou as provas de Habilitação ao título de Professor Agregado da ESBAP. O escultor foi aprovado pelo júri por unanimidade pelo trabalho que realizou para a prova de modelo vivo. *Figura Feminina* ou *Menina* (Fig. 11), que atualmente podemos ver na escadaria da FBAUP, foi a escultura que José Rodrigues apresentou. Nesta figura em bronze, José Rodrigues integrou indicadores de “[...] *um modo de estar feminino* vivenciado na época da realização do trabalho, a afirmação de uma sensualidade confiante, que se manifesta na postura elevada do peito, na colocação da cabeça e direção do olhar, e de uma determinação simultaneamente serena e ativa.”¹⁷ Partindo da posição clássica de *contrapposto*, obedece ao critério de colocação do peso do corpo sobre a perna esquerda.

¹⁶ Ver este assunto em tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 107 e 108.

¹⁷ CASTRO, Laura, BOCHICCHIO, Maria, SOARES, Maria Leonor Barbosa – José Rodrigues. Esculturas na Cidade do Porto, Edição Fundação José Rodrigues, Porto, 2016, p. 33. E ver tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 110.



Figura 9 - Modelo Feminino, 1972, bronze. Escadaria principal da FBAUP

2.1.2.2. Participação na XII Bienal de São Paulo

Em 1973, na XII Bienal de São Paulo, José Rodrigues apresentou dezanove trabalhos de escultura selecionados da série *Jardins*, onde o metal cromado surgia sozinho ou em contraste com bronze patinado. A presença do reflexo tornou-se essencial numa imagem, fazendo alusão à continuidade entre materialidade e imaterialidade. Portanto, a temática do espelho (que vai ser tratada ao longo dos anos), que tudo inclui dentro de si e tudo devolve, foi muito inspiradora para José Rodrigues, concretizada em obras de diferentes dimensões, algumas integradas na paisagem, como se pode ver no terreno do Convento de S. Paio.

2.1.2.3. A participação na Bienal de Veneza

José Rodrigues enviou um conjunto de desenhos intitulado *Caderno de Botânica*, para a Bienal de Veneza, cujo tema era *Da natureza à arte, da arte à natureza*, que apresenta uma grande coerência interna, e também na relação com outras obras apresentadas, particularmente o conjunto *Jardins de Bronze* e o conjunto de placas de bronze *Jardim Cheio de Memória*. A representação portuguesa foi comissariada por Fernando Pernes e os artistas representados foram José Rodrigues, Noronha da Costa e Ângelo de Sousa.

Os *Jardins de Bronze* enviados a Veneza, são obras que apresentam superfícies polidas e espelhadas. “A presença da superfície do espelho e da imagem que existe apenas lá, um lugar que o material afirma como intangível, oferece-nos uma variante dentro desta série (dos *Jardins de Metal*) com novas possibilidades interpretativas.” (Soares 2010:121).

2.1.3. Cinetismos. Esculturas em Chapa Recortada

Depois dos Guardadores de Estrelas, José Rodrigues vai realizar abordagens diferentes no tratamento plástico das obras. A linha vai dimensionar-se de vários modos definindo os seus domínios e fisionomias e selecionando técnicas em diálogo com o escultor. No desenvolvimento desta consciência, nos anos centrais da década de 60, as temáticas modificam-se no sentido da pesquisa formal, da concentração nos elementos plásticos, e a linha torna-se um objeto de estudo. “A linha é sugerida como reflexos sobre uma superfície metálica polida que sofreu uma intervenção perfurante, incisiva ou desniveladora. São criados, assim, efeitos de cinetismo, encruzilhadas visuais onde linhas e planos evoluem de acordo com a posição do observador, a iluminação e os objetos em redor. É o caso da série de trabalhos sobre folhas metálicas (Figs. 12 e 13) em que há uma sugestão de desenho por desnivelamento da superfície.” (Soares 2010:64).



Figura 10 - “Sem título”, ca. 1967, escultura em chapa recortada e pintada; “Sem título”, ca. 1967, escultura em chapa recortada e pintada. Convento de S. Paio

“Nessa série, José Rodrigues compôs curvaturas da chapa, através de depressões ou proeminências pontuais, proporcionando efeitos visuais cinéticos que dependem do movimento do observador, da iluminação e de tudo o que compõe o ambiente em redor. Sempre em mudança, formas abstratas vão surgindo e fugindo sobre a superfície polida.” (Soares 2008-2009:422) Os movimentos do observador são determinantes e indispensáveis, onde a intenção original é criar uma situação de interatividade.

“Outras relações podem ser estabelecidas se a folha metálica for colocada relevada ou rebaixada, concava ou convexa, dispositivos simples aos quais José Rodrigues chamou de *Relevos*.” (Soares 2010:65). A dinâmica interior/exterior associada ao objeto espelho ou as articulações espaciais construídas através de jogos de reflexos, serão quase constantes no percurso do escultor.

José Rodrigues criou uma variante desta estrutura num material diferente, o acrílico, “propondo conexões entre a cor, as marcações na superfície, o caráter translúcido e refletor e a intimidade com a moldura.” (Soares 2010:64) Estas estruturas relacionais serão uma presença no trabalho de José Rodrigues nos finais dos anos sessenta e durante a década de setenta, “mas que permanecerão nas variantes conotativas associadas ao espelho [...] e ao ser humano-espelho do mundo.” (cf. Soares 2010:65).

Assim, nestes trabalhos, destacamos a interatividade que as obras estabelecem com o observador e a integração deste nas mesmas, os diferentes lados que podemos perceber da mesma obra, em constante mudança, provocadas precisamente por aquela interatividade e pelos cinestismos incorporados, através da corporização da linha ou da introdução de pêndulos (Fig. 14) nas esculturas metálicas.



Figura 11 - “Sem título, 1966, ferro, pêndulo de metal; “Sem título”, ca. 1967, escultura em chapa recortada e pintada. Convento de S. Paio

“A série das *Esculturas em chapa* recortada iriam dar lugar ao desenvolvimento de novos motivos, as oposições positivo-negativo, a cor, a existência sem plinto no mesmo plano onde o observador se move.” (cf. Soares 2010:68).

As esculturas em chapa recortada (Fig. 15) podem ser vistas nos Convento de S. Paio, agora envolvidas pela vegetação, revelando uma maior intimidade com a natureza, o que faz parte da essência da obra.

2.1.4. Os Jardins

A série *Jardins*, do início dos anos setenta, é uma alternativa ao cinetismo a que José Rodrigues nos habituou nas obras em chapa recortada e pintada e com pêndulos. “Contemplação, quietude e essencialidade passariam a orientar a seleção formal e

compositiva.”¹⁸ As viagens que realizou por ocasião da participação na Exposição Internacional de Osaka certamente deram-lhe a conhecer registos essenciais e únicos que definiram estes trabalhos.

“Os *Jardins de Metal* (Figs. 16 e 17) parecem querer resolver as angústias da vulnerabilidade, harmonizar o efémero e o permanente, conciliar o fluxo da água com a sua evocação, conciliar a vida com a fossilização” (cf. Soares 2010:81). Nesta temática deixou-nos jardins de metal, jardins de bronze, jardins de acrílico, entre outras séries.



Figura 12 - “Sem título”, 1971 (?), bronze patinado, fio de algodão e pedra sobre base de mármore; “Sem título”, 1971, Jardim de Metal, bronze. Convento de S. Paio

Normalmente feitos em caixas de plexiglas ou em acrílico (Figs. 18 e 19), José Rodrigues inclui nestas construções areias, pedras, fios, pequenos troncos ou ainda espelhos, os jardins permitem novas interpretações a quem os observa. De acordo com Maria Leonor Barbosa Soares, e como já referido acima, estas obras requerem contemplação e quietude. “Encontram-se delimitados por uma fronteira translúcida e organizados como microcosmos de harmonia. A dinâmica criada pela luz, sobre e através do invólucro transparente e colorido, conduz o observador para a possibilidade de um alargamento desse pequeno mundo de serenidade.” (Soares 2010:82).

¹⁸ Ver este assunto em tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 81.



Figura 13 - “Sem título”, anos 70, Jardim de acrílico, acrílico, areia, espelho, pedra e bússola;
 Sem título, 1970, Jardim de Acrílico, acrílico, areia. Convento de S. Paio

2.1.5. Salomé e S. João Batista

“Debato-me entre Salomé e S. João. O importante é estar entre os dois.”¹⁹

José Rodrigues

Salomé e S. João são personagens presentes na história da pintura, da escultura, da gravura e do desenho, interpretadas de diversas formas pelos diversos artistas ao longo dos séculos. No início do século XX, Salomé é também representada como estereótipo de sensualidade e é neste sentido a abordagem deste tema por José Rodrigues, numa série de desenhos iniciada em 1988.

Eugénio de Andrade explicou a origem da série de desenhos: “Sou, de algum modo, responsável por este ciclo de desenhos de José Rodrigues – fui seu detonador. Há alguns meses, entreguei-lhes umas linhas, escritas a seu pedido, sobre o S. João do Porto. O texto fugia descaradamente ao tema, que não era do meu agrado, refugiando-me em João Batista e na fascinação que sobre mim exercem essas criaturas capazes de “viver do

¹⁹ Ver em tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 126.

instável, pelo instável, no instável” – não podia entender como as brejeiras festas das Fontainhas tinham por patrono o homem cuja voz clamava no deserto.”²⁰

Sobre os motivos de atração por este tema, em finais do século XX, e em particular por José Rodrigues, surgem motivos de interesse que derivam do facto do episódio incluir a expressão extrema da sensação de abismo associada ao desejo sexual, ou ainda relacionados com as questões sobre a androginia do psiquismo humano, *animus* versus *anima*.

José Rodrigues deixou-nos diversos desenhos, ora em grafites, ora em pastel, sobre esta temática Salomé e S. João Batista. “Às divergentes versões de Salomé, José Rodrigues contrapõe as versões mais constantes de João Batista. E se o profeta revela compreensão, parecendo atribuir um sentido ao acontecimento e aceitá-lo embora dividido entre a vontade de se oferecer, totalmente corpo, e de se oferecer espírito e corpo dominado, Salomé, ora languidamente se entrega a sensuais devaneios, ora se enreda voluptuosa imaginando-se senhora de um poder irresistível; ora se alheia nostalgicamente, lembrando o calor, a sensação de ser admirada, o suor, o corpo esbelto, a dança, tentando agarrar sensações, ora, sentindo num desalento a enorme distância que a separa desse momento inebriante, tenta libertar-se da tristeza entranhada em todo o corpo e se sustém num lugar asséptico recusando sentir.” (Soares 2010:146).

²⁰ ANDRADE, Eugénio de – Salomé e João Batista nos desenhos de José Rodrigues. In Catálogo Salomé e João Batista. Porto: Cooperativa Árvore, 1989.



Figura 14 - “Salomé”, 2005, múltiplo de grande formato, escultura figurativa de vulto em bronze patinado e polido. Edição de seis múltiplos e uma P.A. Fábrica Social – Fundação José Rodrigues

A presença de Salomé tem acompanhado José Rodrigues além das dimensões do suporte papel. Vemos esculturas em bronze (Fig. 20), em poses variadas na atitude e em corpos que evidenciam uma certa sensualidade. “Nas configurações que lhe atribui, José Rodrigues explora confrontos e dicotomias, em patines e polimentos, asperezas e suavidades. Através dela se reencontram desejos e afetos ou, simplesmente, a tão humana aspiração de superar uma indizível e indisciplinável nostalgia. Através dela se reencontra e reencontra desejos e afetos ou, simplesmente, a tão humana aspiração de superar uma indizível e indisciplinável nostalgia.”²¹

²¹ Ver, a este propósito: SOARES, Maria Leonor Barbosa - Movimentos dentro do olhar: perspectivas sobre a interpretação de Salomé por José Rodrigues. Actas do I Seminário Internacional Luso-Brasileiro Artistas e Artífices do Norte de Portugal, FLUP, 2006. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (Coord.) – Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa. Porto: Cepese, 2008.

2.1.6. *Cristos*

Ao longo dos séculos, e também intensamente no século XX, a temática da crucificação ou de Cristo foi abordada pelos artistas nas suas mais diversas expressões, e José Rodrigues não se fez exceção. Abordagens e representações de *Cristos* por artistas internacionais anteriores ou contemporâneos a José Rodrigues e que, de certa forma, deixaram algumas influências na sua formação, deixando ideias em aberto que vieram a ter desenvolvimentos nesta fase.

De forma a responder ao pedido de D. Armindo Lopes Coelho para que realizasse um Cristo para o Seminário Diocesano de Viana do Castelo (que viria a ser concluído em 1999), José Rodrigues dá início, assim, a séries de trabalhos abordando a temática de Cristo (Fig. 21), no final dos anos noventa.



Figura 15 - “Um Cristo para Viana”, 1999, escultura em bronze. Capela do Seminário Diocesano de Viana do Castelo - Centro Frei Bartolomeu dos Mártires, Viana do Castelo

Encontramos trabalhos realizados em barro, bronze e em desenhos diversos ou em pinturas a acrílico sobre tela, papel, ou ainda sobre madeira. “Modelando e desenhando,

procurou uma configuração que se adequasse a um entendimento de Cristo como referente para toda a humanidade.” (Soares 2010:150). José Rodrigues deu início, assim, a uma longa série de esculturas e desenhos que evidenciam as dores de Cristo, onde o escultor disse identificar muita gente, de África ao Vietname, e a si próprio nestas diversas representações.

Nesta série, o escultor recupera estéticas e traços expressionistas que vemos nas obras concretizadas nos anos sessenta. “Os valores expressionistas que, ao longo da sua obra, são recuperados para falar do ser humano em esculturas para espaços públicos, são também recuperados para falar de um outro ser, também humano, que de algum modo pode todos englobar.” (Soares 2010:151)

José Rodrigues apresentou-nos diversas soluções formais e incluiu a presença da figura de Cristo em crucifixões, descimentos da cruz ou em pietàs. Relativamente a esta última forma de representação, a Pietà que nos deixou para a Catedral de Bragança, em 2012, é visível a dor no rosto de Maria, que segura nos braços o corpo sem vida de Jesus, assim como os traços expressionistas em toda a obra.

[...] é de certa forma uma exposição autobiográfica, pois eu estou aqui nisto tudo. O artista representa-se sempre. São Cristos pouco convencionais, até feios, boçais, que são o espelho do homem e da sua solidão.”²²

Nas suas esculturas, José Rodrigues usava o corpo humano como veículo expressivo, livrando-se de tratamentos e técnicas convencionais ou mais adequados. sem atender ao convencionalmente adequado. Das suas representações de Cristo, para além de *Um Cristo para Viana* em bronze, acima referida, destaco a série dos *Mistérios da Infância do Menino Jesus* ou no *Painel do Altar* da Capela da Casa de Cimo da Vila, Lugar de Terroso, em Esposende, de 2002.

²² José Rodrigues citado in SOARES, Paulo Sérgio – Um Rosto para Cristo. O Primeiro de Janeiro. Pintura. Das Artes e das Letras (14.06.2000), p. 14, ver SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 158.

2.1.7. Espaços Cénicos

A cenografia (Fig. 22) foi uma disciplina que acompanhou José Rodrigues ao longo da sua obra. Criava ambientes cénicos onde a semântica do espaço era a sua principal preocupação para o espetáculo promover uma rápida ligação com o espetador. Apesar de nunca se considerar um cenógrafo profissional, encontrava no trabalho com as pessoas envolvidas (atores e encenadores), a informação necessária para o processo de compreensão do espaço e a forma como os atores o sentiriam, para a construção destes cenários. E, desta “compreensão, surgiram propostas de situações variadas, resultantes destas sinergias entre encenador-cenógrafo, da interpretação do texto feita por José Rodrigues, da perceção do escultor das características físicas dos atores e da antecipação das configurações que poderão desenvolver.” (cf. Soares 2010:303-304)

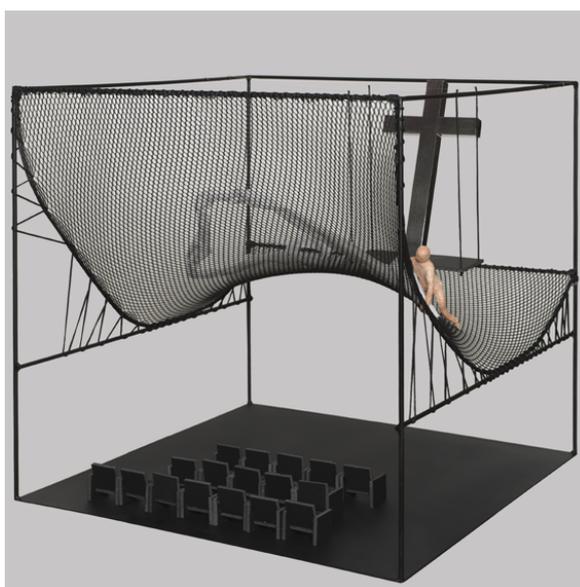


Figura 16 - Maquete do cenário da peça “O Soldado e o General”, 1975, autoria e encenação de Roberto Merino, Teatro experimental do Porto – TEP, no Teatro António Pedro. Arquivo FEJR

“José Rodrigues estabelecia relações de objetos que não ilustravam, mas dramatizavam o espaço e que revelavam vias interpretativas do texto, e criava significados em vários níveis, com o espaço, e entre si, e muito através do uso de texturas

dos materiais, do confronto das suas realidades físicas, separando a experiência visual e funcional da experiência tátil.” (cf. Soares 2010:304)

Na construção dos seus cenários, a utilização da luz é um importante fator, que modela ou revela as figuras e os objetos que se encontram em palco, durante o espetáculo. O cenário como unidade escultórica, conceito que conhecemos desde Adolf Appia (1862-1928), é também conceito de José Rodrigues.²³

José Rodrigues estreou-se como cenógrafo com a Companhia TEP, em 1965, na peça “Desperta e Canta” de Clifford Odets. São muitos os trabalhos que José Rodrigues realizou neste âmbito e foram várias as companhias com que colaborou o TEP (Teatro Experimental do Porto), TUP (Teatro Universitário do Porto), TEP (Teatro Experimental de Cascais), grupo dramático Os Plebeus Avintenses, Seiva Trupe, etc. A título de exemplo deixo referência a alguns trabalhos realizados neste âmbito, retirados da tese da Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares:

- *Desperta e Canta* (TEP, 1965) e *O gebo e a Sombra* (TEP, 1966);
- *Breve Sumário da História de Deus*, TEC, 1970;
- *Nambam Matsuri*, na Expo’70, em Osaka, 1970;
- *Antígona*, Os Plebeus Avintenses, 1971;
- *A Casa de Bernarda Alba*, de Frederico Garcia Lorca, TEP, 1972;
- *Os Amantes Pueris*, Grupo Teatro Hoje, Teatro da Trindade, 1976;
- *Porta Fechada*, Grupo Teatro Hoje, Teatro da Graça, Lisboa, 1978;
- *Perdidos numa noite suja*, Seiva Trupe, Cooperativa do Povo Portuense, 1978;
- *Pedro, o Cru*, Teatro Nacional D. Maria II, 1982, etc.

2.1.8. Medalhística

“José Rodrigues faz parte do pequeno grupo de escultores que, na Escola de Belas Artes do Porto, encontrou na medalhística, desde a década de sessenta, potencialidades

²³ Ver este assunto em tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 305.

para uma investigação ao nível da síntese, da volumetria, dos desafios dos planos, dos limites da forma circular.” (cf. Soares 2010:410). Barata Foyo, seu professor, terá sido responsável pelo interesse que a medalhística provocou em José Rodrigues e em outros alunos.

José Rodrigues propôs soluções plásticas que o colocam na esteira da adoção do conceito de medalha-objeto. Desde a década de sessenta, o escultor trabalha esta temática inovando na volumetria e nos desafios dos planos, indo para além dos limites da forma vulgar do círculo, onde eram produzidos recortes, sobreposições ou volumetrias exageradas, e onde explorava diversos materiais, técnicas mistas e formatos expressivos, *assemblages*, de onde resultaram medalhas com enorme interesse plástico, formal e estético. Surgem medalhas (figs. 23, 24, 25, 26) em formato retangular, triangular, em coração ou em formas irregulares. Na sua maioria, são medalhas em bronze, mas o escultor realizou um pequeno número em aço ou, mais raramente, em prata.



Figura 17 - Medalha “Congresso “Du Madère au Porto””, 2002, em bronze e prata; Medalha “Inauguração da Casa da Música”, 2006, em bronze, bronze enegrecido e aço.

Nestes objetos. “José Rodrigues evidencia os valores plásticos do objeto e peças constituídas por partes que se encaixam, através da utilização de cor, da inclusão de alguma modalidade de cinetismo, elaborando mais do que duas superfícies.” (Soares 2010:426).

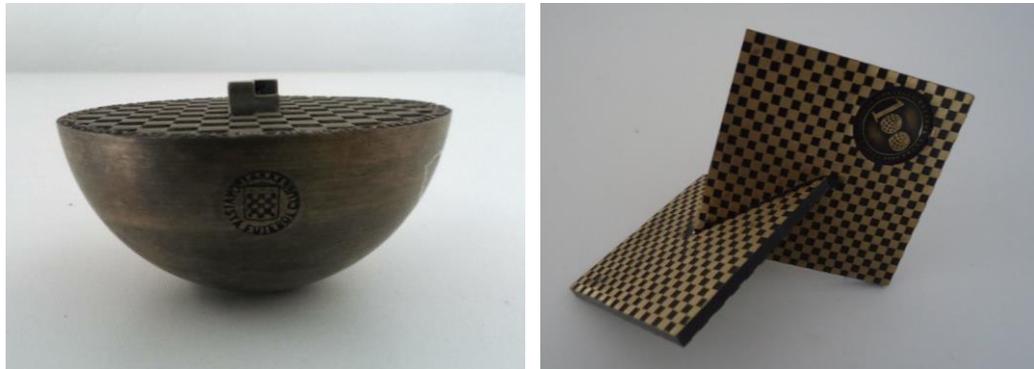


Figura 18 - Medalha ao Boavista Futebol Clube de 1976; Medalha do Centenário do Boavista Futebol Clube, de 2003

“A medalha do Cinquentenário da morte de Amadeo de Souza-Cardoso (Fig. 27), realizada em 1968, mantém o formato circular tradicional, mas é um exemplo do interesse pelas potencialidades deste suporte (relacionando os valores de inspiração cubista no tratamento da figura com valores de design gráfico) por certo adquirido na sequência do convívio com Barata Feyo. Notáveis qualidades gráficas e compositivas estão também patentes na medalha comemorativa do 40º aniversário da empresa Abreu & Companhia, Indústrias Tabopan, de 1969. Mas, várias experiências ao nível dos formatos e materiais foram envolvendo o escultor e são vários os exemplos onde se podem verificar estas vertentes formais.” (Soares 2008-2009:432)



Figura 19 - Medalha do “Cinquentenário da Morte de Amadeo de Souza-Cardoso, 1968, bronze

2.1.9. Outras expressões artísticas

A escultura, o desenho, a medalhística, a cenografia, a gravura, foram campos de expressão entre os quais se movimentou desde os anos sessenta marcando um lugar pelo entendimento não convencional das tecnologias e processos ou instaurando novas metodologias. José Rodrigues era um homem que gostava de experimentar vários *media* e as sensações que cada material lhe oferecia e transmitia e, por isso, dava atenção aos mais diversos materiais nas suas experimentações e concretizações.

A cerâmica, o vidro e as técnicas de litografia e serigrafia e de outra obra gráfica como os postais, cartazes ou rótulos, as imagens paralelas ao texto, como José Rodrigues gostava de designar, e que ornamentavam poemas e textos dos seus amigos poetas, ou ainda a prata, seriam objeto de produção de maior dimensão a partir dos anos oitenta. A cerâmica foi uma vertente algo explorada numa série de pratos que eram verdadeiras esculturas cheios de volumetrias, em pratos serigrafados, ou ainda em esculturas de pequeno formato de temáticas bíblicas ou mitológicas. José Rodrigues trabalhou, ainda, a prata, de forma muito pontual, o vidro ou o vitral. Foram campos de expressão por onde se foi movimentando ao longo da sua obra, saindo muitas vezes do convencional instaurando novas metodologias.

2.2. Espaços Culturais

2.2.1. A Cooperativa *Árvore*

Em 1963, José Rodrigues envolveu-se intensamente na criação da Cooperativa *Árvore*, cuja constituição data de 2 de abril de 1963 e, apesar do seu nome não constar das assinaturas do documento de constituição, esteve ligado ao grupo fundador (“Ajudei a inventar a ‘Árvore’ (...)”)²⁴ e fez parte da direção. Eduardo Calvet de Magalhães refere a contribuição de José Rodrigues num período entre 1976 e 1983 correspondente a uma

²⁴ Ver sobre este assunto em tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 52 e 53.

fase de “reconstrução, estruturação e desenvolvimento” e, a partir de 1983, já em fase de “estabilização e engrandecimento”. Como ideólogos encontramos Rolando Sá Nogueira, Eduardo Clavet de Magalhães e Arnaldo de Araújo que ficaram conhecidos como o grupo ERA.

Tendo como objetivo uma educação criativa, as Cooperativas de Ensino Árvore I e Árvore II propõem um novo conceito de Educação e um novo Projeto Pedagógico Alternativo Árvore direcionado para o Ensino Superior Artístico. A sua existência tem origem na ESBAP e, “desde o início da atividade, a Árvore procurou ser um lugar de encontro de artistas e intelectuais de todas as áreas e ser um catalisador de colaboração entre instituições. A cumplicidade existente entre elementos ligados ao Teatro Experimental do Porto, ao Cineclube, à Galeria Alvarez, à Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, à Delegação do Norte da Sociedade Portuguesa de Escritores esteve na origem da organização de ciclos de cinema, ciclos de música, colóquios, exposições (pintura, escultura, gravura, cerâmica, design, ourivesaria) que desde 1964 tiveram lugar. Em breve, seria adaptado o espaço a uma galeria e seriam criadas oficinas de gravura (com produção relevante de litografia e serigrafia), cerâmica e um laboratório de fotografia.” (cf. Soares 2010:53).

A primeira exposição da Árvore, apresentada com o título I Exposição de Artes Plásticas, reuniu trabalhos de desenho, pintura, escultura e cerâmica de 44 artistas e foi inaugurada em 18 de janeiro de 1964, onde José Rodrigues também esteve representado. Em novembro exporia individualmente desenhos expressionistas com temáticas relacionadas com a guerra e trabalhos informalistas.²⁵

As duas Cooperativas de ensino viriam a instalar-se no nº 14 do Passeio das Virtudes, Casa das Virtudes, tendo o edifício sido comprado em 1983.

A Árvore está ligada à criação do centro de Arte Contemporânea que Fernando Pernes dinamizou e dirigiu entre 1975 e 1980. José Rodrigues fez parte do grupo

²⁵ Ver este assunto em tese de SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 54.

(constituído por Ângelo de Sousa, Fernando Pernes, Joaquim Vieira, Jorge Pinheiro e Etheline Rosas)) que teve a responsabilidade de realizar uma exposição que fizesse o panorama da arte portuguesa durante o século. A exposição intitulou-se *Levantamento da Arte do século XX no Porto*, e realizou-se em junho de 1975, no Museu de Soares dos Reis, e as obras que reuniu seriam o acervo-base do futuro Centro de Arte Contemporânea. Para a cidade foi importante a atividade do Centro de Arte Moderna do Museu de Soares dos Reis, promovendo exposições coletivas e individuais de pintura e escultura, mas também de fotografia, cursos e colóquios.

Uma das maiores chamadas de atenção para a necessidade de renovação do Museu Soares dos Reis, igualmente associada à *Árvore*, revestiu-se de humor e irreverência: uma performance/manifestação realizada em 10 de Junho de 1974 e designada “Enterro do Museu Soares dos Reis”.

2.2.2. *O Convento de S. Paio*

Considerando a faceta de José Rodrigues de transformar e recriar e, ainda, a vontade em criar instituições para albergar arte para todos e como locais de encontro, terá sido este olhar de quem vê para além das coisas que o fez transformar um velho e arruinado convento perdido nos montes de Cerveira num espaço de vida, trabalho e veneração à arte. O Convento passa a ser o seu refúgio, a sua casa e muito a sua inspiração.

O Convento de S. Paio, situado em Vila Nova de Cerveira, é um grandioso espaço arquitetónico rodeado por jardins e envolvido em exposições. Aqui, criou a Fundação José Rodrigues. A Fundação disponibiliza atividades que vão desde a visita guiada proporcionando o enquadramento histórico-geográfico e as exposições patentes nos diversos espaços divulgando a obra de José Rodrigues, assim como atividades ambientais, ateliers de barro e atividades de dramatização e movimentação corporal. Os jardins apresentam as mais diversas obras do escultor. Encontramos várias exposições permanentes como as esculturas em bronze nos jardins, a galeria de desenhos de autores portugueses, desenhos da série “Jardins do Silêncio”, a exposição de esculturas em metal anos 60 e a exposição Jardins de Acrílico e Bronzes dos anos 70. Este convento é mais

um dos locais onde podemos encontrar muito da obra de José Rodrigues. Para tornar isto projeto possível, teve a ajuda de Aníbal Belo, que se propôs a criar esta associação cultural. Tinha como objetivo tornar aquele convento num lugar de reencontro de cada um consigo mesmo e onde todos se pudessem sentir em harmonia.

2.2.3. A Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira

A Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira é um acontecimento importante na vida cultural do concelho, da região e do norte de Portugal na promoção de novos artistas nacionais e internacionais e das artes plásticas em geral, com um impacto significativo na imagem e atividade económica do município. Existia a ideia original de criar um evento de promoção de arte contemporânea longe dos grandes centros, e Vila Nova de Cerveira revelou-se um cenário interessante e inovador.

Mais do que quatro décadas de existência, a Bienal Internacional de Arte de Cerveira surge num contexto de transição democrática com os primeiros Encontros Internacionais de Arte, cuja organização estava a cargo do Grupo Alvarez do Porto e de Jaime Isidoro.

Numa altura em que prevalecia uma necessidade de intervenção artística como modelo recuperado de expressão livre, ambicionava-se estabelecer a criação de espaços livres de intervenção de rua, elevando o diálogo arte/população ao seu máximo expoente, mediante um contacto presencial com o artista. Este carácter experimental e improvisado das primeiras bienais de Cerveira, pioneiros da performance na praça pública, chocou e escandalizou a população local. As posteriores bienais acabaram por se organizar em espaços mais apropriados para exposições, conferências, debates, espetáculos, workshops, ateliers de gravura, cerâmica, pintura, fotografia, vídeo, computador e artes digitais, como o Fórum Cultural, o Castelo, ou o Convento de S. Paio, onde se pode ver a obra do escultor.

A primeira edição da Bienal de Cerveira aconteceu em 1978, por iniciativa do pintor Jaime Isidoro. Mas foi José Rodrigues quem descobriu Cerveira, quando aqui se fixou no Convento de S. Paio, além de ter colaborado com o Jaime Isidoro, em 1986, na

organização deste projeto cultural, que contou com a participação ativa de muitos artistas e intelectuais. José Rodrigues foi uma marca importante nas suas diversas edições.

Em 2010 é reconhecida a Fundação Bienal de Arte de Cerveira, F. P. como um instrumento para a criação de condições adequadas à profissionalização e consolidação deste projeto cultural e criativo. A autarquia esteve sempre associada à organização das bienais, mas este evento, da maneira como hoje o conhecemos, deve-se aos artistas e à qualidade dos seus trabalhos.

2.2.4. A Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR)

A Fábrica Social, situada no bairro da Fontinha, era já um projeto antigo de José Rodrigues, espaço onde o escultor tinha a vontade de acolher os jovens artistas que quisessem desenvolver um verdadeiro espírito artístico. Afirmava ser um lugar onde as artes se encontram por existirem os mais variados ateliers onde os mais jovens mostram aquilo que conseguem imprimir através dos seus dotes de criação, utilizando para isso toda e qualquer forma de manifestação artística. Por isso, a Fábrica, que arrenda estúdios e atelieres aos mais jovens, é um local de partilhas, experiências e ideias, desde logo entre eles, os mais jovens, e principalmente com o mestre José Rodrigues, que lá manteve o seu espaço de trabalho e de exposição de todo o seu acervo construído ao longo de setenta anos de imensa atividade e esmerado espírito de colecionador.

O fascínio por esta antiga fábrica de chapéus foi mais que suficiente para fazer crescer mais um sonho, transformá-la num lugar onde as artes se encontram. Após um período de abandono, em meados da década de 1980 o escultor José Rodrigues decidiu utilizar uma parte da antiga fábrica como atelier. De uma forma progressiva, a Fábrica Social vai sendo reabilitada no sentido de acolher uma parte das obras do escultor.

Em finais de 2008, é criada oficialmente a Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR) que coincide com a compra, na sua totalidade, dos terrenos da fábrica. Com um financiamento inteiramente suportado pelo próprio escultor, a fundação, além de expor trabalhos de jovens artistas, tem como objetivo primordial perpetuar a obra do Mestre José Rodrigues.

A FEJR, alberga o atelier do Escultor, e já albergou inúmeras entidades e residentes como companhias de teatro, empresas de audiovisuais, empresas de serviços culturais, ONG. Neste momento, encontram-se na FEJR a Visões Úteis, a VWO (*co-working* e escritórios), a Companhia Turma e, ainda, escultores e pintores. Possui loja, cafetaria, sala multiusos (Sala Eunice Muñoz), galeria de grafitis, galeria de exposições temporárias e prepara a montagem do museu e biblioteca, num total de 5000 m². Atualmente, a fábrica social não se encontra a realizar atividades.

2.3. As encomendas. As obras em Espaços Públicos

Para além das encomendas para particulares assim como as encomendas realizadas para espaços privados (que neste relatório apenas faço referência, muito pontualmente, enquadradas em determinados POI dos roteiros), uma vertente da produção de José Rodrigues com grande impacto cultural e social, é constituída pela obra escultórica realizada para espaços públicos, temática de dois dos roteiros construídos sobre o escultor e nos quais me alongarei mais no segundo volume deste relatório. No entanto, algumas obras merecem ser salientadas pelos valores conceptuais ou plásticos intrínsecos, embora as obras estejam representadas no roteiro de arte em espaços públicos no Porto e no roteiro das obras no espaço público em Portugal. Aqui faço também referência às obras que o escultor realizou para o espaço internacional, nomeadamente, Angola, Macau, Brasil e Estados Unidos da América.

Da obra diversa de José Rodrigues, é a escultura que nos guia pelas ruas da cidade do Porto, sendo talvez o artista mais representado na arte pública portuense. Diverso e eclético, o conjunto de obras disseminadas pela cidade combina geometria e antropomorfismo, e ainda as figuras aladas que repete, que imediatamente associamos a José Rodrigues. O Monumento ao Empresário, de 1992 ou o Cubo da Ribeira (Fig. 28), de 1948, obra que desafia a gravidade assentando apenas num dos vértices, são das obras mais emblemáticas do escultor que, inevitavelmente, permanecem na memória das pessoas que cruzam a cidade. Estas duas esculturas integram o Mapa da Arte Pública do

Porto, que inventaria estas e outras esculturas do mestre num guia que nos orienta pelas ruas da cidade.



Figura 20 - O Cubo da Ribeira, 1984, bronze, sobre pilar metálico, pedra, betão e incorporação de água. Fonte de valorização e dinamização espacial

E por Portugal, de norte a sul, e até mesmo ilhas, mas com grande concentração, de facto, no Norte, encontramos obras figurativas ou geométricas que definem a identidade do escultor, e destaco o Cervo, em Vila Nova de Cerveira, que está proposta para classificação como Monumento de Interesse Nacional, desde 2016, ou Monumento a D. João II, Praça dos Descobrimentos, Vila do Conde. Esta obra é, possivelmente, a obra que melhor traduz o conceito de Arte Pública.

Um dos elementos que surge em grande parte destas obras escultóricas inseridas em espaços públicos, e que faz parte integrante da obra, a água, quase como que ganhando aqui um carácter de objeto da composição, onde é elemento fundamental em muitas obras de José Rodrigues, muitas vezes associadas a fontes. “Um notável número de obras incorpora a água como elemento essencial da composição, com função enquanto elemento visual e determinação enquanto elemento conceptual, estabelecendo relações tangíveis e intangíveis em redor” (cf. Soares 2008-2009:428):

- O Cubo, na Praça da Ribeira no Porto (1983) “sustido por um jato de água que o equilibra por um vértice, em analogia ao rio que suportou a formação e crescimento da cidade” (cf. Soares 2008-2009:428-429);

- A Pérola, 1997, Rotunda da Amizade, Macau, conjunto escultórico “em que o sentido totalizador da água integra elementos da simbologia universal associada tradicionalmente ao jardim chinês” (cf. Soares 2008-2009:429);

- Praça-Monumento D. João II, 2001, em Vila do Conde;

- Monumento ao Empresário, 1992, no Porto, é um dos elementos de um eficaz jogo de espelhamentos e projeções com amplitude metafórica” (cf. Soares 2008-2009:429).

- Caramuru, 2008, Praia Norte, em Viana do Castelo, que assenta sobre um espelho de água.

Em obras como Monumento ao 25 de Abril em Viana do Castelo, o Monumento ao 25 de Abril em Bragança, 2003 ou o Monumento ao Móvel em Paços de Ferreira, “que recuperam as questões de relacionamentos de planos e as ambiguidades plano/linha em interação com o observador, está implícita a noção de construção, em construções de aço revestidas a chapa de aço corten.” (cf. Soares 2008-2009:429-430)

No Monumento a Ferreira de Castro, de 1987, e no Monumento a D. António Barroso, de 1999, ambas na cidade do Porto, vemos formas figurativas que parecem querer romper da sólida forma do paralelepípedo de bronze, a “figuração registada em desenho na sua superfície que evolui entre as duas e três dimensões estabelecendo uma ligação física com o espaço envolvente”. (cf. Soares 2008-2009:430)

“Do grupo de obras que se define em íntima relação com as arquiteturas, destacamos o Obelisco colocado junto à fachada da Faculdade de Economia do Porto [...], elemento que dinamiza a volumetria e as linhas de força do contorno do edifício, [...] ou entre as esculturas metálicas lineares incorporizando desenho e expandindo-o em relações espaciais com a paisagem, Navegações, já referida, na margem do rio em Vila Nova de Cerveira, 1989.” (cf. Soares 2008-2009:430)

A vasta obra em espaços públicos que o escultor José Rodrigues nos deixou ao longo do país, e também, a sua obra, de uma forma geral, desde a escultura à

cenografia, podem ser vistas nos diferentes roteiros desenvolvidos para a app do Museu Digital da Universidade do Porto e, ainda, no volume II do presente relatório.

2.4. A obra internacional

2.4.1. *Monumento ao Infante D. Henrique, Estados Unidos da América*

Para além da obra apresentada anteriormente, José Rodrigues também nos deixou algumas obras no espaço público internacional. A primeira obra que o escultor realizou para o espaço internacional encontra-se nos Estados Unidos da América, em *New-Bedford, Popes's Island*, e foi uma encomenda da *Prince Henry Society of Bedford*, que pretendia homenagear “the father of modern celestial navigation”, o Infante D. Henrique, de Portugal.



Figura 21 - Monumento ao Infante D. Henrique, 1993, escultura em bronze sobre plinto de granito

A escultura *Monumento ao Infante D. Henrique* (Fig. 29), escultura figurativa de vulto em bronze sobre plinto de granito, data de 1993, mas foi implantada em 1994, e foi

uma oferta da *Prince Henry Society* e do governo português à cidade de New Bedford. No plinto, apresenta as inscrições “Prince Henry the Navigator”, “Talente de bien faire” e no lado oposto, apresenta um excerto de três versos da “Mensagem” de Fernando Pessoa, transcrição bilingue: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce, / Deus quis que a terra fosse toda uma, / Que o mar unisse, já não separasse.” Na obra, identificam-se os traços característicos do escultor.

A *Prince Henry Society* foi fundada em 1980 por empresários portugueses, Milton Ferreira, Anthony S. Catojo Jr. e Gabriel Moura com a finalidade de apoiar cultural, económica e socialmente os descendentes de portugueses radicados em New Bedford, *Fall River e Tauton*.

2.4.2. *Fraternidade, Brasil*

Para a cidade do Recife, no Brasil, José Rodrigues deixou-nos mais um grupo escultórico com incorporação do elemento água, *Fraternidade* (Fig. 30), escultura figurativa de vulto em fonte em bronze, obra de valorização espacial integrada na Praça Cidade do Porto. As esculturas, duas pombas que parecem fazer parte integrante de um tronco, uma com as enormes asas abertas, imponente, onde se denota a forte textura impressa no bronze, repousam sobre um espelho de água circular. Afastado, na praça, encontra-se um plinto com placa de inscrição.



Figura 22 - *Fraternidade*, 1995, grupo escultórico em bronze com incorporação de água, fonte de valorização espacial

A obra foi uma oferta da Câmara Municipal do Porto, era então presidente Fernando Gomes, juntamente com a Prefeitura da Cidade do Recife, era Prefeito Jarbas Vasconcelos, em agosto de 1995.

O arranjo urbanístico do espaço, correspondente à atual praça “Cidade do Porto”, tinha a intenção de assinalar a amizade entre as cidades do Porto e do Recife, e foi oficialmente inaugurado em março de 1987.

2.4.3. A Pérola, Macau

De todas as obras que José Rodrigues realizou para o espaço internacional, esta é, sem dúvida, a que apresenta mais significado, e de todas, a mais monumental. A Pérola (Fig. 31), obra que melhor representa o conceito de Arte Pública.



Figura 23 - A Pérola, 1997, conjunto escultórico em aço e aço cortén pintado de vermelho com incorporação de água

No ano de 1992, um Despacho do Governo de Macau, era governador Rocha Vieira, determinava que, “por ocasião das Comemorações do dia 10 de Junho, seja anualmente integrada, no património cultural e artístico de Macau, uma obra de arte de autor português”, até ao ano de 1999, “com a intenção de homenagear as relações de amizade luso-chinesas durante o período de transição correspondente à transferência da administração portuguesa de Macau para a Região Administrativa Especial de Macau.”

(Soares 2008-2009:255). O convite a José Rodrigues foi feito em 1996, tendo sido o primeiro feito a Charters de Almeida.

O local escolhido para a obra foi a Rotunda/Praça das Amizade, na marginal do estuário do Rio das Pérolas, para onde “José Rodrigues imaginou um espaço-síntese de culturas materializado num conjunto de elementos que se distribuem evocando a ideia de jardim.” (Soares 2008-2009:255). Na tradição chinesa, o jardim enquanto realidade-símbolo, era agora “conjugada com a sensibilidade plástica ocidental atual, de matriz concetual”. (cf. Soares, 2008-2009:255).

A obra, conjunto escultórico de composição geométrica com incorporação de água, é composta por “dois arcos que saem da terra e se cruzam no espaço”, em aço cortén pintado de vermelho, provocando um contraste com o verde da vegetação envolvente. Debaixo do arco, surge uma “esfera metálica suspensa por finos jatos de água”. “Um conjunto de sete esferas/pérolas mais pequenas espalham-se no terreno, segundo um desenho de jardim coordenado com a obra escultórica, [...] e todas elas são, aparentemente sustentadas pela força da água.” (cf. Soares, 2008-2009:256). O elemento água tem grande significado e simbologia nos jardins chineses.

Os arcos que se cruzam simbolizam a confluência e coexistência das culturas chinesa e portuguesa. Nesta obra, “materializa-se a ideia de percursos diversos e de encontro.” (cf. Soares, 2008-2009:256) Monumento e escultura em espaço público de valorização e dinamização espacial.

“A Pérola foi inaugurada em 1997, como parte das comemorações do dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, evocando a ligação e harmonia entre os dois povos.” (cf. Soares, 2008-2009:257)

As outras obras realizadas neste período entre 1993 e 1999 pertencem a Charters de Almeida, “Porta do Inferno”, de 1993, a Lagoa Henriques “Sem título”, de 1994, a Soares Branco “Sem título”, de 1995, a Irene Vilar, “Abraço”, de 1996, a Zulmiro de Carvalho, “O Arco do Oriente”, também de 1996, e a Augusto Cid, “A Asa dos Bons ventos”, também de 1997. As Comemorações de Portugal nos anos de 1998 e 1999 não incluíram qualquer inauguração de obra.

2.4.4. Flor de Laranjeira, Angola

Flor de Laranjeira (Fig. 32) encontra-se em Luanda, cidade de onde o escultor é natural.

Flor de Laranjeira, obra de 2002/2003 em espaço público, é uma escultura figurativa e decorativa aplicada na fachada do edifício BFA, e escultura simbólica, alusiva ao símbolo BPI. No seu processo de construção e fundição, José Rodrigues utilizou chapa de latão nas flores e folhas, varão de cobre para os estames e bronze nos troncos.



Figura 24 - Flor de Laranjeira, 2002/2003, escultura em chapa de latão nas flores e folhas, varão de cobre para os estames e bronze nos troncos

O Escultor angolano José Rodrigues foi convidado a intervir na fachada principal do Edifício-Sede do Banco de Fomento Angola (BFA) com uma escultura baseada na flor de laranjeira, símbolo da marca BPI. António Côrte-Real é o arquiteto que liderou o projeto de deste edifício e, o arquiteto Manuel Magalhães ficou indicado para organização de uma coleção de obras de artistas residentes em Angola, abrangendo pintura, escultura e artesanato, tratando, assim, da arquitetura de interiores das zonas da administração. O edifício foi inaugurado a 14 de julho de 2003.

Capítulo III - Projeto: o macro roteiro do escultor José Rodrigues

Uma vez que este projeto decorreu em diversas etapas, consideramos pertinente dividir o mesmo de acordo com o processo cronológico no qual foi desenvolvido, assegurando uma metodologia mais concisa.

Realizado todo o processo teórico de investigação e estruturação exposto nos capítulos anteriores, seguiu-se a fase final: os resultados obtidos no âmbito deste Relatório de Projeto. Apesar da nossa pretensão inicial ser a realização de apenas um roteiro que assinalasse as obras de José Rodrigues no espaço público, tanto na cidade do Porto como a nível nacional, percebemos, imediatamente, que um só roteiro seria insuficiente para tão vasta obra, o que o tornaria demasiado extenso, e concluímos que deveríamos desenvolver três roteiros sobre a obra do escultor, o que culmina numa lógica de um macro roteiro. Assim, o projeto evoluiu neste sentido, e resultou nos roteiros “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues na cidade do Porto”, “Uma Viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues” e “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”.

De seguida, apresento o plano de trabalho e respetivo cronograma, estabelecido inicialmente, e que foi importante para manter as linhas de orientação e o trabalho a desenvolver, de forma estruturada, e para cumprir cronologicamente as várias etapas necessárias neste estudo.

3.1. Cronograma de tarefas

Tabela 2- Cronograma de tarefas do projeto

	jan	fev	mar	abril	mai	jun	jul	ag	set
Conceção, planeamento e arranque do projeto									
Revisão da literatura e estado da arte									
Pesquisa bibliográfica									
Apresentação e defesa do projeto									
Recolha de informação (fotografia e textos)									
Análise de conteúdo									
Mapeamento dos Pontos de Interesse									
Conceção de uma <i>storyline</i>									
Produção e preenchimento de mapas informacionais									
Roteiro do Escultor José Rodrigues									
Relatório de Projeto									

3.2. O projeto do Museu Digital da Universidade do Porto (MDUP)

A aplicação (*app*) é um componente do Museu Digital da Universidade do Porto, um projeto da Vice-Reitoria para a Cultura, com o apoio tecnológico da *Weblevel* - Tecnologias de Informação, que tem como objetivo preservar e divulgar o património material e imaterial de uma Universidade que cresce com a cidade Porto, contribuindo para a criação de um *locus* digital vivo e sem muros, onde as histórias dos artefactos, das pessoas e da construção da ciência são dinamicamente (co)criadas, (re)usadas e enriquecidas.²⁶

Este projeto surgiu em 2017/ 2018, com o desenvolvimento do primeiro roteiro sobre o filósofo Agostinho da Silva, com o título “Agostinho da Silva: Construtor de Utopias” pelas estudantes Fátima Ferreira e Vânia Sousa do Mestrado em Comunicação e Gestão das Indústrias Criativas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, projeto incentivado pela Professora Doutora Manuela Pinto, sob orientação da Professora Doutora Celeste Natário, lançando, assim, um projeto piloto para o Museu Digital da Universidade do Porto. Este roteiro apresenta as pontes entre Portugal e o Brasil na figura do filósofo. O segundo roteiro a fazer parte desta *app*, “Do Palácio de Cristal à Universidade”, apresenta-nos a ligação do Palácio de Cristal à U. Porto e foi desenvolvido pela mestranda Vera Gonçalves, sob orientação do Professor Doutor Hugo Barreira “Imagens e memórias em reconstrução: do Palácio de Cristal Portuense ao Pavilhão Rosa Mota”, que criou um percurso “explorando os vários pontos que traçam a relação das duas instituições, seja através dos seus edifícios, seja pelas personagens que deixaram a sua marca na cidade ou até mesmo por eventos”.²⁷

Tratando-se de um projeto ligado à U. Porto, o desenvolvimento dos seus conteúdos ficará a cargo dos estudantes, docentes e investigadores da mesma instituição, conteúdos estes que estarão sempre relacionados com materialidades, personalidades, entidades ou serviços ligados à U. Porto.

²⁶ <https://museudigital.pt> (última consulta sem setembro de 2019)

²⁷ <https://museudigital.pt> (última consulta sem setembro de 2019)

O meu projeto para um macro roteiro de José Rodrigues, foi um dos pensados de seguida para este lugar digital. Apesar do macro roteiro incluir três roteiros sobre José Rodrigues, o roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto”, foi dos primeiros a ser concluídos e já figura na lista dos roteiros disponíveis para o MDUP, onde constam, ainda, “Estudar na U.Porto”, “Viver a U. Porto”, “Agostinho da Silva: Um Filósofo da Língua Portuguesa” e “Mar de Sophia – Metade da minha alma é feita de maresia”, desenvolvido por Vanessa Reis, sob orientação da Professora Doutora Lúcia Rosas, no Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual.

Como referido, o seu processo de desenvolvimento é potenciado pela colaboração dos discentes da U.Porto, com a participação ativa e acompanhamento dos docentes, que se tornam numa parte fundamental deste projeto dados os requisitos de qualidade científica e técnica dos conteúdos a disponibilizar e que, nesta fase, resulta, essencialmente, de um processo de pesquisa, sistematização e organização de narrativas similar ao realizado no projeto que aqui se apresenta.

A *app* MDUP visa a contínua valorização e disseminação do conhecimento dentro e fora de portas da Universidade, através das TIC e, assim, fica criado um lugar digital onde as personalidades, entidades e serviços ligados à U. Porto estão inseridas num “contexto museológico digital”, através da criação e agregação de informação e meta-informação e do desenvolvimento de novos conteúdos, produtos ou serviços digitais, para enriquecimento e posterior divulgação. Funciona, também, como repositório digital, com vista à preservação da informação e tendo em vista a sua disseminação, desde logo à comunidade académica, a quem se dirige pela sua natureza de museu universitário, e a todos os potenciais utilizadores externos, cujos conteúdos permanecerão no tempo e acessíveis a qualquer momento, através de um dispositivo móvel e de uma plataforma digital.

Destaque-se que o objetivo principal do MDUP não é reproduzir um museu físico, mas sim um ‘lugar’ digital, com conteúdos mais vastos e num processo em constante atualização, renovação e construção, sustentado na qualidade da meta-informação

produzida, contribuindo para a sua preservação a longo prazo. Se o ciberespaço apresenta e representa um local onde podem ser desenvolvidas diversas funções face ao progresso do conhecimento e à ampliação do âmbito cultural, a criação de um museu digital irá contribuir para a sua disseminação e valorização dos conteúdos que apresenta, neste caso também relacionados com os acervos geridos por museus, bibliotecas, arquivos e demais unidades da Universidade do Porto.

3.2.1. O MIL e o eHeritageLab

O presente projeto inseriu-se no âmbito do MIL (Media Innovation Labs) que tem como missão desenvolver a capacidade de atuação da Universidade do Porto no domínio dos Média, nas vertentes de ensino, investigação, e inovação, promovendo a colaboração interdisciplinar entre as estruturas existentes na universidade e a articulação com parceiros externos. O MIL enquadra a sua atividade na Visão de se tornar uma estrutura transversal e agregadora das várias atividades da U.Porto na área dos Média, capaz de facilitar atividades transdisciplinares de investigação, desenvolvimento e inovação no domínio dos Média, e de promover a cooperação e partilha de competências e recursos entre as várias faculdades, unidades de I&D e entidades externas à U.Porto, contribuindo para difundir a capacidade da Universidade neste domínio quer a nível interno, quer a nível regional, nacional e internacional.

O MIL centra as suas atividades em quatro linhas estratégicas orientadoras:

- consolidar e desenvolver a rede Media na U.Porto: potenciar a colaboração interdisciplinar e o conhecimento mútuo de recursos humanos e competências, assim como a partilha de informação entre os vários atores internos e externos, de forma a aumentar a capacidade existente no domínio dos Media, atualmente com pouca articulação;
- reforçar a I&D+i na área dos Media: dinamizar a capacidade de acesso e captação de oportunidades de financiamento e investimento na área dos Media, de forma a estimular uma agenda colaborativa de I&D+i em áreas emergentes relacionadas

com os Media, entre os investigadores das várias UOs, unidades de I&D, institutos de interface, e entidades externas à U.Porto;

- desenvolver competências e capacidade na área dos Média na U.Porto: fortalecer a capacidade de resposta às necessidades tecnológicas, educativas e formativas na área dos Média existentes na U.Porto, assim como nas empresas e Sociedade, colocando à disposição meios, equipamentos e competências;
- reforçar a capacidade de atuação externa da área dos Média da U.Porto: consolidar a posição do MIL como ator interventivo e interface disseminadora das atividades em Media com a Sociedade e a Região, de forma a potenciar sinergias, ganhos partilhados e relações de parceria com entidades externas.

O eHeritageLab²⁸, Laboratório de Novos Média para o Património, integrado nos laboratórios do MIL, é um laboratório multidisciplinar e colaborativo que combina competências, conhecimentos e tecnologias aplicadas ao património (património inteligente / criativo) e a concentração de equipamentos e recursos no campo dos novos media, fotografia e digitalização, e tem como missão promover a formação, o estudo e a produção de ferramentas e conteúdos aplicados à valorização do património científico e cultural em formato digital, através de uma abordagem multidisciplinar colaborativa sustentada em recursos internos e externos à U.Porto. A sua atuação implementa o conceito, o processo e a plataforma U.OpenLab, desenvolve-se em espaços especializados de experimentação digital, e combina competências, conhecimentos e tecnologias no campo do património, novos média, fotografia e digitalização.

Os objetivos do eHeritageLab são:

- Criar e melhorar representações e narrativas para a preservação e divulgação do património científico e cultural em meio digital.
- Desenvolver formação multidisciplinar na área do património e tecnologias, incluindo multimédia para experiências digitais inovadoras.

²⁸ <https://mil.up.pt/eheritagelab/> (última consulta em setembro de 2019).

- Potenciar a transferência de conhecimento e a inovação para a valorização do património científico e cultural digital, envolvendo a academia, instituições e empresas em atividades e projetos.
- Promover a ciência aberta com contínua cocriação e reuso de conteúdos e ferramentas digitais sempre atuais.

3.2.2. A parceria Weblevel

A *Weblevel* é a empresa parceira que colabora na construção da aplicação móvel de Roteiros para o MDUP.

Surgida oficialmente no início do ano de 2005, a *Weblevel* é uma fusão de várias empresas cada qual representando uma determinada área funcional, dentro do mundo das novas tecnologias, cuja existência data de anos anteriores à mesma. Esta fusão foi pensada e executada de maneira a providenciar um funcionamento sinérgico à entidade agrupadora, no sentido de melhor servir os clientes, agora comuns.

A parceria estabelecida com a *Weblevel* foi fundamental para a construção dos roteiros. Na sequência de trabalhos de prototipagem anteriores, a empresa desenvolveu a plataforma que suporta os roteiros e para onde exportamos os conteúdos, disponíveis numa aplicação móvel e numa plataforma web. As reuniões que tivemos com a empresa foram no sentido de dar solução a alguns problemas ou questões que funcionavam menos bem na plataforma, pontos a serem melhorados e possíveis alterações necessárias na obtenção de um melhor resultado visual e de estruturação da informação, e aqui a equipa de desenvolvimento esteve sempre disponível para encontrar as melhores soluções.

3.3. O projeto macro roteiro do escultor José Rodrigues para o Museu Digital da Universidade do Porto

3.3.1. Os roteiros

Antes de mais, é importante referir que o projeto teve início no mês de janeiro de 2019, e não na época considerada normal em setembro/outubro como seria de prever. Inicialmente, encontrava-me a frequentar um estágio com o qual não me estava a identificar e, optei por, em janeiro, mudar de direção e agarrar este projeto que me foi proposto pela minha orientadora, a professora Manuela Pinto e pela Ágata Rodrigues, filha do escultor e diretora da Fundação Escultor José Rodrigues.

Como este projeto decorreu em diversas etapas, faço agora essa estruturação de acordo com o processo cronológico no qual foi desenvolvido, assegurando uma metodologia mais concisa.

Realizado todo o processo teórico de investigação, enquadramento e estruturação exposto nos capítulos anteriores, seguiu-se a fase de concretização e desenvolvimento do macro roteiro e de apresentação dos resultados obtidos, patentes nos produtos disponíveis online em <https://museudigital.pt/> e descritos no presente Relatório de Projeto.

Como já referido acima, apesar da nossa pretensão inicial ser a realização de apenas um único roteiro com as obras públicas do escultor José Rodrigues na cidade do Porto e em Portugal, porque o roteiro estava direcionado apenas para a Arte Pública do escultor, verificamos que um único roteiro não seria a melhor solução, apresentando-se este demasiado extenso. Este roteiro iria expor as obras em espaços públicos instaladas na cidade do Porto e no resto do país, com incidência do Norte de Portugal. Mas como José Rodrigues foi um escultor que nos deixou uma vasta obra em espaços públicos, tornando-se assim um artista singular no que se refere a esta temática, mas também pela sua distribuição pelo país, e pela concentração na cidade do Porto, decidimos que um único roteiro não seria justo para a obra do escultor, e resolvemos valorizar mais esculturas e criar novos roteiros.

Assim, surge um primeiro roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo. Roteiro da Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto”. Da obra diversa de José Rodrigues, é a escultura que nos guia pelas ruas da cidade do Porto, sendo talvez o artista mais representado na arte pública portuense, que nos deixou este mapa de arte pública na

cidade. De seguida, surgiu o roteiro “Uma Viagem por Portugal com as Obras de José Rodrigues. Arte Pública em Portugal”, mapa muito interessante com esculturas que atravessam os períodos estéticos de produção do escultor, desde temas antropomórficos até aos mais geométricos, com integração de água e de cinetismos que desafiam a gravidade. Ainda, um terceiro roteiro biográfico ou da obra diversificada pelas diferentes expressões artísticas em que o escultor apaixonadamente se envolveu e foi desenvolvendo a sua obra, “José Rodrigues: a Vontade de Transformar”.

Então, o meu projeto sobre o escultor José Rodrigues insere-se numa lógica de um macro roteiro que inclui estes três roteiros acerca desta personalidade artística portuense, e apresentam a obra que o escultor nos deixou um pouco por todo o país, que são os pontos de interesse (POI) de cada roteiro. O projeto, pensado apenas para um roteiro, evoluiu, então, para este macro roteiro, onde pudemos condensar mais obra e apresentar mais facetas do escultor, que vivia muito das encomendas de entidades e de particulares, e que moviam José Rodrigues.

Por conseguinte, iremos rever neste capítulo, todo o percurso que levou à construção do macro roteiro, as diferentes etapas e o trabalho que foi necessário realizar para a concretização deste projeto. Um aspeto muito importante, e que vou salientar agora, é que este macro roteiro culmina com o evento que está já a ser preparado para o dia 28 de outubro, data do aniversário de José Rodrigues, e que vai ser apresentado na Reitoria da Universidade do Porto. O macro roteiro de José Rodrigues vai ser o projeto que vai apresentar o MDUP à própria Universidade e outras entidades públicas. E, saliento ainda, que já está a ser pensada e idealizada, para concretização em curto espaço de tempo, a tradução destes roteiros para a língua inglesa, trabalho que será realizado em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo que, será o primeiro roteiro a disponibilizar esta opção.

Desta proposta de roteiro, surgiu já o interesse por parte de alguns municípios, como por exemplo o município de Arcos de Valdevez, onde o escultor deixou algumas obras no espaço público, de dar seguimento a este projeto tendo como ponto de partida o macro roteiro aqui desenvolvido. Surge o interesse do município ao nível turístico em projetar

Arcos de Valdevez, e uma das estratégias utilizadas será através da divulgação da obra do escultor no município. É por isto, também, que o projeto do MDUP pode ser divulgado e alavancado através de diversas propostas, junto das autarquias, das instituições, dos museus, sendo concretizados, portanto, os objetivos principais de disseminação do conhecimento e do estabelecimento de parcerias com instituições culturais de forma a projetar o património da U. Porto.

O macro roteiro Escultor José Rodrigues foi, como já referido anteriormente, realizado em conjunto com a Fundação Escultor José Rodrigues, onde contei com a colaboração de Ágata Rodrigues, diretora da fundação e filha do escultor, com o MIL e eHeritageLab (Universidade do Porto – FLUP - CITCEM) e com a empresa multimédia *Weblevel*, que procedeu ao desenvolvimento da plataforma MDUP, plataforma que já exhibe outros roteiros idealizados e concretizados por alguns estudantes da U.Porto, nomeadamente, o roteiro Agostinho da Silva: um Filósofo da Língua Portuguesa (personalidade), o roteiro Agostinho da Silva: Construtor de Utopias (personalidade), o roteiro Do Palácio de Cristal à Univer-Cidade (arquitetura), o roteiro Estudar na U.Porto (serviços) e o roteiro Viver a U.Porto (serviços).

Para a realização do roteiro do Escultor, para além de outras obras bibliográficas, a consulta mais importante e significativa foi, sem dúvida, a tese de doutoramento da Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares que, em 2010, apresentou o seu estudo exaustivo e aprofundado acerca de José Rodrigues, e que me foi da maior utilidade para a consulta e criação do conteúdo para os roteiros em questão. A tese “José Rodrigues. Traduções de um ser apaziguando o tempo. Vertentes e modos de um percurso.” foi definitivamente essencial e a obra-chave para a concretização deste trabalho, assim como muito do seu trabalho e elementos recolhidos ao longo de anos de investigação, nomeadamente, fotografias que, gentilmente me foram cedidas pela investigadora para enriquecimento dos roteiros.

Para a construção do roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo. Roteiro da Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto”, foi também essencial o livro “José Rodrigues. Esculturas na cidade do Porto”, com textos de Laura Castro, Maria Bochicchio

e Maria Leonor Barbosa Soares. Este livro apresenta já um Mapa com as obras instaladas na cidade do Porto, mas com uma lógica diferente da que eu apresento no meu roteiro, mas foi muito importante para o meu projeto porque deu-me já um mapeamento das obras existentes na cidade e serviu como ponto de partida para criar o meu roteiro.

Após a pesquisa bibliográfica e recolha de dados, procedemos às várias etapas para a construção do roteiro. De salientar que este mapeamento e seleção dos conteúdos foi realizado em conjunto com a Ágata Rodrigues. Foi necessário fazer:

- em primeiro lugar, definir os três roteiros do escultor e o que cada um propunha apresentar. Então, definimos um roteiro das obras escultóricas na cidade do Porto, um segundo roteiro com as obras escultóricas instaladas em Portugal, e um terceiro roteiro mais biográfico e que nos apresente as diferentes expressões artísticas que José Rodrigues concretizou;
- o mapeamento dos pontos de interesse (POI) para cada roteiro. Cada POI representa uma obra/escultura de José Rodrigues instalada no espaço público, que pode ser visitada livremente pelo utilizador da *app* digital (a obra do escultor é extensa e muitas esculturas estão inseridas em espaços privados pelo que seriam necessárias autorizações para possibilitar as visitas). Os roteiros têm esta premissa de poderem ser acedidos pelo público de forma livre e em qualquer momento;
- definir a narrativa de cada um dos roteiros e que história ou histórias resolvemos contar;
- definir as informações complementares apresentadas em cada categoria, como pessoas, objetos e eventos, de cada POI;
- fazer uma seleção das fotografias ou imagens que vão estar associadas a qualquer uma das categorias e POIs;
- fotografar as esculturas deslocadas do local original e das esculturas na cidade do Porto e das mais próximas;
- fazer nova pesquisa bibliográfica ou na web para complementar informações apresentadas nas diferentes categorias (pessoas, eventos, objetos);

- fazer o levantamento das moradas de cada escultura para georreferenciação nos mapas respetivos;
- todas as informações apresentadas, sejam ao nível dos textos ou das imagens, são devidamente acompanhadas pela respetiva fonte;
- o preenchimento das fichas técnicas que contêm toda a informação disponibilizada na plataforma;
- a exportação ou *upload* dos conteúdos para a base de dados da plataforma que suportava a app;
- após a visualização do roteiro na *app online*, verificamos a existência de alguns erros, como por exemplo, fotografias que não eram visualizadas na íntegra, imagens cortadas e textos que, igualmente, não eram visualizados na íntegra.

Mas, antes de dar início à estruturação e elaboração dos roteiros no contexto deste projeto, juntamente com a Fundação Escultor José Rodrigues, é essencial expor e explicar o formato e os parâmetros que cada roteiro apresenta na sua construção e que já estavam estabelecidos, não obstante daqui terem resultado sugestões de melhorias futuras.

Refira-se que a estrutura de campos base foi a seguinte:

ROTEIRO - Conjunto de POI's sobre uma determinada temática / personalidade / área de interesse.

o Imagem

o Nome

o Descrição

o Ficha Técnica

o Organização associada

o Categoria (esta opção permite aos utilizadores filtrarem os diferentes roteiros)

POI's - Pontos de Interesse de um roteiro (poderão estar ordenados considerando a sua distância para o utilizador ou, então, considerando a ordem definida pelo autor do roteiro).

- o Nome
- o Descrição
- o Localização - (Morada e Coordenadas GPS)
- o Custo de Acesso (caso exista)
- o Características relacionadas - Pessoas / Eventos / Objetos
- o Imagens
- o Áudio
- o Vídeo

Pessoas / Eventos / Objetos - cada POI de um roteiro pode ter múltiplas Pessoas, Eventos e Objetos relacionados com o mesmo. Ajudam a caracterizar a relevância e história de um POI. Cada uma destas características possuiu uma pequena página com a seguinte informação:

o Pessoas

- Nome
- Descrição
- Imagens
- Áudio
- Vídeo
- Data de Nascimento
- Data de Falecimento

o Eventos

- Nome
- Descrição
- Tipo de evento
- Imagens

- Áudio
- Vídeo
- Data do Evento

o Objetos

- Nome
- Descrição
- Imagens
- Áudio
- Vídeo

3.3.2. Preenchimento das fichas técnicas

De acordo com a informação constante nas fichas técnicas, com base na estrutura de campos a preencher, e após o mapeamento dos pontos de interesse (POI) para construir a narrativa para os roteiros, ajustaram-se os seguintes itens:

Nº. Bloco: Basicamente, o nº de bloco estabelece a ordem dos Pontos de Interesse (POI) de cada roteiro.

Título do POI: aqui apresentamos o título do POI. No caso dos roteiros acerca da arte em espaços públicos, apresento os nomes das obras do escultor.

Texto no POI: definido o POI, faço um breve resumo com informação acerca da obra, ano de produção, intenção, materiais usados, entre outros elementos informativos.

Foto no POI: aqui foi efetuada uma seleção de fotografias da obra representada.

Descrição ou link: este item apenas serve para identificar a fonte dos textos ou das fotografias utilizadas, ou a identificação das pessoas que fizeram ou disponibilizaram as imagens.

Morada para georreferenciação: este não deixa de ser um ponto importante porque vai-nos localizar no mapa (*Google Maps*) onde se encontra a obra ou o ponto de interesse (POI) em questão, o que nos cria um roteiro a seguir, se assim quisermos.

Pessoas: nesta categoria, podemos identificar pessoas que estão diretamente relacionadas com o POI apresentado.

Eventos: nesta categoria, podemos identificar eventos que estão diretamente relacionados com o POI apresentado. No caso dos roteiros José Rodrigues dou mais destaque a exposições em que o escultor participou, entre outros eventos importantes.

Objetos: nesta categoria, podemos identificar objetos que estão diretamente relacionados com o POI apresentado.

A cada POI foram associados pessoas, eventos e objetos que estejam relacionados com a escultura (POI) apresentada. Neste passo, procedi à elaboração de pequenos textos acerca das obras apresentadas, pequenas biografias correspondentes a cada Pessoa que optei por integrar e associar em cada POI, assim como elaborar pequenos textos acerca dos Eventos e Objetos associados, e em integrar fotografias em todas as categorias, tanto associadas ao POI como a cada Pessoa, Evento (dentro do possível) ou Objeto, tornando a informação inserida nos roteiros mais completa e com associação do elemento imagem a cada figura representada e lembrada no contexto destes roteiros. Nesta fase, foi crucial a investigação já anteriormente realizada pela Professora Doutora Leonor Soares, para a sua tese de Doutoramento já acima referida, para a elaboração e construção destes pequenos textos, biografias, e seleção das categorias associadas a cada POI. Foi ainda crucial, a consulta da Universidade Digital, na criação das biografias das personalidades que constam no SIGARRA da Universidade do Porto, tendo estas constituído a base para a adaptação biográfica realizada para o roteiro, das pessoas associadas à U.Porto. Para as outras personalidades invocadas, utilizei outros registos bibliográficos, nomeadamente, informação dada por *websites* diversos.

Ainda, em cada POI, tentamos associar informações nas diferentes categorias sobre a obra de José Rodrigues para além da escultura, como a medalhística ou obra gráfica, onde as serigrafias ou desenhos muitas vezes estão relacionados com a escultura apresentada no POI, ou ainda as medalhas idealizadas pelo escultor no âmbito da

medalhística, envolvendo mais estes roteiros num percurso pela restante obra de José Rodrigues.

Assim se processou a construção de cada ficha técnica, de cada POI e de cada Roteiro, partindo da seleção criteriosa dos textos biográficos e informativos de cada item, fichas técnicas versáteis e adaptáveis a cada momento que se considerar necessário aplicar melhorias às mesmas, considerando que é nossa missão completá-lo, melhorá-lo e torná-lo numa importante ferramenta de disseminação patrimonial.

Verificado o carácter cultural e informativo das fichas técnicas criadas, estas representam claramente uma influência inegável da vertente educacional presente na cidade do Porto, e em Portugal, assim como da obra de José Rodrigues, influência que vai ao encontro da nossa pretensão em divulgar o património universitário.

Constatando que vivemos numa era em que os meios tecnológicos traduzem uma grande importância e, inclusive, uma certa dependência no dia a dia, concluímos que a melhor forma de as pessoas interessadas no nosso roteiro conseguirem aceder ao mesmo, seria, precisamente, através desses ditos meios, nomeadamente um em particular: o *smartphone*. Ainda que o mapa criado esteja perfeitamente adaptável para visualização num computador, atualmente o *smartphone* trata-se de um aparelho eletrónico detentor de uma maior facilidade de acesso à matéria digital pretendida em qualquer lugar do mundo. Nesse sentido, e tendo em consideração que o telemóvel é utilizado como GPS pela grande parte da população, não só residente como também visitante, concluímos que a nossa plataforma digital teria uma alta probabilidade de ser acedida maioritariamente pelos referidos dispositivos. Foi neste âmbito que resolvemos delimitar os textos biográficos em 145 palavras, para que estes, por sua vez, pudessem adaptar-se aos diversos tamanhos de ecrãs dos *smartphones*, não correndo o risco da informação se tornar excessiva para o leitor por não se revelar apelativa em termos visuais, embora em alguns itens é excedido o número de 145 palavras. Este número é também conclusivo porque 145 palavras é o número limite para que o texto se apresente na íntegra quando visualizado na app através de um *smartphone*, o que já resolve esta questão.

Concluídos os roteiros e o preenchimento das fichas técnicas, dei início ao *upload* das imagens e textos para a base de dados, a *Backend WL* (acesso disponibilizado pela Weblevel, na qual sou igualmente administradora). Nesta fase, foi importante perceber que algumas das fotografias por mim depositadas não estariam no formato indicado para a plataforma, pelo que surgiam cortadas quando apresentadas *online*, assim como percebi que alguns textos eram demasiado extensos (por isso ter chegado à conclusão que 145 palavras seria o máximo para cada texto, como referido mais acima).

Nesse sentido, participámos numa série de reuniões com a *Weblevel* nas quais foram decididos os passos a tomar de modo a verificarmos as opções que iriam melhorar e facilitar o progresso do projeto, assim como as melhorias a aplicar na plataforma e nos conteúdos. Foi, também, essencial, a troca de informações e experiências com as colegas de mestrado Fátima Ferreira e Inês Silva, que participaram também no desenvolvimento de conteúdos para o MDUP. Uma outra questão que, no meu caso específico, acabou por dificultar, em parte, o meu trabalho ou a minha perceção de como o roteiro resultaria na *app* do Museu Digital na sua forma final e *online*, foi o facto de, inicialmente, a *app* estar apenas disponível para sistema *Android* e não para sistema *IOS*, o que, de início, dificultou a minha visualização do roteiro em *online*, questão que acabou por ser posteriormente resolvida, verificando-se a importância da atualização simultânea das duas versões.

3.3.3. O roteiro “*Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues na cidade do Porto*”

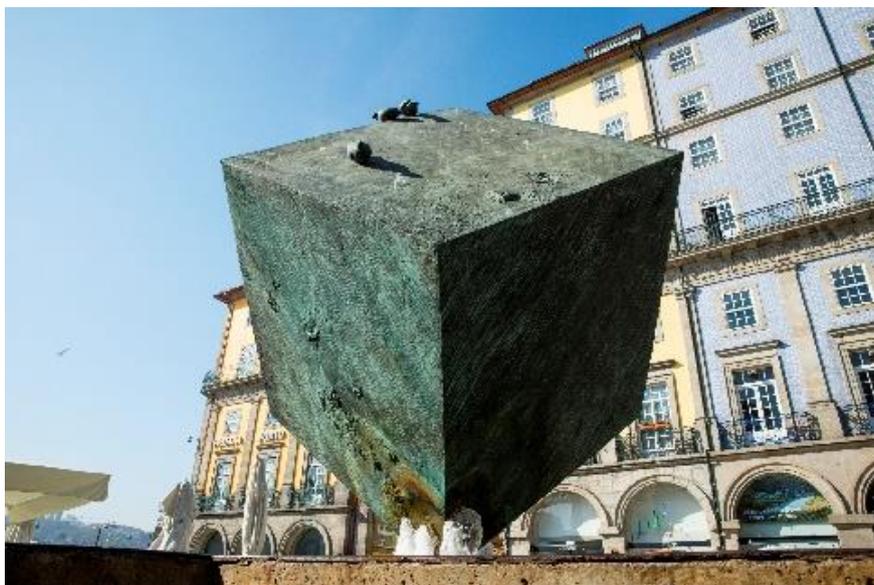


Figura 25 - O Cubo da Ribeira, imagem de introdução do roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues na cidade do Porto”

José Rodrigues foi um escultor que explorou diversas vertentes dentro do campo da escultura, o que tornou a sua obra imensa, mas, também, para responder a encomendas, o registo da sua obra avoluma-se nas peças instaladas no espaço público, e a cidade do Porto é exemplo disso, onde podemos encontrar desde as obras mais austeras, como o Obelisco da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, às mais polémicas e icónicas, como o Cubo ou o Monumento ao Empresário.

Faz todo o sentido dar início a este roteiro (versão web em: <https://museudigital.pt/pt/roteiros/16>) com as obras que estão expostas na Faculdade de Belas-Artes do Porto, onde José Rodrigues iniciou o seu importante percurso como estudante e, mais tarde, como professor associado de escultura, e terminar na icónica e já também símbolo da cidade do Porto, escultura do Cubo, na Praça da Ribeira, que por altura da sua inauguração causou alguma polémica mas que hoje em dia é ponto de encontro entre as pessoas.

Tendo em conta a investigação levada a cabo pela professora Leonor Barbosa Soares, pela professora Laura Castro e pela professora Maria Bochicchio²⁹, comecei por identificar, primeiramente na cidade do Porto, os pontos de interesse (POI) a serem mapeados e integrados no roteiro da cidade do Porto. De seguida, verificamos que poderiam ainda ser incluídas mais obras de arte em espaços públicos que não haviam sido consideradas até àquele momento, e que acabei por integrar no roteiro. Verificamos, também, que algumas obras já não se encontravam no local inicialmente implantadas, pelo que, procedemos a nova localização das obras e a novas fotografias.

O roteiro, ou percurso, que decidimos apresentar, tem início, e com todo o sentido, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, local onde José Rodrigues deu início aos seus estudos em escultura, e onde iniciou, também, o seu percurso enquanto artista, e termina numa das suas obras mais emblemáticas, o Cubo da Ribeira, e que tanta polémica causou na cidade aquando da sua produção, e que “mudou” o nome à Praça da Ribeira, designada por todos como a “Praça do Cubo”. “O Cubo é um escândalo que perturbou a cidade”. Frase proferida por José Rodrigues após as polémicas e impacto provocados pela sua obra mais emblemática na cidade do Porto.³⁰

A partir daqui o roteiro define-se, não baseado em alguma ordem cronológica das obras do escultor, nem pela sua plasticidade, nem sob o ponto de vista biográfico, mas sim, decidimos apresentar um roteiro que acaba por ser um “passeio” pela cidade do Porto através das obras de José Rodrigues em espaços públicos. O roteiro inicia, então, na Faculdade de Belas Artes, onde podemos ver as suas obras académicas, seguindo para a zona mais oriental da cidade do Porto e, daqui, o roteiro segue pelo norte até à zona mais ocidental, passando pela Foz do Porto, onde se encontram as obras “Monumento a Ferreira de Castro” e “Memorial a Eugénio de Andrade”, voltando pelo interior da cidade pela zona da Boavista, até voltarmos ao centro da cidade, onde estão concentradas algumas obras, terminado, então, na zona ribeirinha, na Praça da Ribeira, onde se encontra

²⁹ CASTRO, Laura, BOCHICCHIO, Maria, SOARES, Leonor Barbosa, *José Rodrigues. Esculturas na cidade do Porto*, Fundação Escultor José Rodrigues, 2016.

³⁰ Fonte: Ágata Rodrigues

a famosa e polémica obra, o Cubo da Ribeira, hoje, ponto de encontro entre as pessoas e local de convívio, e um dos pontos mais ativos e vivos da cidade.

Foi desta forma que decidimos construir este roteiro, cujo início e fim são obras com uma maior simbologia para o escultor, mas que apresenta um trajeto facilitado pela visita à cidade, e cujo roteiro segue uma linha de proximidade entre as obras, dando sequência à forma como as obras se encontram localizadas e concentradas, não havendo, assim, “saltos” de umas obras para as outras quando o utilizador se encontra a visualizar ou a percorrer o roteiro.

Evidentemente, o utilizador fará o percurso que entender, mas este conceito de roteiro permite percorrer a cidade do Porto, de oriente a ocidente, de norte a sul, e fazer uma pequena viagem com José Rodrigues, pelas suas diferentes estéticas e forma de produzir as suas obras ao longo das décadas, com as variações de datas mas que, na realidade, José Rodrigues não tem estéticas estanques e, no fundo, um conceito cronológico ou evolução cronológica não se fariam sentir nas suas obras. Acredito que é um roteiro com uma leitura simplificada pela cidade do Porto, e completamente livre de qualquer definição de conceitos e estéticas criadas pelo escultor.

Então, no roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. A Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto”, foram mapeados os seguintes Pontos de Interesse (POI):

1. Guardador de Sol, FBAUP, Avenida de Rodrigues de Freitas;
2. Modelo Feminino (ou a Menina), FBAUP, Avenida de Rodrigues de Freitas;
3. Anjo Protetor da Cidade, Mercado Abastecedor do Porto, R. Chaves de Oliveira 181;
4. Obelisco, FEP, R. Dr. Roberto Frias 464;
5. Sem Título, Bombeiros Voluntários Portuenses, Quartel Bombeiros Voluntários Portuenses - R. das Cruzes 580;
6. ADN, Hospital de Magalhães Lemos, R. Prof. Álvaro Rodrigues;
7. Monumento a Ferreira de Castro, Rua do Passeio Alegre, Foz do Douro;
8. Memorial a Eugénio de Andrade, Rua do Passeio Alegre;

9. Monumento ao Empresário, Av. do Mal. Gomes da Costa 56;
10. Panteras, Estádio do Bessa, R. de O Primeiro de Janeiro;
11. Feixe, Portugal Telecom, Edifício PT Tenente Valadim, Rua João de Deus;
12. Homenagem a Joaquim Pedro d'Oliveira Martins, Rua das Águas Férreas, nºs 25-43;
13. Homenagem Mário Cal Brandão, Rua Rodrigues Sampaio, 169;
14. Monumento a Humberto Delgado, Praça de Carlos Alberto 72;
15. Ícaro, R. de Azevedo de Albuquerque 1;
16. Monumento D. António Barroso, Largo 1º de Dezembro;
17. Homenagem ao Duque da Ribeira, Cais da Ribeira;
18. Cubo da Ribeira, Praça da Ribeira.

Neste sentido, os dados dos POI foram introduzidos no mapa para georreferenciação (Fig. 34).

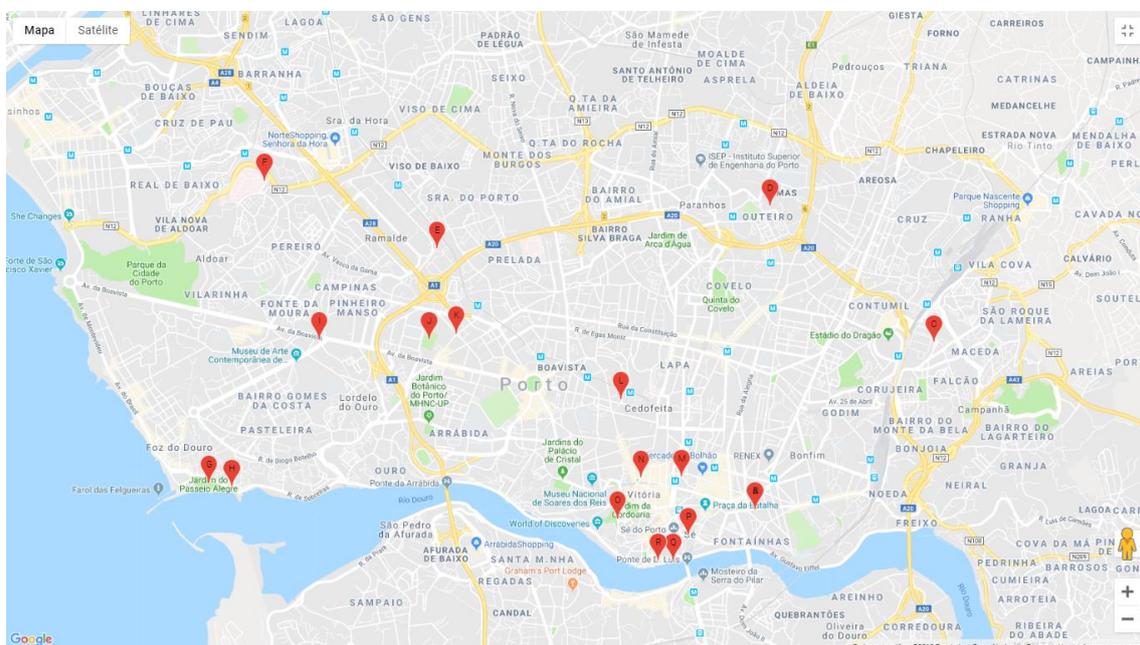


Figura 26 - Mapa da cidade do Porto com os pontos de interesse do Roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. A Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto”

Assim, o roteiro apresenta um mapa com os pontos onde as obras se encontram instaladas e o utilizador pode navegar e explorar livremente a *app* e a sua viagem ou visita pela cidade. O mapa evidencia os pontos de interesse do roteiro, e localiza e identifica as obras de José Rodrigues na cidade do Porto. O utilizador pode, através do mapa, clicar nos pontos de interesse, ou percorrer o roteiro fora do mapa, onde, em cada POI, estão disponíveis outros itens a que o utilizador pode aceder para ir buscar outras informações relacionadas com a obra a apresentar em cada POI. Em todas as categorias acrescentei informação pertinente, interessante ou apenas curiosidades acerca da obra apresentada ou do escultor. Na categoria “Pessoas”, tento identificar artistas que colaboraram com ele na obra apresentada no POI; na categoria “Eventos” apresento Exposições em que José Rodrigues participou no ano em que realizou a escultura ou eventos que estejam relacionados com a obra; na categoria “Objetos” apresento outras obras do escultor como medalhas ou outras obras. O roteiro “Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. A Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na Cidade do Porto” acaba por apresentar ao utilizador 18 POI, 20 pessoas, 61 eventos e 24 objetos.

Tendo em conta que esta *app* foi desenvolvida para *IOS* e para *Android*, e não estando ainda concluída a versão definitiva para *IOS*, deixo aqui algumas ilustrações exemplificativas do roteiro visualizado no *website* da plataforma do MDUP (Fig. 35, 36 e 37).

Roteiro da Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na cidade do Porto. Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira



José Rodrigues foi um escultor que explorou diversas vertentes dentro do campo da escultura, o que tornou a sua obra imensa, mas, também, para responder a encomendas, o registo da sua obra avoluma-se nas peças instaladas no espaço público, e a cidade do Porto é exemplo disso, onde podemos encontrar desde as obras mais austeras, como o Obelisco da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, às mais polémicas e icónicas, como o Cubo ou o Monumento ao Empresário. Faz todo o sentido dar início a este roteiro com as obras que estão expostas na Faculdade de Belas-Artes do Porto, onde José Rodrigues iniciou o seu importante percurso como estudante e, mais tarde, como professor associado de escultura, e terminar na icónica e já também símbolo da cidade do Porto, escultura do Cubo, na Praça da Ribeira, que por altura da sua inauguração causou alguma polémica mas que hoje em dia é ponto de encontro entre as pessoas.

FICHA TÉCNICA

20

61

24

PESSOAS EVENTOS OBJETOS

A B C D E F G H I J K L M N O P Q

Figura 27 - imagem que ilustra o texto de introdução do roteiro e o número de categorias associadas



Guardador de Sol A

O Guardador de Sol é a obra de final de curso de 1963, onde José Rodrigues obteve a classificação de 20 valores. Esta obra afirmava-se concetual e plástica, e concretizava uma síntese de valores expressionistas e informalistas. Nesta figura em bronze verifica-se a tendência expressiva na condensação de elementos narrativos e concetuais, no encadeamento de registos de memórias e de interpretação. Enquanto "guerreiro" (assim chamado inicialmente pelo escultor), seria símbolo da vitória do povo angolano. José Rodrigues nasceu em Angola e viveu lá a sua infância. A guerra colonial viu-o obrigado a voltar lá como soldado, em 1961, e aqui viveu um enorme conflito interior e angústia, por afetar as pessoas com quem tinha convívio. E o Guardador de Sol é expressão dessa dor, mas também das recordações do tempo anterior à guerra dando forma a uma afirmação de esperança e liberdade. A escultura transporta um escudo de superfície polida que reflete o sol de Angola. A escultura encontra-se no Jardim da FBAUP e pertence à Coleção da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.



Av. de Rodrigues de Freitas 265, 4000-421 Porto
 Lat: 41.1456474
 Lon: -8.600676900000053

2

2

1

PESSOAS EVENTOS OBJETOS

Sem Visitas FICHA TÉCNICA

Figura 28 - imagem que ilustra o primeiro POI do roteiro, onde podemos ver no mapa a sua localização e as categorias associadas (infelizmente, verificamos um erro da imagem, que não aparece na íntegra)

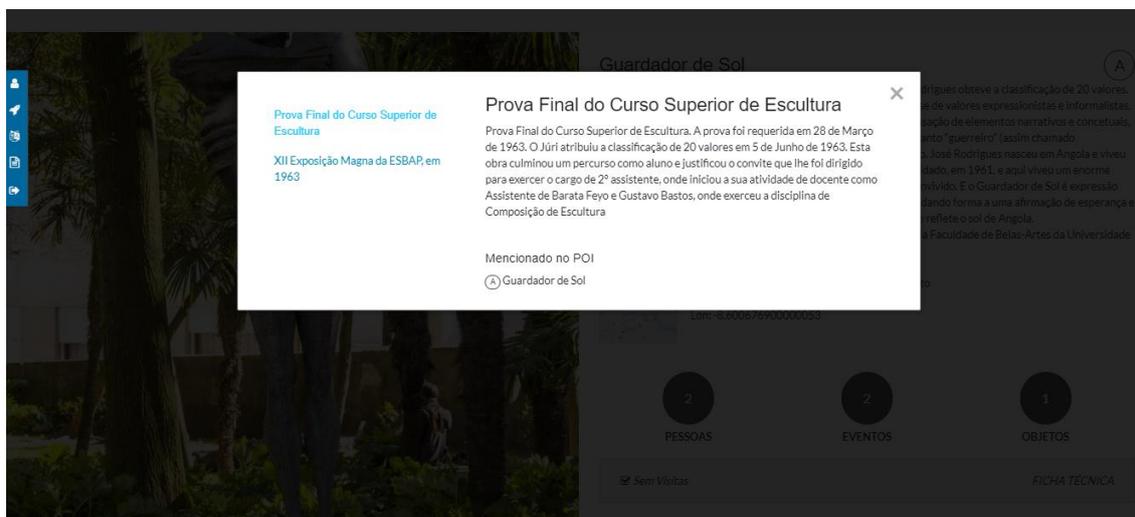


Figura 29 - por exemplo, quando clicamos numa das categorias, neste caso Eventos, surge-nos a informação disponibilizada

A identificação dos POI (*Points of Interest*) tornam-se fundamentais dado que se referem a uma obra do escultor José Rodrigues. Ao se clicar num ponto específico do mapa, é permitido o acesso à barra lateral, que possui uma breve descrição do conteúdo que foi selecionado para visualização. É a partir desta barra lateral que também se tem acesso a mais informação, isto é, a outros itens. A plataforma ainda disponibiliza a rota que é gerada a partir da lista de POI que apresento, e que se encontram diretamente ligados.

Agora, encontrando-se os conteúdos inseridos na base de dados, o roteiro ficou disponibilizado *online*. É a partir deste momento que verificamos as possíveis falhas a corrigir e melhorar.

É nosso intuito, através da criação e desenvolvimento desta investigação, que os interessados, beneficiando da era digital, tenham acesso a uma plataforma que represente uma ferramenta de divulgação patrimonial referente não só à Universidade do Porto como também à cidade na qual esta se insere. E como a cidade do Porto está na moda, tendo sido considerada em 2017 como Melhor Destino Europeu pelo site *European Best Destinations*, acaba por se revelar um local ainda mais atrativo em termos turísticos. E

este roteiro apresenta um programa dinâmico não só para os visitantes que pretendem saber mais acerca das obras que visitam, eternizadas na cidade invicta, como também para os próprios habitantes, que podem agora associar a obra ao escultor, objetivo importante também deste roteiro.

3.3.4. O roteiro “Uma viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues”



Figura 30 - Cervo, 1984 (?), ferro, Vila Nova de Cerveira; Monumento a D. João II, 2001, Vila do Conde, imagens de introdução do roteiro “Uma Viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues”

Uma vertente da produção de José Rodrigues com grande impacto cultural e social, é constituída pela obra escultórica realizada para espaços públicos, e é vasta a obra que o escultor nos deixou pelo país. As encomendas das esculturas para estes espaços moviam José Rodrigues.

Diverso e eclético, o conjunto de obras disseminadas pelo país combinam a rigorosa geometria com a diversidade do antropomorfismo e o cunho suave das figuras aladas que amplamente repete, e que o definem como uma marca pessoal. De norte a sul, encontramos estas obras figurativas ou geométricas e, um notável número de obras incorpora a água como elemento essencial da composição, com função enquanto elemento visual e determinação enquanto elemento conceptual, estabelecendo relações tangíveis e intangíveis em redor.

Neste roteiro (versão web em: <https://museudigital.pt/pt/roteiros/18>), aplicou-se a mesma lógica e o mesmo processo do roteiro anterior. Após a investigação levada a cabo pela professora Leonor Barbosa Soares na sua tese de doutoramento, começamos por identificar as obras que gostaríamos de ver representadas neste roteiro e, juntamente com a Ágata Rodrigues, fizemos a seleção das esculturas instaladas em espaços públicos de Norte a Sul do país, para apresentar nos POIs deste roteiro. De salientar que, cada POI evidencia uma escultura que se encontra na cidade respetiva, porque este roteiro pretende dar destaque às cidades que albergam estes trabalhos através da obra do escultor, o que resulta como promoção dos municípios onde as obras se encontram instaladas. Verificamos, também, que algumas obras já não se encontravam no local originalmente implantadas, pelo que, procedemos a nova localização das obras e a novas fotografias. Dou como exemplo a obra “O Lugar dos Poetas”, na cidade de Barcelos, que inicialmente foi implantada na Praça Escultor Esteves e, neste momento, encontra-se instalada na Praça Martins Lima, em frente ao Teatro Gil Vicente.

Em algumas cidades, José Rodrigues deixou mais do que uma obra, como é o caso, por exemplo, de Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, entre outras. Nestes casos, damos destaque a uma das obras que surge no POI, e as outras obras são apresentadas na categoria Objetos, onde estão também, devidamente acompanhadas pelos respetivos textos e imagens. Não sendo possível apresentar todas as obras deixadas de norte a sul do país pelo escultor como pontos de interesse (POI), e para que dessemos a conhecer o maior número de esculturas, todas elas de características muito diferentes e muito

curiosas, e com histórias interessantes por detrás das esculturas, encontramos esta solução e consideramos ser a melhor para este roteiro.

A abordagem que decidimos apresentar neste roteiro, tem início, e com todo o sentido, em Alfândega da Fé, local de onde são naturais os seus pais, e onde José Rodrigues viveu parte da sua infância, lugar com muitas referências ao escultor e onde foi criada a Casa da Cultura com o seu nome, e termina na cidade de Lisboa. Em todos os roteiros, pretendemos dar início em lugares com grande significado para José Rodrigues, lugares vivenciados por ele e que, de certa forma, marcaram o seu percurso.

Este roteiro pretende apresentar a obra de José Rodrigues numa lógica que se concretiza numa viagem de Norte a Sul do país, mas cujo ponto de partida se situa no interior de Portugal, ou seja, acaba por ser um roteiro facilitador da viagem, com a proximidade dos POIs entre si. São várias as obras emblemáticas que vamos encontrar neste roteiro, que se encontram, sobretudo, em Vila Nova de Cerveira, com o emblemático Cervo ou Esforço, em Viana do Castelo, como o Monumento ao 25 de Abril ou o Caramuru, e a polémica obra Evocação do Recontro de Valdevez, em Arcos de Valdevez. Encontramos, ainda, a obra Monumento a D. João II, em Vila do Conde, que é uma das obras que melhor representa o conceito de Arte Pública, estando quase todas as obras dentro do conceito de arte em espaços públicos.

A partir daqui o roteiro define-se, não baseado em alguma ordem cronológica das obras do escultor, nem pela sua plasticidade, nem sob o ponto de vista biográfico, mas sim, decidimos apresentar um roteiro que acaba por ser uma viagem por Portugal, apresentando também uma sequência pela proximidade em que as obras se encontram. Este roteiro apresenta 22 pontos de interesse.

Então, no roteiro “Uma Viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues”, foram mapeados os seguintes Pontos de Interesse (POI):

1. Cego de Cerejais, Alfândega da Fé, Rua do Santuário, 5350-220 Alfândega da Fé;

2. Homenagem à Indústria da Seda/Monumento ao Tecelão/Tear, Bragança, Largo *Lucien Guersch*, Bragança;
3. Santa Comba e o Rei Mouro, Valpaços, Câmara Municipal de Valpaços, Praça do Município, 469, Valpaços;
4. Menino da Rotunda do Noro, Boticas, Vila Real, R311 Boticas 41.686297, - 7.664500;
5. Monumento a D. António Ribeiro, Celorico de Basto, Braga, Praça Cardeal Dom António Ribeiro, 4890, Celorico de Basto;
6. Prometeu, Braga, Campus da Universidade do Minho, Gualtar, Braga;
7. Evocação do Recontro de Valdevez, Arcos de Valdevez, Campo do Trasladário, Arcos de Valdevez;
8. Fonte de Sabedoria, Paredes de Coura, Viana Do Castelo, Largo Visconde de Mozelos Ap.6 4941-909, Paredes de Coura
9. Inês Negra, Melgaço, Viana do Castelo, Alameda da Inês Negra;
10. São Teotónio, Valença, Viana do Castelo, Largo da Tardinhade, Ganfei, Valença;
11. Cervo, Vila Nova de Cerveira, Monte da Senhora da Encarnação, Vila Nova de Cerveira;
12. Orfeu - Homenagem a Pedro Homem de Mello, Afife, Estrada Pedro Homem de Mello, Afife 41.773961, -8.860714
13. Monumento ao 25 de Abril, Viana do Castelo, Praça da República, Viana do Castelo;
14. O Lugar dos Poetas, Barcelos, Largo Dr. Martins Lima, 4750-251 Barcelos;
15. Monumento a D. João II, Praça, Vila do Conde, Praça D. João II, Vila do Conde;
16. Monumento ao Móvel / Monumento ao Marceneiro, Largo do Município, Paços de Ferreira;
17. Garrafa Mateus, Sogrape, Avintes, Vila Nova de Gaia;
18. Sem Título, Europarque, Vila da Feira;

19. Homem com a Cabeça nas Mãos - Carnaval de Ovar, Ovar, Jardim do Cáster, Ovar;
20. São João da Cruz, Aveiro, Praceta S. João da Cruz, junto ao Convento do Carmo, Aveiro
21. Francisco Marto, Fátima, Basílica de Fátima, Fátima;
22. S. Gabriel, Edifício Marconi, Lisboa, Edifício Marconi, Esquina da Av. 5 de Outubro com a Av. Álvaro Pais, n. 2, Lisboa

Neste sentido, os dados dos POI foram introduzidos no mapa para georreferenciação.

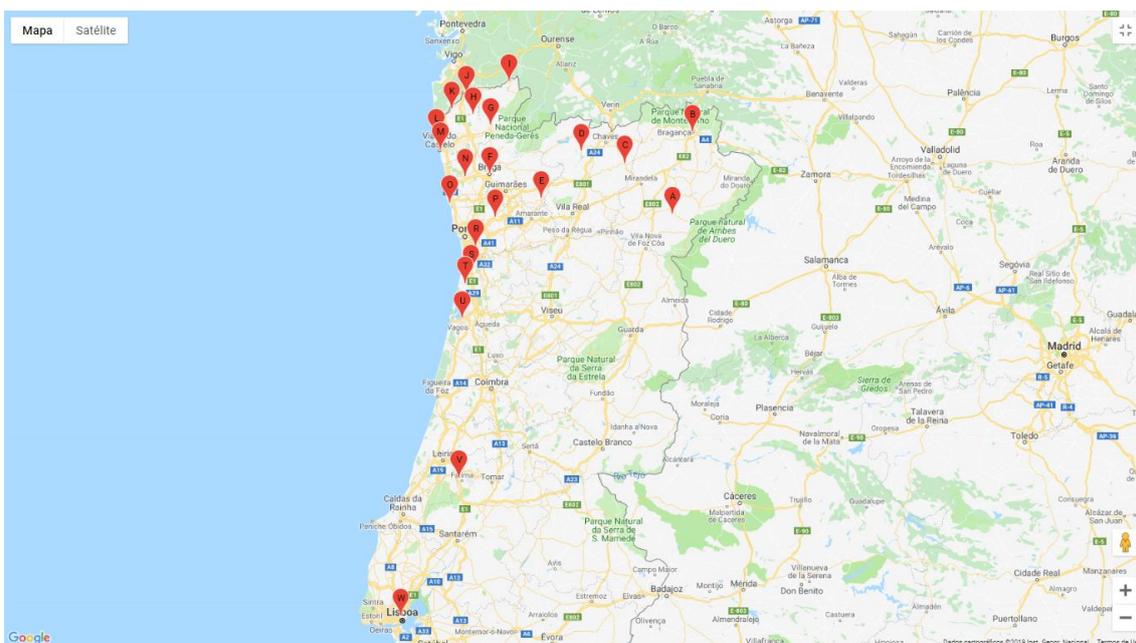


Figura 31 - Mapa de Portugal com os pontos de interesse do Roteiro “Uma Viagem por Portugal com as Esculturas Públicas de José Rodrigues”

3.3.5. O roteiro “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”

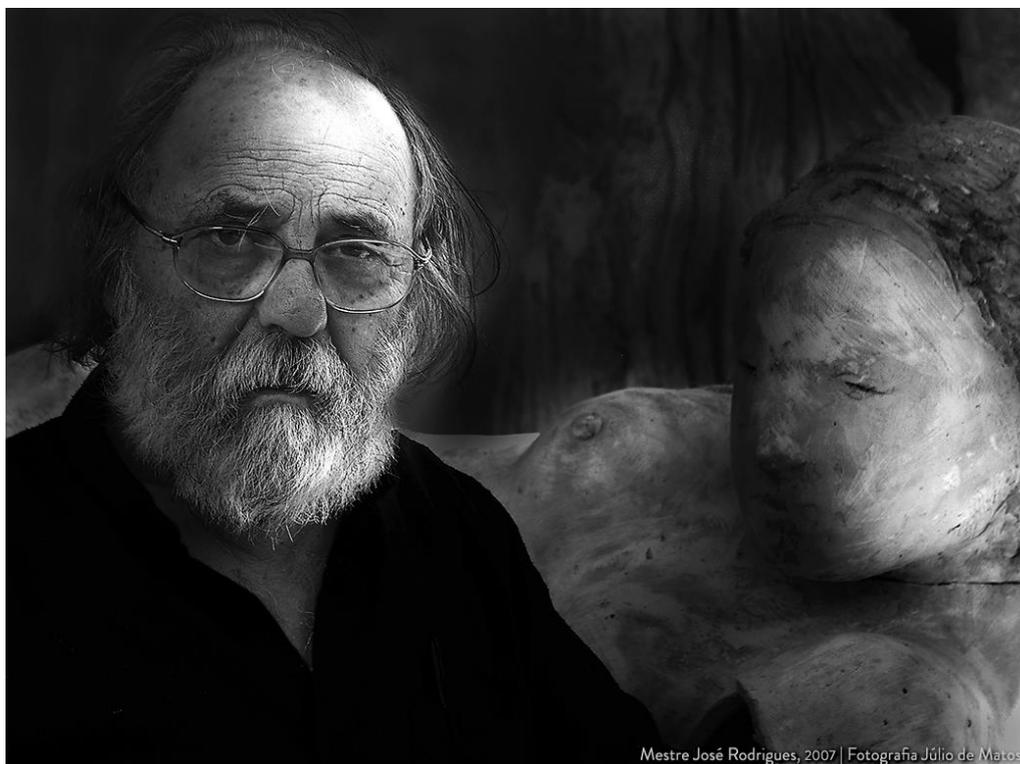


Figura 32 - Mestre José Rodrigues, 2007, fotografia de Júlio de Matos, imagem de introdução do roteiro “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”

“Em breve esquecerás tudo. Em breve todos te esquecerão.”
(Imperador Marco Aurélio)

José Rodrigues, um criador de sonhos, capaz de moldar o barro e transformar o efêmero em eterno. Personalidade da arte contemporânea nacional e internacional, curioso, crítico, disponível e atento ao seu semelhante.

A sua obra concretiza-se em várias disciplinas artísticas: desenho, escultura, cenografia, medalhística, cerâmica, gravura, ilustração, entre outras. Nela, reconhecemos o envolvimento do escultor num processo de trabalho que continuamente recupera, recria e projeta questões sugeridas pelas vivências da materialidade.

E é na sua obra artística que encontramos a capacidade para transformar o presente. Uma viagem para um futuro mais belo e por desvendar, e que perpetua a obra do escultor.

Este roteiro (versão web em: <https://museudigital.pt/pt/roteiros/15>) pretende fazer uma viagem pela obra de José Rodrigues, numa sequência mais cronológica, embora não muito rígida, porque alguns pontos de interesse cruzam-se no tempo e, José Rodrigues foi um homem capaz de exercer o seu trabalho em diferentes situações e em simultâneo, pelo que, a ordem cronológica vai perdendo algum rigor.

Também foi obra essencial a tese de doutoramento da professora Leonor Barbosa Soares, que serviu como referência para estabelecer e definir esta sequência. E, de entre a vasta obra deixada pelo escultor, apenas apresento alguns exemplos neste roteiro para demonstrar o alcance da obra do escultor nas mais diversas expressões artísticas e disciplinas que fazem parte do seu trabalho, ou das instituições culturais que ajudou a fundar. De salientar que, cada POI evidencia uma obra que corresponde à temática apresentada, e as restantes obras serão colocadas nas diversas categorias, sobretudo, em Objetos.

Assim, para além da obra em espaços públicos que apresentamos nos outros roteiros, este roteiro é um convite a conhecer José Rodrigues enquanto artista e enquanto Homem, um convite em visitar todas as expressões artísticas em que esteve envolvido e de onde resultaram as mais diversas obras. Pretende dar a conhecer a obra gráfica do escultor, faceta menos conhecida, como as serigrafias, os cartazes, os postais, a obra dentro da cenografia que, desde os anos sessenta envolveu José Rodrigues pela paixão que tinha pelo Teatro, assim como a Medalhística, disciplina onde foi inovador e que o escultor veio a lecionar na ESBAP, as esculturas das *Anjas* e *Salomé*s em bronze, que marcam a sua identidade, assim como as suas incursões pela cerâmica, prataria, esculturas de pequeno formato, as esculturas em chapa recortada e os Jardins, o desenho e, podemos ver também, as obras no espaço público internacional, e as instituições culturais em José Rodrigues que esteve envolvido na criação e fundação.

O papel de “transformar”, como o título do roteiro assim o diz, está associado não só ao seu trabalho artístico e concetual, mas também às Escolas e Instituições onde José

Rodrigues pode, efetivamente, desempenhar este papel de transformar, de recriar, de fundar, com o intuito de mudar aspetos rígidos e académicos no ensino e na forma como o ambiente cultural era sentido. “Transformação com desapego, no dia em que não tiver utilidade, transforma” (testemunho de Ágata Rodrigues). “Transformar e recriar também com o intuito de fazer perdurar, de perpetuar a obra” (testemunho de Ágata Rodrigues).

Então, cada POI representa uma vertente da sua obra e, nas respetivas categorias, apresentamos as obras que José Rodrigues desenvolveu nesta temática, assim como pessoas com quem conviveu ou eventos relacionados. O mesmo se aplica às instituições que ajudou a fundar. Neste roteiro, resolvemos representar, ainda, as obras que o escultor nos deixou no espaço público internacional.

A construção deste roteiro apresenta uma dificuldade não constatada nos roteiros anteriores. Como se trata da obra fundamental de José Rodrigues, algumas das obras apresentadas nos POIs estarão situadas no mesmo espaço, o que vai dificultar a leitura do mapa assim como a sua localização no mapa, tendo, em alguns casos, três ou quatro obras no mesmo local, o que vai gerar uma sobreposição de pontos no mapa do roteiro, o que pode tornar algo confuso ou de difícil navegação.

Assim, este roteiro apresenta 21 fichas técnicas, o que correspondem a 21 POIs.

Então, no roteiro “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”, foram mapeados os seguintes Pontos de Interesse (POI):

- 1- José Rodrigues na infância
- 2- A Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP)
- 3- A Cooperativa Árvore
- 4- Os Quatro Vintes
- 5- As diferentes dimensões do desenho
- 6- Cinetismos. Esculturas em Chapa Recortada
- 7- A quietude dos jardins
- 8- O Convento de S. Paio - Associação Cultural
- 9- Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira
- 10- Salomé e S. João Batista

- 11- Texturas do humano e do sagrado - Cristos
- 12- Espaços Cénicos
- 13- As volumetrias da medalhística
- 14- Obra Gráfica
- 15- Figuras Aladas – As *Anjas*
- 16- Cerâmica e outras vertentes artísticas
- 17- Monumento ao Infante D. Henrique, EUA – Obra Internacional
- 18- Fraternidade, Recife, Brasil - Obra Internacional
- 19- A Pérola, Macau - Obra Internacional
- 20- Flor de Laranjeira, Angola - Obra internacional
- 21- A Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues

Neste sentido, os dados dos POI foram introduzidos no mapa para georreferenciação.

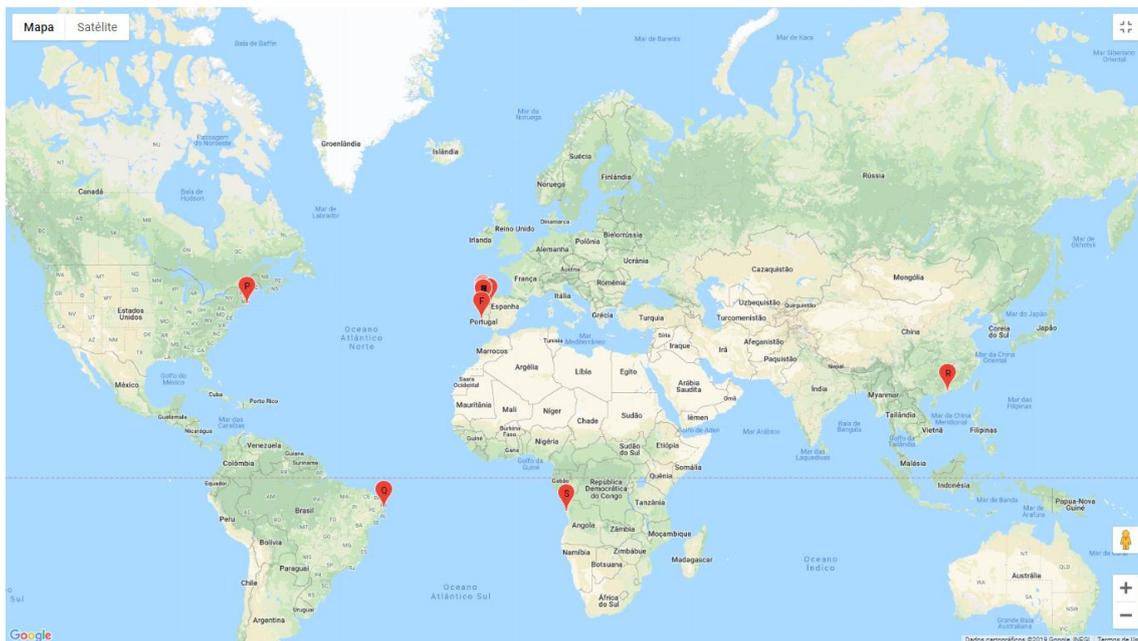


Figura 33 - Mapa com os pontos de interesse do Roteiro “José Rodrigues: A Vontade de Transformar”

Como resultado final realizamos 18 fichas técnicas correspondentes às 18 obras que figuram no roteiro na cidade do Porto, 22 fichas técnicas para o roteiro da arte em Portugal e 21 para o roteiro da obra de José Rodrigues, o que resulta num macro roteiro sobre o artista José Rodrigues, que reúne toda esta informação. Contudo, e uma vez que os roteiros referentes a José Rodrigues são um projeto em aberto e em constante mutação, são suscetíveis de sofrer alterações, acrescentos ou melhorias ao longo do tempo, contando ainda com a receptividade de docentes e investigadores que pretendam contribuir não só para a sua expansão de conteúdos como também para a sua difusão.

De salientar, também, que estes roteiros de José Rodrigues são os primeiros a serem desenvolvidos na lógica do macro roteiro, onde estão associados vários roteiros a uma personalidade artística.

A criação deste macro roteiro em particular (assim como dos outros que já se encontram criados ou de outros que surgirão futuramente), revela-se uma ferramenta bastante útil na exploração das esculturas de José Rodrigues na cidade do Porto e em Portugal, assim como na divulgação da cidade e do país a nível turístico, tornando-a ainda mais num meio de partilha de experiências, transmissão de conhecimentos e da perceção de algum contexto histórico. O estudo da vida de José Rodrigues acaba por, de certa forma, fazer pequenos apontamentos históricos, políticos e sociais ao utilizador e mostra como era Portugal a partir dos anos 30, como, por exemplo, a questão da emigração dos pais para Angola, a guerra colonial ou as vivências no 25 de abril, vivenciados por JR.

Deste trabalho realizado, saliento a particularidade de José Rodrigues ser dos poucos artistas portugueses que nos deixou uma obra tão vasta nos espaços públicos e, sobretudo, com grande concentração apenas numa cidade como é o caso do Porto, saliento o percurso inovador e concetual no seu percurso nas mais diversas expressões e, de destacar, enquanto homem, a preocupação de criar espaços culturais e de partilha, oficinas e escolas que se diferenciavam do tradicional e académico ou que viessem preencher lacunas, porque sentiu que algo deveria ser mudado e que enriquecesse o ambiente cultural. E por isto, nasceu a Cooperativa Árvore ou a Bienal de Cerveira, ou ainda a

Associação Cultural Convento de S. Paio ou a Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues.

E fazendo uso da palavra de um dos roteiros, esta aplicação para o MDUP pode ser considerada como uma “transformação” na forma de ver a obra de José Rodrigues através ferramenta do presente e para o futuro, arte que começa a ser percebida e mais “acolhida” pelo utilizador através destas ferramentas digitais que podem suscitar o interesse em visitar as obras no local ou em conhecer melhor a obra deste artista, e levar José Rodrigues para o século XXI, o que acaba, também, por ir de encontro ao que era a vontade do mestre, uma transformação para não esquecer, para permanecer viva na memória, para perpetuar a obra. E, ainda, o lema de José Rodrigues, que era referido muitas vezes como defensor de que a arte devia ser para todos, e a Arte pública é para todos e, a app, como ferramenta gratuita e acessível para todos, vai também de encontro a este propósito de José Rodrigues.

Contudo, acredito que esta *app* pode ser uma ferramenta aplicada ao Turismo, de auxílio para o visitante ou turista cultural, e ainda, futuramente, ferramenta didática ou pedagógica para as aulas de História da Arte ou outras disciplinas, onde alguns apontamentos da escultura portuguesa do século XX, ou da escultura no espaço público, pode ser ensinada através desta aplicação.

De relembrar que, em 2019, a propósito das comemorações dos 20 anos da colocação da obra “Evocação do Recontro de Valdevez”, em Arcos de Valdevez, o Presidente da Câmara deste município fez um pré-anúncio sobre o desenvolvimento da *app* do macro roteiro José Rodrigues, onde foi dado um primeiro passo para a promoção deste roteiro e do MDUP, e para a criação de um trabalho em rede entre os municípios do norte de Portugal para promover a obra do escultor, onde já há interesse demonstrado por parte dos municípios de Vila Nova de Cerveira, Alfândega da Fé, Porto, para além de Arcos de Valdevez.

Como também já referido, esta aplicação terá a sua apresentação oficial na Reitoria da Universidade do Porto no dia 28 de outubro, evento a propósito da comemoração do aniversário de José Rodrigues.

Considerações finais

Em primeiro lugar, este estudo possibilitou um entendimento mais alargado da obra do escultor José Rodrigues, o que, também para mim, foi fonte de transmissão do conhecimento de muitos aspetos que não tinha presentes nem sequer tinha conhecimento, relativamente à sua vasta e diversificada obra, sobretudo no seu envolvimento em disciplinas como a cenografia e, principalmente, quando me “cruzar” com as obras do escultor na cidade do Porto, pelas quais tantas vezes passava, posso agora associar a obra ao escultor e partilhar a sua concretização por este artista. É, aliás, um dos intuitos essenciais deste projeto, esta disseminação de conhecimento, e que esta associação artista/obra possa fazer parte de conhecimento de um número cada vez maior de pessoas. A vida e obra do escultor não está muito desenvolvida pelos diversos historiadores. São poucas as referências ao trabalho de José Rodrigues que podemos encontrar nos livros de História da Arte. Existem vários artigos, mas um estudo aprofundado só nos foi apresentado pela Professora Doutora Leonor Barbosa Soares na sua tese de doutoramento. Assim, acredito que o desenvolvimento deste macro roteiro possa ser uma ferramenta que proporcione absorção do conhecimento científico aí condensado e que, de uma forma resumida e simples, se encontra passível de ser comunicado através de uma plataforma digital que pode ser acedida por todos através da web e uma aplicação disponível num dispositivo móvel.

Neste trabalho, foi fundamental perceber que a forma como o conhecimento nos é apresentado é importante para que haja um interesse maior por parte do recetor/utilizador, despertando-o para a riqueza do espaço do seu quotidiano e a importância da sua valorização. O uso de narrativas e as ferramentas do *storytelling* são aspetos que devemos ter em conta para que este tipo de roteiros digitais se apresentem atrativos para o utilizador que está interessado em aprender, em ter uma experiência diferente, e que permaneça fiel à utilização destas plataformas. Neste processo, o turismo pode desempenhar um papel importante para a evolução e crescimento destas ferramentas, pois contribuem para um maior número de utilizadores, para além de que, podem partilhar estas experiências junto de pessoas do seu país de origem, o que difunde a ferramenta e o seu conteúdo.

Uma abordagem interdisciplinar cunhada pela perspectiva das Ciências da Comunicação e da Informação aliadas às Industrias Criativas permitiu abraçar o projeto de desenvolver um macro roteiro digital sobre a obra e sobre as esculturas de José Rodrigues nos espaços públicos, e fazer esta ligação ao projeto MDUP, que, com várias parcerias, promove o desenvolvimento da plataforma que recebe este roteiro, e que vai permitir divulgar, disseminar e perpetuar o escultor e sua obra. Sabemos que, vivendo nós numa sociedade em rede, estas ferramentas digitais, também disponibilizadas para aplicações que são acedidas através de um *smartphone*, são essenciais para o propósito deste trabalho. Esta (r)evolução tecnológica é, portanto, essencial para a concretização daquilo que são os nossos objetivos de divulgação e de transmissão de conhecimento, e de perpetuação, porque existe uma grande facilidade, e imediata, na forma como acedemos a ele.

Foi, por isso, essencial, fazer uma breve visita à literatura relativa à Cultura Digital, onde tentamos compreender a sua evolução, de que forma influencia a sociedade, sobretudo no que se refere à implementação de mudanças positivas para o acesso à cultura, à informação e ao conhecimento, e para realizarmos que, atualmente, a forma como comunicamos é muito influenciada por esta era digital.

O desenvolvimento do macro roteiro do escultor José Rodrigues, inserido no projeto do MDUP, projeto este em constante atualização, melhoria e crescimento, encontra nesta ferramenta o seu propósito. E podemos já avançar que, com a sua divulgação, muito fruto do trabalho da Ágata Rodrigues junto de instituições e autarquias, este roteiro está já a surtir alguns resultados positivos, não só na sua difusão, mas porque existe já interesse turístico por parte do Município de Arcos de Valdevez em projetar a cidade através das obras de José Rodrigues, e de realizar outras propostas tendo como ponto de partida este macro roteiro. Assim, o próprio projeto parceiro MDUP pode ser divulgado e alavancado através de diversas propostas, junto das autarquias, das instituições, dos museus, sendo concretizados, portanto, os objetivos principais de disseminação do conhecimento e do estabelecimento de parcerias com instituições

culturais de forma a projetar o património da U. Porto e estimular a transferência de conhecimento, concretizando uma das missões da universidade.

Este projeto relevou-se uma mais valia na medida em que representa o exemplo prático dos objetivos que, por intermédio do projeto MDUP, pretende levar a cabo. Assim, através da uma colaboração entre estudantes de diferentes unidades orgânicas da U.Porto, estão-se a criar condições e exemplos de que é possível produzir conteúdos digitais que contribuam para a disseminação do património de forma sustentável, recorrendo à dinâmica e contínua (co)criação e (re)uso e permitindo estimular a partilha e contribuições externas que vão enriquecer os pontos de acesso e conteúdos existentes. Assim, ao conferir um dinamismo referente à co-criação e reuso de conteúdos, bem como reutilização e criação de meta-informação, não corremos o risco da plataforma se tornar obsoleta, tendo em conta a constante evolução dos equipamentos tecnológicos.

Através da realização deste Relatório de Projeto, é nossa pretensão dar o nosso contributo para a construção do MDUP. Sabendo que a comunicação e as novas tecnologias são imprescindíveis para que a sociedade conheça e tenha contato com os diversos roteiros de José Rodrigues, acreditamos que o nosso macro roteiro possa representar um ponto de viragem no que se refere a esta temática. Enquanto ferramenta digital cujo intuito remete para a valorização e difusão do património universitário, desejamos que este e os restantes contributos não só se revelem elementos-chave para o progresso da construção do MDUP, como também se demonstrem exemplos que possam ser perfeitamente adaptáveis a outras investigações científicas. Importa salientar que os projetos acima mencionados se encontram em aberto, sendo nosso objetivo a contínua introdução de conteúdos para que permaneçam em constante mutação. Pensamos que o nosso objetivo foi cumprido.

Referências bibliográficas

A Árvore das Virtudes. 38 Anos com a Cidade. Árvore - Cooperativa de Atividades Artística, C.R.L., coord. Manuela de Abreu e Lima, 2001.

ABREU, Alberto A., CUNHA, Jorge, RODRIGES, José (2000). Cristos. José Rodrigues. Esculturas e desenhos. Igreja de São Lourenço, Porto, Associação Cultural Convento de San Payo.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – Os Quatro Vintes. JL. Lisboa, (28/11/1989), p. 13.

ANDRADE, Eugénio (1989). Salomé e S. João Batista. Cooperativa Árvore.

ARAB, Analú; DOMINGOS, Adenil; DIAS, Dalva. (2011) Storytelling Empresarial: relações públicas contador de histórias. São Paulo. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0760-1.pdf>

ARAÚJO, P.; GOUVEIA, L. (2017). Cultura Digital: uma discussão para uso e transformação no acesso e exploração da informação. Colóquio Internacional EUTIC 2017. Recife. Brasil. Disponível em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6215/1/culturadigital_eutic2017vfinal.pdf

ARDIELLI, E. (2017). Usage of ICT in EU culture sector as a tool of cultural participation. International Journal of Entrepreneurial Knowledge, Volume 5, pp. 33-46. doi:10.1515/ijek-2017-0009

BERGER, Arthur Asa (1997). Narratives in Popular Culture, Media and Everyday Life. California: Sage Publications.

BITARELLO, B; BRAZ, A; CAMPOS, J. (s.d.). Lev Manovich e a lógica: Apontamentos sobre A linguagem da nova mídia digital. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bitarello-braz-campos-lev-manovich-e-a-logica-digital.pdf>

CAMARGO, I., ESTEVANIM, M., & SILVEIRA, S. C. (s.d.). Cultura participativa e convergente: o cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais. *Revista Comunicare*, 17, pp. 102-118.

CASTELLS, M. (1999), *A Era da informação: economia, sociedade e cultura*, Vol. 3. São Paulo: Paz e Terra.

COGO, Rodrigo. *A elaboração discursiva da memória organizacional: estudando o Storytelling*. São Paulo. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wpcontent/uploads/2014/04/Rodrigo-Silveira-Cogo.pdf>

COGO, Rodrigo. (2012) *Da memória ao Storytelling: em busca de novas narrativas organizacionais*. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05122012-171130/pt-br.php>

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana; (2011). Sociedade de Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: Desafios para Educação no Século XXI. *Revista de Educação*, vol. XVIII, nº 1, 5-22. Disponível em http://revista.educ.ie.ulisboa.pt/arquivo/vol_XVIII_1/artigo1.pdf

Cristos. José Rodrigues: Esculturas e desenhos. Câmara Municipal do Porto, coord. Alfredo Vieira e Fábrica Social - Fundação José Rodrigues, Porto, Câmara Municipal do Porto e Fábrica Social - Fundação José Rodrigues, 2013.

DE BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; DE SCHOUTHEETE, Marc (1977). Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica. Prefácio de Jean Ladrière. Tradução de Ruth Joffily. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

DGCP. Direção-Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2019]. Disponível em: <https://goo.gl/tQ1SDX>

Direção Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2019]. Disponível em: <https://goo.gl/rqR37f>

DOLLAN, Gabrielle (2017). Stories for Work: The Essential Guide to Business Storytelling. Melbourne: John Wiley & Sons Australia.

EHERITAGELAB. [consultado pela última vez em setembro de 2019]. Disponível em: <https://mil.up.pt/eheritagelab/>

ESBAP <http://bipz.inesporto.pt/arquivo/49/paginas/noticia3.html>

FAUSTINO, P. (2013). Fundamentos e Desenvolvimento do Conceito de Indústrias Criativas e Clusters. Em P. Faustino, Indústria Criativas, Media e Clusters (pp. 17-54). Lisboa: Media XXI - Formalpress.

GIBSON, R. "The rise of digital multimedia systems". Disponível em: <http://epress.lib.uts.edu.au/research/bitstream/handle/10453/1575/2004000764.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11/12/10.

GOMES, José António (2016). O olhar de José Rodrigues. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 8.

ICOMOS. [consultado em ago 2019]. Disponível em: <https://goo.gl/rbgLHY>

ICOMOS. *Princípios da Carta Internacional do Turismo Cultural*. (consultado em 20169). Disponível em: <https://goo.gl/X5efNb>

Job. José Rodrigues: *Desenhos*. coord. Nuno Higinio. Fábrica Social - Fundação José Rodrigues e Associação Cultural Convento de San Payo, 2012.

José Rodrigues. *Homenagem: O Sentimento Trágico da Vida. Desenhos e Esculturas*, coord. Fátima Patrício e Alfredo Vieira, Clube Literário do Porto, Porto, Clube Literário do Porto, Associação Cultural Convento de San Payo, 2005.

José Rodrigues: *O Sentimento Trágico da Vida*. Porto: Edições Asa, 2003.

José Rodrigues: *Variações sobre Salomé*. Galeria do Centro Cultural Gandarinha, Cascais, coord. Manuela Abreu e Lima, Cascais: Fundação D. Luís I, 1998.

LARANJO, Francisco (2016). *Setembro no Porto, José Rodrigues*. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 21.

MANOVICH, L. (2001). “Novas mídias como tecnologia e idéia: Dez definições”. In: *O chip e o caleidoscópio: Reflexões sobre as novas mídias*. Lúcia Leão (org.). São Paulo: Senac, 2005. MANOVICH, L. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press.

MARTINS, Albano (2016). *Na morte de José Rodrigues: uma página de diário*. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 11.

MARTINS, D. José, CORDEIRO, D. José, NUNES, António J, PIRES, Estevinho, GOMES, José R, MENDONÇA, José T., HIGINO, Nuno (2012). A Pietà de José Rodrigues na Catedral de Bragança, Letras&Coisas.

MIL. [consultado pela última vez em setembro de 2019]. Disponível em: <https://mil.up.pt/>

MONTENEGRO, Júlio, MARTINS, Albano, (2012). José Rodrigues: Exercícios de delicada intimidade. Coord. Bial e Alfredo Vieira, Bial.

NOGUEIRA, Fernando (2016). Gratidão. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 12.

NÚÑEZ, António. (2009) É melhor contar tudo: o poder de sedução das histórias no mundo empresarial e pessoal. São Paulo.

PASIKOWSKA-SCHNASS, M. (2017). Access to Culture in European Union. Brussels: European Parliamentary Research Service.

PASSARELLI, Brasilina, SILVA, Armando M, RAMOS, Fernando (2014). Infocomunicação: estratégias e aplicações. Senac, São Paulo.

Plataforma Digital consultada em <https://vertigo.com.br/plataforma-digital-portal-intranet-mobile/>

OLIVEIRA, A., PEREIRA, M. Sousa (2018). Silêncio no Atelier. Obras do escultor José Rodrigues. Coordenação de Ágata Rodrigues. Porto: Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues.

PEREIRA, Helena (2016). José Rodrigues e as ruturas na escultura. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 18.

PEREIRA, Gaspar M. (s.d.). Baco: José Rodrigues, Fábrica Social - Fundação José Rodrigues e Associação Cultural Convento de San Payo.

PINHEIRO, Sara – *As Quatro Exposições dos “Quatro Vintes” e Outras Atividades. Escritos e Testemunhos*. Porto, 2013. Faculdade de Belas-Artes do Porto. Dissertação de Mestrado

PINHO, Arnaldo (2000). Cristos. José Rodrigues: Esculturas e desenhos. Coordenação de Alfredo Vieira. Associação Cultural Convento de San Payo.

PINTO, Maria Manuela, MEDINA, Susana, MATOS, Rodolfo, & FONTES, Paulo. (2016). *U.OPENLab methodology: A Conceptual Model and Flowchart for the Dynamic Co-Production and (Re)use of Digital Contents*. Paper presented at the ICERI2016 Conference 14th-16th, Seville, Spain.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (1998) Manual de Investigação em Ciências Sociais, Gradiva Publicações Lda., Lisboa

RODRIGUES, A., BRANCO, A., VEIGA, M. (s.d.). Eros. José Rodrigues. Catálogo Edição Jornal de Notícias/Diário de Notícias.

RUIZ, Ricardo, BARBOSA, Sandro, SILVA, Lino (2005). *José Rodrigues Navegador*, Instituto das Artes e da Imagem.

SALMON, C. (2007), *Storytelling. La machine à fabriquer les images et à formater les esprits*, Paris, La Découverte. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/communication/2635>

SECCA, Amândio (2016). Ao José Rodrigues – Meu Amigo. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 9.

SECCA, Amândio, CASTRO, Laura (2013). José Rodrigues. Anos 60 | 70: Desenho e Escultura. Comemorações dos Cinquenta Anos da Árvore, Árvore - Cooperativa de Atividades Artística, C.R.L., Norprint.

SIGARRA U.Porto. [consultado em set 2019]. Disponível em: <https://goo.gl/rT6Tkc>

SIMMONS, Annette. (2006) The Story Factor: Secrets of Influence from the Art of Storytelling. United States of America.

SILVA, Armando Malheiro. O Método Quadripolar e a Pesquisa em Ciência da Informação, Prisma.com nº 26, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CETAC.MEDIA, ISSN: 1646-3153.

SOARES, M. Leonor (2016). Como de habitasse um chapéu que vagueia no vento. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 20.

SOARES, Leonor. José Rodrigues: desenhando lugares, ligando histórias e mares. Artistas e artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, p. 393-401 e disponível on-line em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14179/2/6163000068187.pdf>

SOARES, Maria Leonor Barbosa – “Interacções, reflexos e projecções: poéticas dos materiais e das técnicas na obra de José Rodrigues”. In Revista da Faculdade de Letras

CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO Porto 2008-2009 I Série, Volume VII-VIII, pp. 422 e disponível on-line em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9428.pdf>

SOARES, L., CASTRO, Laura, & BOCHICCHIO, Maria (2016). José Rodrigues: esculturas na cidade do Porto. Coordenação de textos por Graça Martins. Porto: Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues.

SOARES, Maria Leonor Barbosa – José Rodrigues. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2010. Porto: Árvore - Cooperativa de Atividades Artísticas, 2010.

SOARES, Maria Leonor Barbosa - José Rodrigues: traduções do ser apaziguando o tempo: vertentes e modos de um percurso. Porto: 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SOARES, Maria Leonor Barbosa – “Movimentos dentro do olhar: perspectivas sobre a interpretação de Salomé por José Rodrigues.” Actas do I Seminário Internacional Luso-Brasileiro Artistas e Artífices no Norte de Portugal, FLUP, 2006. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (Coord) – *Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa*. Porto: Cepese, pp. 189-191.

Tocar as Coisas da Memória. José Rodrigues: Esculturas e desenhos. Câmara Municipal do Porto, coord. Nuno Higinio. Letras&Coisas. Fábrica Social - Fundação José Rodrigues e Associação Cultural Convento de San Payo, 2009.

TOLISANO, Silvia. (2009) Digital Storytelling tools for educators. Disponível em: <http://langwitches.org/blog/wp-content/uploads/2009/12/Digital-Storytelling-Guide-by-Silvia-RosenthalTolisano.pdf>

TRIGO, Salvato (2016). José Rodrigues: A Arte em Busca do Além. Revista As Artes entre as Letras. Nº 180, p. 10.

UNESCO. [consultado em ago 2019]. Disponível em: <https://goo.gl/thD46W>

UZELAC, A. (2008). How to understand digital culture: Digital culture - a resource for a knowledge society? Em A. Uzelac, & B. Cvjetičanin, Digital Culture: The Changing Dynamics (pp. 7-21). Zagreb: Institute for International Relations.

VASQUEZ, Daniel (2009). *José Rodrigues Navegador*, Instituto das Artes e da Imagem.

Volume II

Sumário

APÊNDICE III – Das Belas Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da arte de José Rodrigues em espaços públicos do Porto.....	4
APÊNDICE II – Uma viagem por Portugal com as obras de José Rodrigues no espaço público	92
APÊNDICE III – José Rodrigues: A Vontade de Transformar.....	227
APÊNDICE IV – Ficha Técnica	354
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES	355